



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPOS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DAS AÇÕES DO PIBID NOS CURSOS DE
LICENCIATURA EM QUÍMICA DA UFS E DO IFS

LAÍS MENEZES CARDOSO DOS SANTOS

SÃO CRISTÓVÃO – SE
2016

LAÍS MENEZES CARDOSO DOS SANTOS

**UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DAS AÇÕES DO PIBID NOS CURSOS DE
LICENCIATURA EM QUÍMICA DA UFS E DO IFS**

**Dissertação apresentada à banca examinadora do
Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências
e Matemática na Universidade Federal de Sergipe
como requisito para obtenção do título de Mestre
em Ensino de Ciências e Matemática.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliana Midori Sussuchi

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2016**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237e Santos, Laís Menezes Cardoso dos
Um estudo sobre os impactos das ações do PIBID nos cursos de licenciatura em química da UFS e do IFS / Laís Menezes Cardoso dos Santos ; orientador Eliana Midori Sussuchi. - São Cristóvão, 2016.
116 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ensino e Ciências Naturais e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Brasil).
2. Professores - Formação. 3. Química - Estudo e ensino. 4. Instituto Federal de Sergipe. 5. Universidade Federal de Sergipe. I. Sussuchi, Eliana Midori, orient. II. Título.

CDU 54:378.014.543.3

LAÍS MENEZES CARDOSO DOS SANTOS

**UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS DAS AÇÕES DO PIBID NOS CURSOS DE
LICENCIATURA EM QUÍMICA DA UFS E DO IFS**

Trabalho apresentado como requisito para obtenção de Título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Eliana Midori Sussuchi (Orientadora)

Prof. Dr.^a Divanizia do Nascimento Souza (Membro Interno)

Prof. Dr. Juvenal Carolino da Silva Filho (Membro Externo)

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2016**

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus, pelo dom da vida e por me permitir a superação de vários obstáculos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe, onde este trabalho está sendo desenvolvido.

Aos meus pais pelo apoio e por todo amor envolvido.

A minha dinda e segunda mãe Estela por desempenhar um papel importante em minha vida concretizando alguns sonhos e por todas as demonstrações de carinho.

A minha irmã Luana, avós, tios, tias, primos, primas, padrasto e demais familiares, pela torcida e pelo crescimento que o convívio com todos vocês me possibilita.

Ao noivo Bruno, pela paciência e transmissão de confiança não só nos momentos de alegria, mas também nos momentos difíceis.

Ao meu ciclo de amizade (Geovania, Maryflan, Tamiles, Gê, Neildes, Tarciane, Michelle e Taynara) heterogêneo, indestrutível e indivisível.

Aos amigos da turma de mestrado 2014/1, que me ajudaram de várias e diferentes formas possíveis no desenvolvimento e sucesso deste trabalho.

A minha querida orientadora Eliana Midori Sussuchi por todas as contribuições, caronas e pela sua amizade desde o início desta pesquisa.

Aos meus queridos e inesquecíveis professores do IFS/*Campus* Aracaju Alysson, Rosanne e Helena Bonaparte pelo carinho, apoio e atenção de sempre.

Aos sujeitos da pesquisa;

Enfim, a todos que direta ou indiretamente torcem pelo meu sucesso, abraços a todos e meu muito obrigada!!!!

“Apesar da urgência, é necessário que as pessoas possuam o tempo e as condições humanas e materiais para ir mais longe. O trabalho da formação deve estar próximo da realidade escolar e dos problemas sentidos pelos professores”.

Lieberman (1999)

RESUMO

O presente trabalho apresenta alguns apontamentos que resultam de uma pesquisa sobre a formação inicial de professores na perspectiva das políticas públicas. A delimitação escolhida nesta pesquisa nos processos pedagógicos é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Buscamos compreender os impactos frente ao processo de formação dos licenciandos do curso de Química da Universidade Federal de Sergipe (UFS)/*Campus* São Cristóvão e do Instituto Federal de Sergipe (IFS)/*Campus* Aracaju, ingressantes do Edital N° 061/2013/CAPES. Tal objetivo envolve oportunizar a reflexão sobre a formação inicial de professores, as necessidades formativas para o ensino de Química e acerca dos entendimentos assumidos por diferentes sujeitos sobre o PIBID. Para alcançar o objetivo proposto, buscamos analisar e discutir as ações implementadas pelo PIBID a partir dos subprojetos das duas instituições já citadas, avaliações de sondagem e entrevistas semiestruturadas em que procedemos uma análise qualitativa textual discursiva. A relevância do estudo se dá pela recente implantação do programa no país, buscando incentivar sua manutenção, permanência e ampliação, bem como a criação de novas propostas que envolvam os alunos de licenciatura e que valorizem a profissão docente. Os resultados evidenciaram que o PIBID teve um impacto positivo, uma vez que é compreendido pelos bolsistas como um avanço na formação inicial por possibilitar vivência mais intensa da realidade escolar, servir como espaço de reflexão sobre a profissão docente, para a produção de novas abordagens e de diferentes materiais didáticos para o ensino de Química e para a valorização profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial, PIBID, Química.

ABSTRACT

This paper presents some notes resulted from a research about minor teacher formation from the perspective of public policy. The chosen definition in this research about the pedagogical processes is the Institutional Scholarship Program Teaching Introduction (PIBID, in Portuguese). We look forward to understand the impact on the process of the training of undergraduate students from the course of Chemistry of the Federal University of Sergipe (UFS)/Campus São Cristóvão and from the Federal Institute of Sergipe (IFS)/Campus Aracaju, entering the Edital N^o. 061/2013/CAPES. This objective involves creating opportunities to reflect about the initial teacher training, the training needs to teach chemistry from the eye of the understandings made by different subjects on the PIBID. To achieve the proposed objective, we analyse and discuss the actions taken by PIBID from the sub-projects of the two institutions already mentioned, polling reviews and semi-structured interviews in which proceeded a discursive textual qualitative analysis. The relevance of the study is given by the recent implementation of the program in the country, encouraging its maintenance, retention and expansion, and the creation of new proposals involving undergraduate students and highlighting the teaching profession. The results showed that the PIBID has a positive impact as it is understood by schools as a breakthrough in the initial training for more intense experience with the school reality and as a reflection on the teaching profession by producing new approaches and different teaching materials for teaching chemistry and for professional development.

Keywords: Initial Formation, PIBID, Chemistry.

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS	8
ESTADO DA ARTE	10
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1 PIBID enquanto uma perspectiva mais ampla de formação de professores.....	18
1.2 A construção de saberes na formação inicial de professores através do PIBID.....	20
1.3 Estrutura dos subprojetos PIBID/CAPES/Química relacionada às necessidades formativas dos licenciandos.....	24
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA.....	30
2.1 Contexto da elaboração das etapas	30
2.2 Etapas da pesquisa	31
CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	34
3.1 Análise da avaliação de sondagem	35
3.2 Análise dos discursos coletados nas entrevistas	43
3.2.1 Contribuições do PIBID para melhoria da formação inicial de professores de Química	44
3.2.2 Dificuldades encontradas pelos bolsistas ao longo da execução das ações.....	48
3.2.3 Relação do PIBID com disciplinas de ensino.....	51
3.2.4 Impactos do possível fim do programa na formação dos bolsistas	53
CONSIDERAÇÕES	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXO A: PLANO DE TRABALHO DO PIBID/UFS	63
ANEXO B: PLANO DE TRABALHO DO PIBID/IFS	68
ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	73
ANEXO D: AVALIAÇÃO DE SONDAÇÃO	74
ANEXO E: ENTREVISTA - PIBID/IFS	78
ANEXO F: ENTREVISTAS- PIBID/UFS.....	91

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Durante a minha vida de estudante, como aluna da educação básica, sempre senti afinidade pelo exercício da docência. Conclui o ensino médio em 2007 na rede pública de ensino, onde o objetivo da grande maioria das aulas era norteado na transmissão resumida de conceitos teóricos. Logo no início do ano de 2008, me matriculei em um curso preparatório para o vestibular, onde a realidade não foi muito diferenciada da escola. As aulas se diferenciavam apenas por serem extrovertidas, mas não existia um diálogo, os questionamentos, a provocação durante o processo de ensino e aprendizagem.

Sem dúvidas, estas experiências de vida só me impulsionaram a prestar vestibular voltado à licenciatura com o intuito de trabalhar como docente da educação básica e levar sentido ao que está sendo mediado, refletindo sobre práticas e conceitos.

Iniciei o curso de licenciatura em Química em 2009 pelo Instituto Federal de Sergipe (IFS) e fui me inserindo no “mundo da ciência”, no entanto, a expectativa pela docência foi só aumentando, uma vez que, nos primeiros semestres do curso, o direcionamento das disciplinas era completamente teórico. Me deparei com disciplinas pedagógicas voltadas para a formação de professores, porém, a prática se distanciava das ementas das mesmas. Então, no ano de 2012, me inscrevi para a seleção do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/IFS), com o intuito de antecipar o contato com prática docente e melhorar a minha formação como futura docente.

No PIBID/IFS/Química consegui consolidar minhas concepções sobre meu futuro profissional, experimentar alegrias, desafios e frustrações que um professor enfrenta no seu dia a dia e, conseqüentemente, entender seu papel e sua responsabilidade para com a sociedade. Além disso, desenvolvi projetos em conjunto com a escola e a instituição de nível superior, por conseguinte, fui inserida no mundo das produções acadêmicas expondo resultados sobre as ações realizadas pelo programa.

Diante dessas considerações sobre o PIBID/IFS/Química, afirmo que este programa surgiu como fator determinante para meu ingresso no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe. Não obstante, se constituiu o objeto de estudo desta pesquisa, com o intuito de obter uma maior compreensão de programas que incentivam a formação docente, uma vez que podem levar a uma formação crítica e reflexiva sobre as práticas pedagógicas e saberes dos professores. Nessa perspectiva, se

constrói a identidade profissional dos sujeitos envolvidos no processo de formação com um diferencial cada vez mais peculiar.

A relevância desta pesquisa contribui para o desenvolvimento de futuras pesquisas na área de ensino de Química, voltadas para uma análise específica dos impactos do programa na formação inicial dos licenciandos. Além disso, em meio a fortes afirmações sobre o fim do programa PIBID/CAPES, este trabalho pretende também ressaltar a importância das políticas públicas no sistema educacional brasileiro, visto que é um dos possíveis caminhos para o aperfeiçoamento no tocante à formação docente.

ESTADO DA ARTE

O cenário da educação pública brasileira tem se constituído de um quadro, no mínimo, preocupante, que pode ser explicado, entre outras causas, pelo baixo desempenho dos alunos, evidenciado em avaliações internas e externas, e pela precariedade da formação de professores acompanhada da desvalorização da profissão docente, o que implica cada vez mais na necessidade de mudanças no sentido de aproximar os cursos de licenciatura à realidade escolar e de promover incentivo à docência (GATTI; BARRETO; ANDRÉ, 2011, p. 129).

Frente a isso, nos últimos anos, pesquisas sobre políticas públicas de formação de professores vêm crescendo de forma expressiva, o que pode ser comprovado pela ampliação de produções, seja em número de trabalhos publicados, novos periódicos ou na expansão de trabalhos em programas de pós-graduação. Acompanhando esse expressivo crescimento, vem sendo intensificadas, também, as investigações e reflexões sobre a temática, suas tendências e aspectos relacionados à elaboração e implantação.

O PIBID configura-se em uma política complementar aos estágios de incentivo a formação docente no panorama das políticas públicas em educação no Brasil, assim, é pertinente mostrar ações que estão acontecendo, bem como, seu papel frente à implantação dessa política. Além disso, se define como uma política com cunho histórico recente no campo da formação docente (GATTI; BARRETO; ANDRÉ, 2011).

O primeiro edital foi lançado em dezembro de 2007, pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) contemplando apenas os Institutos Federais de Ensino Superior (IFES). Ao ser lançado, a prioridade de atendimento eram as áreas de Física, Química, Biologia e Matemática para o ensino médio, dada a carência de professores nessas disciplinas.

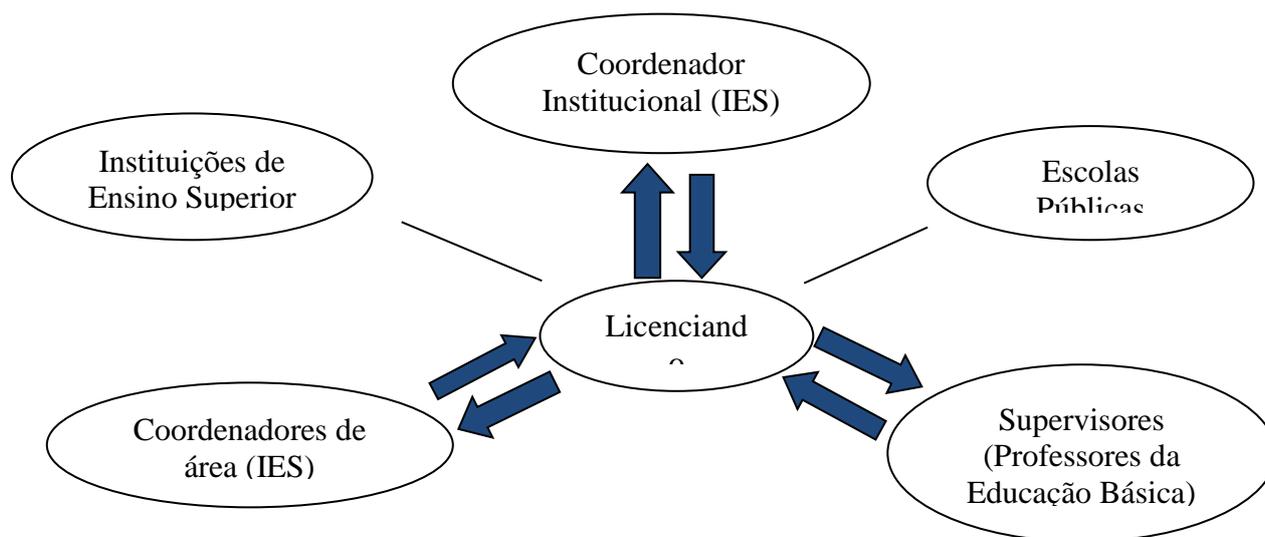
No entanto, com os primeiros resultados, as políticas de valorização do magistério e o crescimento da demanda, a partir de 2009, o programa passou atender a toda a Educação Básica, incluindo educação de jovens e adultos, indígenas, do campo e quilombolas. Atualmente, a definição dos níveis a serem atendidos e a prioridade das áreas cabem às instituições participantes, em diálogo com as redes de ensino e verificada a necessidade educacional e social do local ou da região.

Com o crescente número de IES (Instituições de Educação Superior) que aderiram ao programa, como forma de tornar o programa uma política consolidada legalmente, foi publicado o Decreto n. 7.210/2010. Neste documento, estão dispostos os objetivos do

programa; dentre eles, o Art. 3º que estabelece: “I - incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; II - contribuir para a valorização do magistério; III - elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica” (BRASIL, 2010, p. 2).¹

A estrutura básica do programa é organizada da seguinte forma: cada instituição que possui o programa existe um coordenador institucional, que tem a função de gerir todo o programa da instituição do centro de ensino superior em questão. Na sequência, tem os coordenadores de áreas, cuja tarefa é orientar as ações dos bolsistas nas escolas participantes e, também, administrar o referido subprojeto.

Além disso, conta ainda com um supervisor por área, este são professores da escola pública onde os bolsistas estão inseridos, e sua principal atribuição é propor as intervenções que serão desenvolvidas pelos mesmos nas escolas da rede estadual. Por fim, os bolsistas têm o dever de desenvolverem ações propostas nas escolas participantes do programa. O Esquema 1 ilustra de forma simplificada a dinâmica do programa.



Esquema 1: Dinâmica do PIBID/CAPES.

As atividades desenvolvidas pelos bolsistas visam à inserção gradativa destes licenciandos no ambiente escolar, para que estes futuros professores já possam estar ambientados com o dia a dia de um educador. Têm-se também várias discussões e reflexões sobre as práticas desenvolvidas por estes licenciandos, pois este é o diferencial do PIBID, que

¹ BRASIL. Portaria n. 260. Normas Gerais do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília, DF: CAPES, 30 de dezembro de 2010.

é o pensar e o agir sempre com respaldo de um referencial teórico, fato que, conseguinte, eleva a qualificação deste futuro professor.

Nesse sentido, é cada vez mais necessário se extrair o máximo de informações acerca do PIBID, para que possa compreender sua importância no cenário nacional, enquanto programa referência na formação docente.

Como afirma Scheibe (2010, p.11), o PIBID já faz parte de “um grande movimento nas políticas públicas com vistas a suprir a defasagem de formação e de valorização do trabalho docente”. E desde o ano que foi lançado o primeiro edital, o programa vem ganhando, cada vez mais, a adesão das instituições formadoras de professores (GATTI; BARRETO; ANDRÉ, 2011).

Parte desse esforço é materializado na expressiva produção de dissertações e teses defendidas em áreas específicas de ensino, bem como em seções exclusivas em revistas destinadas a reconhecer os principais resultados já encontrados do programa no âmbito da formação inicial de professores.

Não é difícil perceber a pertinência dessas pesquisas que vêm sendo adotadas com múltiplas abordagens, metodologias, diversidade de rumos e objetos nas pesquisas na área da Química. Tornando relevante uma análise com o intuito de delinear suas diferentes contribuições, além das diversas compreensões.

Neste sentido, visamos construir o que denominamos de “Estado da arte” no contexto do PIBID, com especial atenção à questão de formação inicial de professores na área específica da Química. Assim, é interessante identificar os levantamentos, mapeamentos e classificações gerais a respeito do tema em questão.

Os estudos de tipo estado da arte permitem, num recorte temporal definido, sistematizar um determinado campo de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura (HADDAD, 2002, p. 9).

Neste capítulo realizamos uma ampla busca pelos termos “PIBID e formação de professor” em diversas fontes de pesquisa, tais como: publicações de artigos em revistas conceituadas na área de ensino, dissertações, teses e livros relevantes ao tema. Esta pesquisa compreendeu o período de 8 anos, entre 2007 e 2015, desde o ano do primeiro edital até os dias atuais. A escolha dos objetos de estudo se deu pela relevância do programa para a educação pública e a expressiva participação de instituições de ensino superior nos cursos de licenciatura na iniciativa.

Em seguida, os critérios de busca foram desenvolvidos em mais duas etapas. Em uma dessas, desenhou-se um panorama geral desses trabalhos contemplando as áreas específicas das Ciências: Física, Química, Biologia e Matemática. A etapa seguinte restringiu a amostra em 24 trabalhos específicos a área da Química, sendo caracterizados:

Dissertações (3):

- a) *A Formação Docente nos Subprojetos Química do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência* (GARCIA, 2013).
- b) *Formação de Professores de Química: Um Olhar Sobre o Pibid da Universidade Federal de Uberlândia*. (BEDIN, 2012).
- c) *O Papel do Pibid na Formação Inicial de Professores de Química na Universidade Estadual de Londrina* (STANZANI, 2012).

Livros (4):

- a) *PIBID Química: Ações e Pesquisas na Universidade Federal de Rondônia* (JUNIOR, 2011).
- b) *Política Pública em Educação: Um Estudo Sobre o PIBID na Formação Inicial de Professores de Química*. (SANTOS, 2015).
- c) *Abordagem Experimental no Ensino de Química- Manual de Prática de Laboratório PIBID/UTFPR* (PEREIRA, 2014).
- d) *Vivências e Experiências no Pibid em Química* (FREIRE, 2013).

Artigos (17):

- a) *Perspectivas dos Bolsistas do PIBID/Química/UFS/São Cristóvão no Processo de Formação Inicial de Professores*. (SANTOS, et al, 2015).
- b) *A Influência do PIBID no Processo de Formação Inicial dos Licenciandos em Química da UFS/São Cristóvão*. (SANTOS, et al., 2015).
- c) *O Processo de Democratização do Acesso ao Ensino Superior e a Importância do PIBID no Contexto dos Alunos do Curso de Licenciatura em Química* (COSTA, et al, 2012).
- d) *Histórias de Sala de Aula de Professoras de Química: Partilha de Saberes e de Experiências nas Rodas de Formação do PIBID/FURG* (DORNELES, et al., 2012).
- e) *A Percepção dos Licencia(n)dos em Química sobre o Impacto do PIBID em sua Formação para a Docência* (WEBER, et al., 2013).
- f) *PIBID/Licenciatura em Química da Universidade de Brasília: Inter-relacionando Ensino, Pesquisa e Extensão* (BAPTISTA, 2013).

- g) *Compreensões e Significados sobre o PIBID para a Melhoria da Formação de Professores de Biologia, Física e Química* (PAREDES, et al., 2012).
- h) *O PIBID e a Licenciatura em Química num Contexto Institucional de Pesquisa Química Destacada: Cenário, Dificuldades e Perspectivas* (ROSSI, 2013).
- i) *As Contribuições do PIBID ao Processo de Formação Inicial* (STANZANI, et al., 2012).
- j) *Avaliando Contribuições para a Formação Docente* (AMARAL, 2012).
- l) *Reflexões do PIBID-Química da UFRN: Para Além da Iniciação à Docência* (SILVA, et al., 2013).
- n) *A Influência do PIBID na Formação dos Acadêmicos de Química*. (BRAIBANTE, 2012).
- o) *PIBID: Uma Contribuição à Política de Formação Docente*. (FERNANDES, et al., 2013).
- p) *Aumentando o Interesse do Alunado pela Química Escolar e Implantação da Nova Proposta Curricular Mineira: Desenvolvimento Resultados de Projetos Seminal Realizado no PIBID-UFSJ* (PINHEIRO, 2012).
- q) *PIBID como Formação de Professores: Reflexões e Considerações Preliminares* (SOCZEK, 2011).
- r) *Concepções de Licenciandos do PIBID de Química Sobre o Papel Pedagógico da Experimentação* (GIBIN, et al., 2015)
- s) *Contribuições e Dificuldades na Produção de Material Didático no PIBID Química da UFS/Campus de São Cristóvão* (SOUZA, et al., 2015).
- s) *Vivências Pibidianas: Relatos e Reflexões Sobre Ações do PIBID/IFRS/POA no Colégio Estadual Júlio de Castilhos* (BAUSKA, et al., 2015).

A partir desse momento, iniciou-se um levantamento quantitativo de trabalhos produzidos no período de tempo estabelecido, tipo de produção, fonte de pesquisa, região, natureza e objetivos dos trabalhos. Essa sistematização ocorreu devido à abrangência da temática discutida e, ao mesmo tempo, pela necessidade da delimitação e construção de uma amostra mais restrita, visando o aprofundamento da análise.

As revistas contempladas nesta análise e respectivos tipos de classificação *Qualis* da Capes: Revista *Entrever* (B5); *Química Nova na Escola* (B2); *Scientia Plena* (B3); *Revista Formação Docente* (B3) e *Revista Virtual de Química* (B3). A escolha dessas revistas se deu pelo fato de estarem vinculadas a grupos de pesquisas e por aceitarem publicação de trabalhos com pesquisas realizadas contemplando o ensino das Ciências.

Tomando como ponto de partida a proposta do PIBID e como ponto de chegada as mudanças por ele propiciadas dentro da perspectiva de formação de professor, foi investigado o processo de análise sobre a relevância do programa para a educação pública e a expressiva participação de instituições de ensino superior e de cursos de Licenciatura em Química, sob a ótica das publicações analisadas.

O levantamento realizado com o conjunto de trabalhos identificados como “estado da arte” nas áreas das Ciências resultou em um total de 62 trabalhos que abarcaram os últimos oito anos. Sendo respectivamente distribuídos: Biologia (10), Física (14), Matemática (14) e Química (24).

Para melhor desenvolvimento da análise, houve maior atenção na área da química contendo um recorte de 24 trabalhos quanto à classificação de diferentes aspectos e quanto à própria produção de dados gerais analisados, alguns dos quais aqui destacados.

Objetivos de pesquisa nos trabalhos encontrados

Em um recorte quanto aos objetivos específicos encontrados nos resumos de cada trabalho analisado, verificou-se que metade das publicações consiste em analisar ações e atividades que contribuam para a formação inicial dos licenciandos em química.

Pode-se afirmar que os trabalhos analisados apresentam de forma geral, uma articulação evidente para proporcionar uma evolução no sistema de formação docente, pois se tem a consciência de que a educação brasileira necessita de um fortalecimento em seu alicerce, ou seja, de uma melhoria na formação dos educadores.

Sendo assim, este fato nos demonstra, claramente, que o PIBID foi, ao longo de sua primeira edição, um divisor de águas, uma vez que o programa se consolidou como um dos maiores programas de pesquisas e formação inicial docente do país. Tal fato é evidenciado na busca constante em analisar e investigar a atuação do programa em todo o país, onde encontra representado na outra metade na análise geral dos objetivos analisados nos resumos dos trabalhos desta pesquisa.

Com o crescimento do programa, verificou-se que muitos trabalhos analisados tratam o PIBID e os cursos de formação de professores de Química levando em consideração aspectos que se associam à questão da identidade, quais sejam as motivações pertinentes, as expectativas, as atitudes, as perspectivas e outros elementos determinantes no modo de ser professor.

Outra questão importante remete às potencialidades que o projeto propicia em uma parceria efetiva entre universidades e escolas da Educação Básica, o que pode potencializar a formação inicial do professor que ensina Química na Educação Básica. Concebe a inserção do licenciando na realidade escolar, de forma a familiarizá-lo com a cultura escolar; com as práticas educativas e com os principais desafios enfrentados pelos educadores no contexto educacional atual.

A repercussão positiva do PIBID como política pública complementar para os cursos de licenciatura é um aspecto em comum recorrente em todos os trabalhos analisados, porém, torna-se fundamental que pesquisas sejam realizadas no sentido de apontar problemas e dificuldades enfrentadas ao longo do desenvolvimento do programa durante todo processo formativo.

Os resultados apontam para uma contribuição importante, mostrando que o programa vem apresentando significativas experiências formativas de professores e inovações na pesquisa em educação química. Reforça-se aqui a necessidade de se investir e aprofundar as reflexões sobre os avanços, limites e possibilidades da área, de modo a possibilitar maiores contribuições e melhores resultados. Neste sentido, o PIBID se apresenta como um importante instrumento, contribuindo com a formação de professores para educação básica.

Quantitativo de trabalhos por ano

Nesse conjunto de 24 trabalhos, foi perceptível um aumento significativo no número de publicações na área da química no período de 2010 a 2012, saindo de 1 para 10 trabalhos publicados. Comprovando assim um aspecto relevante ao programa quanto ao ensino de química. Esse resultado é importante, pois mostra que estudos nessa área específica vêm se intensificando e justificando o crescimento do próprio programa.

Essa ampliação do número de trabalhos publicados nesse período de tempo a respeito do PIBID exprime também um movimento que modifica práticas pedagógicas e imprime um ritmo mais dinâmico ao contexto escolar. Além disso, demonstra uma maior preocupação para analisar o envolvimento da Educação Básica na formação dos futuros professores de química, uma vez que o saber docente é um saber plural.

Importante ressaltar que entre o período 2013 a meados de 2015 o quantitativo se manteve expressivo, com 14 trabalhos. Em contrapartida, nos dois anos posteriores ao primeiro edital do programa (2008 e 2009) não foi possível encontrar nenhum trabalho nos

formatos em questão, possivelmente, pelo fato de muitas instituições de ensino ainda passarem por uma fase de adaptação, compreensão e reconhecimento do programa.

Tipo de produção

Quanto ao tipo de produção, os trabalhos foram classificados em três tipos: artigos em revistas científicas, livros e dissertações.

Verifica-se que existe grande predominância de trabalhos publicados em revistas científicas conceituadas na área de ensino, abrangendo um total de 17 artigos. De certo modo, parece ser bastante positivo por ser uma fonte de pesquisa mais acessível e por proporcionar uma articulação significativa entre pesquisador e seu público alvo (professores do ensino básico, professor em formação e professores formadores de professores).

Quanto ao número de dissertações (03) e livros (04), foi encontrado um número bastante abaixo do esperado. Como o Programa é considerado de cunho recente, acredita-se que o tempo em que se leva para ser publicado um livro ou até mesmo uma dissertação foi um fator determinante para esse quantitativo encontrado.

Fonte de pesquisa

No tocante à análise específica das fontes de pesquisa, dos 17 trabalhos publicados em revistas, destaca-se a Química Nova na Escola (*qualis*-B2) com 10 trabalhos e a revista Scientia Plena (*qualis* B3) com 5 artigos publicados. Esse número elevado de publicações justifica-se pelas revistas terem reservado seções exclusivas para publicações relacionadas ao PIBID nos anos de 2012 e 2015, respectivamente. Essas publicações de artigos relatam experiências formativas de professores e indicam inovações na pesquisa em educação em química.

A revista EntreVer (*qualis*-B5) também contribui de forma positiva, por discutir a formação docente propiciada pelo programa, seus dilemas e perspectivas. Dentre as demais revistas analisadas existe uma preocupação em se discutir a temática em questão, no entanto, ainda há um número insatisfatório de artigos publicados, uma vez que trata-se de um programa de âmbito nacional com questões e abordagens distintas para cada instituição formadora de ensino.

Distribuição geográfica dos trabalhos

No que se refere à distribuição geográfica dos trabalhos, há predominância em publicações na região Sul com 9 trabalhos publicados, seguida das regiões Nordeste com 7 e da região Sudeste com 6 trabalhos. É possível relacionar esse expressivo quantitativo na região Sul por ser uma referência na área de Ensino de Química e por ter iniciado todo o processo de expansão do Programa.

O número pouco expressivo de trabalhos publicados nos 3 tipos designados da pesquisa (revistas, dissertações e livro) nas regiões Norte e Centro-Oeste, ambas com apenas 1 trabalho, foi um fato bastante preocupante durante a análise, pois só foi encontrado 1 trabalho em cada uma das regiões citadas.

Como a região Nordeste, produziu um quantitativo expressivo dos trabalhos publicados, espera-se que essa totalidade seja elevada nos anos futuros, pois é a região que apresenta maior número de projetos em andamento de acordo com dados da Capes.

No entanto, é importante salientar, que foi somente a partir do ano de 2011 que o programa se expandiu em toda a região.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 PIBID enquanto uma perspectiva mais ampla de formação de professores

As universidades públicas buscam ter como um dos seus alicerces a tríade ensino, pesquisa e extensão, aspectos igualmente relevantes dentro do âmbito universitário à medida que o ensino e a pesquisa formam a base para as ações de extensão, e essas ações auxiliam na determinação e direcionamento de ambas, devendo haver deste modo uma integração ensino-pesquisa-extensão.

A extensão é tida como um instrumento de interação entre a universidade e a comunidade, possibilitando que ela atue no processo contínuo de transformação pelo qual perpassa a sociedade. Assim as vivências geradas pelos programas de extensão universitária possibilitam ao aluno de licenciatura vivenciar o fazer, o criar e o construir, permitindo que haja no ensino superior uma integração teoria-prática durante a formação do docente.

Sem dúvida, o PIBID constitui-se numa das alternativas potenciais de extensão para fortalecer a formação docente, considerando as conexões entre os saberes que se constroem na

universidade e os saberes que cotidianamente são produzidos e se entre cruzam nas unidades escolares. Além disso, o Programa tem sido uma aposta do governo federal para promover uma mudança de cultura da formação de professores no Brasil, por envolver ações em prol da valorização e do reconhecimento das licenciaturas, para o estabelecimento de um novo status para os cursos de formação, e como política de incentivo à profissão docente (PAREDES, 2012).

A experiência real do professor em exercício na educação básica é relevante por enriquecer a formação inicial e profissional dos licenciandos, bolsistas do programa, uma vez que estes entram em contato direto com a realidade vivenciada diariamente pelos professores de ensino fundamental e de ensino médio. A esse respeito Pimenta afirma que:

[...] a formação inicial só pode se dar a partir da aquisição da experiência dos formandos (ou seja, tomar a prática existente como referência para a formação) e refletir-se nela. O futuro profissional não pode construir seu saber-fazer senão a partir de seu próprio fazer, não é senão sobre essa base que o saber, enquanto elaboração teórica, se constitui (PIMENTA, 2005, p. 26).

A formação de professores se diferencia de outras atividades de formação, pois se trata de um encontro entre pessoas, no qual ocorrem inúmeras trocas de conhecimentos entre formandos e formadores e é algo que precisa ser questionado e analisado. Uma das diretrizes propostas nos documentos elaborados pelo Ministério da Educação (MEC) em relação à formação de educadores é a seguinte: É preciso pensar a formação docente (inicial e continuada) como momentos de um processo contínuo de construção de uma prática docente qualificada, afirmação da identidade e da profissionalização do professor (BRASIL, 2005).²

Dessa forma, as vivências em sala de aula podem ser um divisor de águas na formação de um professor, contribuindo para reafirmar suas escolhas, rever suas ações a partir da análise de sua prática ou da de outro profissional, através da observação, levando em conta os resultados dela para o desenvolvimento do educando. Elas variam quase que de forma individual e pessoal, podendo ser gratificantes, incentivadoras, assustadoras, a reafirmação dos seus medos ou a extinção deles (ALONSO, 1999, p. 14).

Para Tardif (2002, p. 82), esse início na carreira docente “representa uma fase crítica em relação às experiências anteriores e o confronto inicial com a dura e complexa realidade

² BRASIL. MEC/SEB/DEP/COPFOR. Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica: orientações gerais. 2005.

do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão” e que, segundo esse autor, é apresentado como “choque de realidade”.

Neste sentido, a inovação do PIBID reside na possibilidade de, além das disciplinas de estágio, fornecer um tempo de reflexão sobre as responsabilidades da condição de professor, contribuindo para a melhoria da práxis profissional pela pesquisa na escola.

No entanto, para compreender a importância e o significado do PIBID, é necessário, refletir sobre a realidade escolar e os aspectos da formação dos professores, que nela potencialmente irão atuar, estabelecendo pontes nas relações entre os saberes através da função do professor/escola (na perspectiva do espaço da prática docente) e professor/universidade (na perspectiva do espaço de origem da formação).

1.2 A construção de saberes na formação inicial de professores através do PIBID

O professor é um profissional que detém saberes de variadas matrizes sobre a educação e tem como função principal educar crianças, jovens e adultos. Por isso, o “saber profissional” que orienta a atividade do professor insere-se na multiplicidade própria do trabalho dos profissionais, que atuam em diferentes situações, e que, portanto, precisam agir de forma diferenciada, mobilizando diferentes teorias, metodologias e habilidades.

Os estudos de Tardif (2010), realizados na perspectiva da sociologia das profissões, reforçam o caráter sócio prático da docência e contribuem para esta reflexão, apontando que o saber do professor precisa ser entendido num sentido amplo. Nesse caso, sua utilização depende de uma adequação às funções, aos problemas, às situações de trabalho e aos objetivos educacionais. Significa considerar que na e pela experiência, os professores selecionam, filtram, julgam e avaliam os diferentes saberes, incorporam à sua prática, negam ou retraduzem em função dos contextos variáveis e contingentes da atividade cotidiana.

O que caracteriza o saber da experiência ou, “saber prático” é o fato de se originar da prática cotidiana da profissão, sendo por ela validado. Tardif e Lessard (2005) afirmam que “para os professores, os saberes adquiridos através da experiência profissional constituem os fundamentos de sua competência, pois, é através deles que os professores julgam sua formação anterior ou sua formação ao longo da carreira”.

A tentativa de buscar diferentes possibilidades de conexões entre os saberes construídos na universidade e os saberes emergentes das ações pedagógicas no cotidiano da

escola de educação básica, consiste em alguns obstáculos diante da complexidade da formação.

Inicialmente, é sabido que o modelo de formação docente que tradicionalmente vem sendo adotado em algumas licenciaturas, não deixa espaço para a mediação do conhecimento pedagógico, levando os licenciandos a negarem sua formação na graduação, uma vez que a problematização das questões pedagógicas que acompanham os conteúdos específicos não está presente no processo formativo (MALDANER, 2006, p. 11).

A parte curricular que propicia o desenvolvimento de habilidades profissionais específicas para a atuação nas escolas e nas salas de aula acaba sendo bastante reduzida. Além do mais, em grande parte dos currículos, nota-se que não há uma articulação entre as disciplinas de formação específica, conteúdos da área disciplinar, e as de formação pedagógica, conteúdos da docência (GATTI, BARRETO, 2009, p. 31).

A escola e a sala de aula são apresentadas de forma descolada da realidade educacional brasileira. O cotidiano do curso retratado nas pesquisas é o caráter abstrato, genérico da formação. Por isso, há a necessidade de proporcionar aos licenciandos melhores perspectivas quanto à sua formação inicial na prática docente, tornando-a mais fundamentada e gerada a partir da prática como pesquisa.

Deve-se reconhecer os avanços das mudanças ocorridas após as Novas Diretrizes Curriculares para Cursos de Licenciatura (2002). Porém, se observa que as limitações presentes nas reformas dos currículos de licenciatura devem envolver melhorias e o aumento da preocupação de todos os formadores com as questões que envolvem a formação do professor.

Neste sentido, o PIBID se coloca como possibilidade de melhoria e ampliação dos processos de ensino e aprendizagem praticados na educação básica, auxiliando e oportunizando a ampliação das ações formativas de caráter teórico e prático, propiciando a inserção de acadêmicos na rede regular de ensino, numa tentativa de compreender como efetivamente se constitui o ensino e como se dá esta prática.

Freire (1996, p. 23) já afirmava que, antecipar a prática docente é, sobretudo, analisar, refletir, investigar e intervir no ensino, lançando desafios que permeiam o cotidiano dessa prática. Assim, desenvolver ações que pressuponham a inserção dos bolsistas do PIBID no cotidiano escolar, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar, compõe

a agenda fundamental do projeto que pretende investir em práticas formativas que pressuponham a melhoria da qualidade da oferta do ensino e da aprendizagem e a qualificação das que já vem sendo efetivadas nas escolas, tendo a relação teoria e prática como tradução da formação dos futuros profissionais da educação.

Outra problemática a respeito da complexidade da formação, apresentada por Pimenta e Lima (2006, p. 101), deve-se à maneira como as disciplinas de estágio supervisionado, responsáveis pela inserção do licenciando à sua futura realidade profissional, são estruturadas nos currículos de formação. Segundo as autoras, os estágios, de maneira geral, configuram-se “em atividades distantes da realidade concreta das escolas”, pois se resumem, muitas vezes, a atividades sem fundamentação e sem relação com o exercício da profissão docente.

A escola, enquanto instituição social e de ensino, é elemento quase ausente nos currículos, o que leva a pensar numa formação docente de caráter mais abstrato e pouco integrado ao contexto concreto onde o profissional-professor vai atuar (GATTI, BARRETO, 2009, p. 152).

A experiência na docência nos diversos níveis e na pesquisa sobre o ensino enfatiza a valorização do diálogo entre as áreas, entre lugares, sujeitos e saberes. Um dos objetivos do PIBID, é o de inserir o bolsista de iniciação à docência nesse contexto de pesquisa e reflexão acerca de seu processo formativo, pois, segundo Schnetzler e Silva (2011, p. 123), “muito mais do que um simples contexto de aplicação, a formação docente deve se fundamentar em um processo de investigação”.

Importante enfatizar que, o PIBID se diferencia do estágio supervisionado por ser uma proposta extracurricular, com carga horária maior que a estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) para o estágio e por acolher bolsistas desde o primeiro semestre letivo, se assim definirem as IES em seu projeto. A inserção no cotidiano das escolas deve ser orgânica, no sentido da prática efetiva (contínua) e não de caráter de observação, como muitas vezes acontece no estágio. A vivência de múltiplos aspectos pedagógicos das escolas é essencial ao bolsista.

O estágio situa suas raízes no corpo do projeto político pedagógico, como componente curricular obrigatório para todos os alunos dos cursos de formação de professores. Já o PIBID, como Programa financiado, com bolsas para os professores e licenciandos que dele participam oferece um avanço na valorização e incentivo à docência. O PIBID, assim como o Estágio Curricular Supervisionado, reconhece a escola como contexto importante na formação do profissional docente. Também compõe a ideia de que a convivência entre os diferentes

percursos e saberes oportunizam interações, diálogos e situações necessárias à formação e identificação profissional do futuro professor.

A inserção dos licenciandos na escola, o reconhecimento do potencial formativo desse contexto e a presença de profissionais experientes no acompanhamento dos alunos são algumas das interfaces entre o estágio curricular e o PIBID. Por outro lado, enquanto o primeiro pressupõe que o licenciando assuma a função pedagógica do professor (foco na regência), o segundo caracteriza-se pela exigência de diversificação de experiências e práticas provocadoras do interesse pela prática educativa, ampliando sua compreensão da escola e da profissão.

Diante disso, o programa passa a se tornar um instrumento de mudança significativa que possibilita articular ensino, pesquisa e prática pedagógica desde os anos iniciais da graduação, tornando o ensino objeto de investigação nos diversos cursos de licenciatura em parceria com as escolas.

Essa integração que o programa proporciona entre universidade e escola é, sem dúvida, um fator importante na formação dos licenciandos. Esse movimento de interação permite que o bolsista compartilhe experiências de ambas as partes envolvidas em seu processo formativo e, desse modo, pode estabelecer “uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagem, não com o objetivo de copiar, criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la” (PIMENTA E LIMA, 2004, p. 111).

Nesse contexto, Maldaner (2006, p. 395) destaca o potencial desse ambiente na formação de professores pesquisadores, umas das prioridades do PIBID. Essa interação entre professores de escola, professores de universidade e alunos da graduação é benéfica para todos, pois permite abordar problemas crônicos de ensino e, ainda, implementar a ideia da pesquisa como princípio educativo na prática, tanto na formação inicial quanto na formação continuada.

Assim, na atualidade, os desafios da formação, da profissionalização, dos saberes e da prática docente constituem problemas complexos e, neste sentido, demandam políticas sistêmicas capazes de enfrentar as múltiplas dimensões, pois “ser professor”, “tornar-se professor”, “constituir-se professor” e exercer o ofício é viver a ambiguidade, é exercitar a luta, enfrentar a heterogeneidade, as diferenças sociais e culturais no cotidiano dos diferentes espaços educativos.

Diante dos grandes desafios aos quais estamos sujeitos no âmbito educacional, o PIBID tem se demonstrado com um papel importante na formação dos estudantes de

licenciatura, na medida em que vem reduzindo o abismo entre a formação teórica e prática. A aproximação entre formação e realidade, não só da escola, mas também do bolsista, tende a propiciar a compreensão da formação como um processo contínuo, na busca de alternativas, para resolver as questões acerca dos saberes e das práticas do cotidiano escolar.

Logo, é pertinente afirmar que o mesmo proporciona aos bolsistas conhecer e vivenciar uma sala de aula e trocar experiências com os professores em exercício, preparando-os para o processo de formação inicial e capacitando-os para o exercício da docência. Essa formação ocorre na participação e no maior contato com a realidade das escolas, através da convivência do dia-a-dia escolar, observando as práticas que o futuro educador se deparará em sala de aula.

É importante afirmar que, o PIBID não se configura como o Estágio Curricular Supervisionado e nem com este compete. Nesse sentido, entende-se que as interfaces e distinções existentes entre essas duas ações são destinadas à promoção da aprendizagem da docência, longe de colocá-las em posição de confronto, realçam a importância do local de trabalho e da prática na formação docente.

Mediante a discussão, nota-se que o PIBID surge como mais uma oportunidade para a formação inicial, antecipando o contato com a realidade escolar, à medida que proporciona aos bolsistas vivências que preenchem a lacuna no que se refere à teoria e à prática, possibilitando a união das mesmas. Essas vivências irão estruturar os conhecimentos obtidos na universidade enquanto os bolsistas constroem sua prática a partir desta interação, além de promover aos futuros professores a tríade inicialmente comentada nesta seção: o ensino, pesquisa e extensão universitária.

1.3 Estrutura dos subprojetos PIBID/CAPES/Química relacionada às necessidades formativas dos licenciandos

Ao longo deste estudo vamos analisar os editais simplificados, apresentados nesta pesquisa como os subprojetos de Química da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Instituto Federal de Sergipe (IFS).

Esses subprojetos foram elaborados pelos coordenadores de área com respaldo dos coordenadores institucionais atreladas às orientações gerais da CAPES, que estão estruturados e voltados para à iniciação à docência. Além disso, apresentam as orientações por meio das atividades que serão desenvolvidas pelos bolsistas, tais como: carga horária, período de vigência da bolsa, dentre outros.

A realização de uma análise documental dos dois subprojetos de Química a partir do Edital N° 061/2013/CAPES busca compreender juntamente com os planos de trabalho das respectivas instituições, o processo de formação docente sob a perspectiva das ações didático-pedagógicas que serão realizadas durante o programa, as dificuldades, aproximações e a relação entre a elaboração e execução relacionadas as necessidades formativas apontadas por Carvalho e Gil-Pérez (2009).

Para esses autores, o ato de ensinar ciências em sala de aula demanda dos professores uma visão minimamente estruturada do conhecimento científico, fundamentada em atitudes que auxiliem em um aprendizado que valorize e respeite os indivíduos, além de permitir a compreensão de mundo, inserindo o pensamento da ciência como algo culturalmente construído. Ambos discutem às necessidades formativas dos professores de Ciências, a saber:

- A ruptura com visões simplistas;
- Conhecer a matéria a ser ensinada;
- Questionar as ideias docentes de “senso comum”;
- Adquirir conhecimentos teóricos sobre a aprendizagem das ciências;
- Saber analisar criticamente o “ensino tradicional”;
- Saber preparar atividades capazes de gerar uma aprendizagem efetiva;
- Saber dirigir o trabalho dos alunos;
- Saber avaliar;
- Adquirir a formação necessária para associar ensino e pesquisa didática.

A partir dessa perspectiva de formação docente, por meio do PIBID, espera-se que os futuros professores de Química possam compreender que existem formas de aprender e ensinar, no entanto, necessitam repensar em novas atitudes e posturas para que os conceitos científicos sejam ensinados. Dessa forma, a prática pedagógica deve possibilitar o entendimento das ciências, considerando os elementos científicos e tecnológicos desenvolvidos, e mobilizar os estudantes a desenvolverem atitudes e valores que os auxiliem na adaptação às novas demandas da sociedade.

Importante destacar que, para alcançar tais objetivos, as ações desenvolvidas no âmbito desses subprojetos sejam conduzidas de maneira que o ambiente escolar seja uma maneira de conhecer e adaptar as propostas didáticas à realidade social escolar, o que contribuirá para a melhoria da formação dos participantes do programa. Assim, ao longo do

processo formativo docente, através do PIBID, a prática deva ser intencionada, maximizando a superação dos obstáculos epistemológicos.

Sendo assim, contemplando os objetivos mencionados, conseguimos identificar pontos pertinentes nos subprojetos no que tange a pesquisa, culminando na análise abaixo.

O ***plano de trabalho da Universidade Federal de Sergipe*** (Anexo A) é executado com a participação de três coordenadores de área, sendo 2 efetivos custeados com a bolsa (um destes com formação na área de ensino) e 01 voluntário ao programa, e está baseado na diversidade de abordagens metodológicas e atividades:

- ✓ *Oficinas do saber*
- ✓ *Oficinas temáticas*
- ✓ *Ações de monitoria*
- ✓ *Feiras científicas*

As ***oficinas do saber***, partem da problematização e teorização das questões voltadas para a educação, ensino e aprendizagem. A formação do bolsista ocorre através de reuniões de planejamento, realização de cursos, oficinas, minicursos e visitas a espaços e eventos culturais.

As ***oficinas temáticas*** consistem na escolha do tema químico e social a ser trabalhado juntamente com o coordenador de área responsável por essa linha de pesquisa, análise do livro didático adotado nas escolas parceiras ao programa, definição das estratégias de ensino e na elaboração contextualizada do material a ser aplicado nas mesmas. A aplicação dessas oficinas enfatiza o trabalho coletivo e o uso da experimentação a partir de textos, vídeos, jogos didáticos e softwares.

Segundo Gaia (2008), as oficinas são baseadas em atividades experimentais, organizadas de maneira a provocar reflexão sobre os conceitos químicos e suas aplicações em situações concretas. O tratamento dado ao conteúdo dá subsídios para a construção interdisciplinar da química e o desenvolvimento de atitudes fundamentadas em conhecimento científico.

As ***ações de monitorias*** estão voltadas para a observação do campo de atuação de cada bolsista, reuniões semanais com o coordenador de área responsável tendo por base a autonomia de expor, discutir e, conseqüentemente produzir conhecimento científico na construção e elaboração do plano de ação a ser aplicado em cada escola.

As práticas de monitoria em sala de aula são de extrema importância e relevância para que os acadêmicos/bolsistas possam interagir e criar relações com os alunos e com os

professores, bem como qualificar sua formação inicial, pois a monitoria se constitui em uma possibilidade de aprendizagem e de desenvolvimento de habilidades didático-pedagógicas, que podem qualificar para o exercício da docência. Além disso, é apresentado por Diniz (2009), é uma forma de minimizar e/ou eliminar as dificuldades de aprendizagem, motivando os alunos da educação básica a aprender e gostar da Química.

Dessa forma, tanto as oficinas quanto as monitorias são planejadas de forma que os bolsistas realizem diversos estudos, proporcionando um embasamento teórico da temática, que, segundo Carvalho e Gil-Pérez (2009), relacionam-se à necessidade formativa “conhecer a matéria a ser ensinada”. Para Zanon, Oliveira e Queiroz (2009):

[...] quanto mais o professor dominar os saberes conceituais e metodológicos de seu conhecimento específico, mais facilmente será capaz de traduzi-los e interpretá-los buscando os conceitos e estruturas fundamentais do conteúdo. Decorre assim, a preocupação dos pós-graduandos em conhecer atividades e “estratégias de ensino que podem enriquecer e tornar as aulas mais didáticas e dinâmicas” (ZANON, OLIVEIRA, QUEIROZ, 2009).

Para Freire (1996) é essencial analisar os saberes que são necessários à prática educativa e fazer relação entre os mesmos e à formação docente. A ação necessária que deve motivar os educandos é o desejo de aprender, e que esse desejo deve ser provocado nos discentes, sem alienação. Deve ser um aprendizado no qual todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo, dando sentido assim, a reconstrução do conhecimento por meio de suas próprias práticas alcançando os saberes de forma clara.

Importante destacar que, espera-se a cada etapa um cronograma elaborado juntamente com o coordenador de área responsável pelas ações de monitorias, supervisores e bolsistas que culmine com as feiras científicas nas escolas, objetivando possibilitar uma maior aproximação entre alunos, professores da Educação Básica, pesquisadores e bolsistas do programa.

O planejamento das *feiras científicas* consiste na elaboração das atividades a serem executadas, visando diminuir as dificuldades de aprendizagem através da experimentação atrelada à necessidade formativa referenciada que implica de certa forma em “saber dirigir o trabalho dos alunos”. Nesta etapa, os experimentos são testados pelos bolsistas e alunos da educação básica. Contudo, a partir do momento em que os bolsistas se inserem nas escolas da

rede pública de ensino, existe um caminho já traçado (pré-determinado) para a realização de todas as atividades.

Na socialização dos resultados busca identificar e analisar os impactos das ações na motivação e melhoria das concepções dos estudantes sobre conceitos químicos e sociais abordados nas oficinas temáticas, nas monitorias e feiras científicas. Nesse sentido, consideramos que essas ações, numa visão geral, contemplam duas necessidades formativas apontadas por “Adquirir conhecimento sobre aprendizagem e aprendizagem de Ciências” e “Saber analisar criticamente o ensino tradicional”.

Possivelmente, alguns trabalhos científicos poderão ser apresentados em diversos eventos locais e nacionais, além da elaboração de artigos para publicação em revistas e livro apresentando as ações realizadas do PIBID/Química nas escolas.

A justificativa apresentada sobre a participação e apresentação de trabalhos está diretamente ligada ao favorecimento da prática educativa sobre os resultados da pesquisa educacional em ensino de Química, visando solucionar problemas relacionados ao ensino e aprendizagem.

O *plano de trabalho do Instituto Federal de Sergipe* (Anexo B), executado com a participação de dois coordenadores de área, ambos sem formação na área ensino. Além disso, é apresentado de forma sucinta e aberta, no sentido de que o próprio bolsista elaborar sua estratégia metodológica, de acordo com todas as condições, limites e dificuldades encontradas nas escolas. Em relação às atividades previstas, o foco é a *experimentação*, permitindo a autonomia dos mesmos para diagnosticar, problematizar, refletir e agir sobre determinada situação.

Francisco Jr., Ferreira e Hartwig (2008) afirmam que a experimentação em sala de aula deve ser de uma forma que o experimento seja problematizado. Dessa maneira, com a pedagogia problematizadora o professor deve suscitar nos estudantes o espírito crítico, a curiosidade, a não aceitação do conhecimento simplesmente transferido.

Retomando às necessidades formativas de Carvalho e Gil-Pérez (2009), e considerando a autonomia durante a atividade experimental, podemos apontar uma aproximação significativa entre “saber preparar atividades capazes de gerar uma aprendizagem efetiva” e “saber dirigir o trabalho dos alunos”.

Saber dirigir os trabalhos dos alunos, segundo Carvalho e Gil-Pérez (2003), implica em necessidades formativas tais como saber apresentar e ordenar as atividades em sala de

aula, mas também abarca habilidades como saber criar um bom clima de funcionamento da aula, fruto de relacionamento cordial entre bolsistas e alunos.

A primeira etapa do plano de trabalho do IFS, consiste na seleção de bolsistas, independentemente da linha de pesquisa dos coordenadores de área, seguida de todo planejamento baseado no desenvolvimento das atividades atreladas à experimentação e “testagem” dos materiais didáticos a serem utilizados durante os encontros para a investigação, criação e confecção.

Importante destacar que, a abordagem da experimentação não deve ser conduzida de forma ilustrativa como comprovação da teoria, pois nesse caso, reforçaremos a concepção positivista da ciência, de que só a partir de dados empíricos as teorias podem ser construídas e consideradas científicas (GALIAZZI, GONÇALVES, 2004).

A segunda etapa é a execução das atividades formativas e didático-pedagógicas nas escolas, permitindo uma relação entre mais uma necessidade elencada por Carvalho e Gil-Pérez: “ruptura com visões simplistas” dos futuros professores.

A etapa seguinte é caracterizada pelas visitas a espaços e eventos culturais, objetivando o contato dos bolsistas com diversos experimentos científicos, a interação dos mesmos com as escolas parceiras localizadas em outros *Campi* e com outros integrantes do programa das diversas áreas da ciência, como por exemplo, Física e Matemática. Esse envolvimento dos bolsistas permite que eles possam discutir e problematizar sobre certas situações vivenciadas na escola, acaba por propiciar novas descobertas e uma série de reflexões a partir de experiências evidenciando condições concretas do ambiente escolar.

A socialização dos resultados está relacionada à participação dos bolsistas em eventos no país para a apresentação dos resultados obtidos a partir das ações realizadas nas escolas.

A verba de custeio destacada nos dois planos de trabalho visa garantir a implementação das atividades de cada projeto. O somatório de investimentos, é apresentado em prol da melhoria da formação inicial dos professores-estudantes dos cursos de licenciatura das duas instituições – os quais têm o compromisso de atuar nas escolas públicas.

A manutenção ou o crescimento dos projetos institucionais tem como base os relatórios apresentados a partir das ações desses planos de metas, com resultados já alcançados, primando pela excelência pedagógica e pela diversificação das práticas formativas para a profissionalização dos futuros professores. Como afirma Maldaner (2006), faz com que eles se sintam valorizados em sua profissão e compromissados com as orientações curriculares produzidas, uma vez que passam a participar do processo de

implementação das pretendidas melhorias. Esse é o caminho apontado por estudos e pesquisas da área de ensino para uma mudança significativa.

Diante do que foi apresentado, levando em consideração que trata-se de um programa de cunho recente e desenvolvido em todo território nacional, sendo voltado à formação de professores, cabe um questionamento: Quais os impactos deste programa na formação inicial de professores de Química da Universidade Federal de Sergipe/*Campus* São Cristóvão e do Instituto Federal de Sergipe/*Campus* Aracaju?

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

2.1 Contexto da elaboração das etapas

Na realização desta pesquisa identificamos a necessidade de um método de obtenção de dados, ou seja, nos restringimos em uma abordagem qualitativa de investigação. A direção qualitativa de análise foi inspirada em André (2001), tratamos o objeto de estudo considerando todas as variáveis que o constitui e, utilizamos de instrumentos de cunho quantitativo, pois a utilização de tais ferramentas poderá contribuir para uma leitura mais acentuada do fenômeno em estudo.

Dentre a abordagem considerada qualitativa, destaca-se o estudo de caso.

[...] os estudos de caso pretendem retratar o idiossincrático e o particular como legítimos em si mesmos. Tal tipo de investigação toma como base o desenvolvimento de um conhecimento idiográfico, isto é, que enfatiza a compreensão dos eventos particulares (casos) (ANDRÉ, 1984, p. 52).

Apesar do estudo analisar uma situação particular presente nos cursos de licenciatura em Química, o caso representado aqui é passível de generalizações, tem relevância social e não se limita a buscar respostas prontas, mas provocar inquietações sobre a formação inicial do professores de Química e investigação sobre o Programa.

Sendo assim, além de compreender o objeto de pesquisa, estamos abrindo oportunidades para novas investigações e trabalhos acerca do tema e, conseqüentemente, trazendo para o estudo algumas situações que podem acontecer em outras instituições de Ensino Superior, além de buscar um diálogo com outros trabalhos já publicados.

Alves-Mazzotti (2006, p. 650), ao trazer uma discussão sobre os usos e abusos de estudos de casos, aponta que:

O estudo de caso qualitativo constitui uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto, selecionada segundo critérios predeterminados e, utilizando múltiplas fontes de dados, que se propõe a oferecer uma visão holística do fenômeno estudado. Os critérios para identificação e seleção do caso, porém, bem como as formas de generalização propostas, variam segundo a vinculação paradigmática do pesquisador, a qual é de sua livre escolha e deve ser respeitada. O importante é que haja critérios explícitos para a seleção do caso e que este seja realmente um “caso”, isto é, uma situação complexa e/ou intrigante, cuja relevância justifique o esforço de compreensão (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 650).

Sendo assim, apresentaremos em seguida instrumentos avaliativos sobre as escolhas feitas para a realização deste estudo.

2.2 Etapas da pesquisa

Buscamos conferir maior confiabilidade aos nossos dados, através da análise de documentos, avaliação de sondagem e realização de entrevistas semiestruturadas.

A) Análise de documentos

A primeira etapa consistiu na *análise de documentos* de implementação do programa, mais especificamente, dos subprojetos de Química das duas instituições analisadas que permitiram identificar o desenho estrutural do programa nos cursos de licenciatura das 2 instituições descritas neste trabalho.

Segundo Lüdke e André (2003, p. 39), os documentos escritos são “fonte poderosa de evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam, ainda, uma fonte ‘natural’ de informação”.

Foi observado também os planos de trabalho, ou seja, as propostas de ação prática pedagógica. Esta análise possibilitou, ainda, a realização de uma descrição das atividades desenvolvidas, das dificuldades e das aproximações presentes nos respectivos subprojetos.

Um dos problemas enfrentados na análise de documentos é justamente a reunião destes, visto que o acesso, em muitos casos, é bastante complicado. A busca pelos documentos citados foi realizada por meio de contatos via e-mail com coordenadores

institucionais e pesquisas em páginas eletrônicas para encontrar os fundamentos que regem o programa.

B) Avaliação de sondagem

Esta segunda etapa foi realizada logo após as reuniões de planejamento das atividades didático-pedagógicas. A amostra constou de 54 bolsistas, sendo 30 da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e 24 do Instituto Federal de Sergipe (IFS).

Com o envolvimento e a participação dos bolsistas como sujeitos da pesquisa, tivemos a preocupação com a questão ética. A ética é destacada por Vogrinc, Jurisevic e Devetak (2010, p. 1) como um ponto principal na atividade de pesquisa, pois envolve seres humanos e, assim, devem ser utilizadas maneiras de garantir o anonimato dos participantes e a preservação de sua identidade. Por isso, foi solicitado a assinatura de um termo de consentimento.

Após o aceite dos mesmos para participarem da pesquisa, os bolsistas assinaram o ***Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*** (ANEXO C), onde constam algumas informações gerais sobre o trabalho e a formalização para a publicação dos resultados coletados, fornecendo garantia do anonimato. O documento deixa claro que a qualquer momento o bolsista poderia desistir de participar da pesquisa sem que isso os comprometesse ou os prejudicasse de alguma forma.

Com o conhecimento sobre a envergadura do programa e seus respectivos subprojetos, realizamos a ***avaliação de sondagem*** (Anexo D). Nesta etapa, verificamos o perfil dos bolsistas, algumas concepções sobre o curso (escolha, forma de ingresso, dificuldades) e percepções sobre o programa (expectativas e perspectivas sobre o planejamento pedagógico).

Para a organização da análise levou-se em consideração o processo da análise textual discursiva, inspirando em Moraes (2003, p. 191). Esse processo trata-se de um movimento contínuo de idas e vindas ao objeto de estudo com as seguintes etapas:

Desconstrução, onde implica em examinar os materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados; 2. Reordenação (categorização) baseia-se em comparação entre as unidades de análise, levando a um agrupamento de elementos semelhantes; 3. Novas teses (comunicação) relaciona-se a estruturada a partir das categorias que encaminharão as descrições, as interpretações e as novas argumentações (MORAES, 2003, p. 191).

É importante salientar que, após a leitura minuciosa dos instrumentos de sondagem, organizamos os dados em categorias em ordem decrescente quanto à sua recorrência nos registros analisados.

No capítulo seguinte será apresentada a análise de cada categoria separadamente, embora elas estejam intimamente relacionadas.

C) Entrevistas

A última etapa da pesquisa consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas, pois elas permitem a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de sujeito e sobre os mais variados assuntos (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 34).

Para a escolha dos bolsistas a serem entrevistados, foi levado em consideração alguns posicionamentos mais relevantes identificados nos instrumentos de sondagem de acordo com cada linha de atuação dos mesmos nas escolas na instituição A (participantes das oficinas do saber, oficinas temáticas, monitorias culminando a feira de Ciências), e dos posicionamentos identificados mais críticos do programa na instituição B.

Oliveira (2009, p. 13), ao descrever a utilização de entrevistas como fonte de coleta de dados, afirma que, dentre os tipos de entrevistas que podem ser usadas em pesquisas educacionais, a semiestruturada é a que mais possibilita a compreensão e o estudo de questões:

[...] uma vez que permite não somente a realização de perguntas que são necessárias à pesquisa e não podem ser deixadas de lado, mas também a relativização dessas perguntas, dando liberdade ao entrevistado e a possibilidade de surgir novos questionamentos não previstos pelo pesquisador, o que poderá ocasionar uma melhor compreensão do objeto em questão (OLIVEIRA, 2009, p. 13).

Dessa forma, esperamos buscar respostas necessárias para a compreensão dos impactos do programa de forma espontânea. A partir da análise das transcrições das entrevistas, foi necessário identificar e categorizar as principais ideias descritas pelos sujeitos da pesquisa, a fim de compreender seus diferentes pontos de vista sobre o tema objeto de estudo neste trabalho.

Por exemplo, será que todos os bolsistas que estão nos cursos de licenciatura em Química possuem as mesmas opiniões e ideias acerca das ações realizadas durante o PIBID? O que influencia uma possível variação nessas concepções? Será que a participação dos

bolsistas no programa interfere na forma como condizem o processo de ensino e aprendizagem em suas aulas?

Essas inquietações possuem um delineamento na tentativa de estabelecer uma relação do objeto de estudo com as respostas mais amplas, evidenciando suas relações e contradições.

CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES

O critério inicial sobre a escolha do curso de licenciatura em Química como objeto de reflexão desta pesquisa foi definido pelo resultado da política de expansão das IES (Instituição de Ensino Superior).

Além disso, ocorreu necessariamente por ser um campo do conhecimento bastante peculiar, pois até pouco tempo, no Brasil, o licenciando na área das ciências exatas (como a Química) tinha uma formação direcionada para pensamento lógico, sem espaço para o tratamento teórico-prático. Não obstante, a formação de professores de Química é algo que precisa ser questionado e analisado pelo elevado número de evasões (MALDANER, 2006).

Após a escolha do curso, decidimos realizar a pesquisa em instituições de ensino distintas, devido o tempo em que o programa e a própria licenciatura vem sendo contemplada. O curso de licenciatura em Química da Universidade Federal de Sergipe (denominado neste trabalho como instituição A) foi implantado na matriz da universidade em 1970.

Durante os últimos anos surgiram mudanças tanto nas reformulações curriculares quanto na implantação de programa voltado à docência, no caso, o PIBID, que vigora desde o primeiro edital publicado no ano de 2007, com crescimento considerável do número de bolsas destinadas aos licenciandos, iniciando com 12 e totalizando 30 bolsas até o momento.

O curso de licenciatura do Instituto Federal de Sergipe (denominado como instituição B) foi implantado somente no ano de 2009. Por se tratar de um curso de cunho recente, tem passado por reformulações constantes com a finalidade de estruturar melhorias e mudanças na formação de professores. Esse curso contemplou suas ações do programa no ano de 2011 com o quantitativo significativo de concessão de bolsas, iniciando 14 para um total atual de 24 bolsas.

É importante salientar que, esta dimensão do tempo de existência dos cursos e a adesão ao Programa nas duas instituições não nos impossibilitou de analisar o impacto do programa frente às ações que estão sendo realizadas, já que o estudo não se encaminha para o

sentido da comparação entre elas, mas, para o direcionamento da reflexão e dos impactos do programa nas duas instituições.

Para uma melhor interpretação dos resultados, foram construídos gráficos a partir dos dados coletados da avaliação de sondagem. De tal forma, a disposição dos dados dos bolsistas ocorreu com a categorização dos mesmos conforme a similaridade permitida numa pesquisa qualitativa e quantitativa.

3.1 Análise da avaliação de sondagem

Inicialmente, sobre o perfil dos 54 bolsistas de diferentes períodos e entradas dos cursos de licenciatura em Química que participam da pesquisa, constatamos que existe uma baixa procura pelo programa por parte de estudantes do sexo masculino nas duas instituições, representada por um percentual de 33,0% na instituição A e 5,0% na instituição B. A faixa etária predominante está compreendida entre 20 a 22 anos (Figura 1).

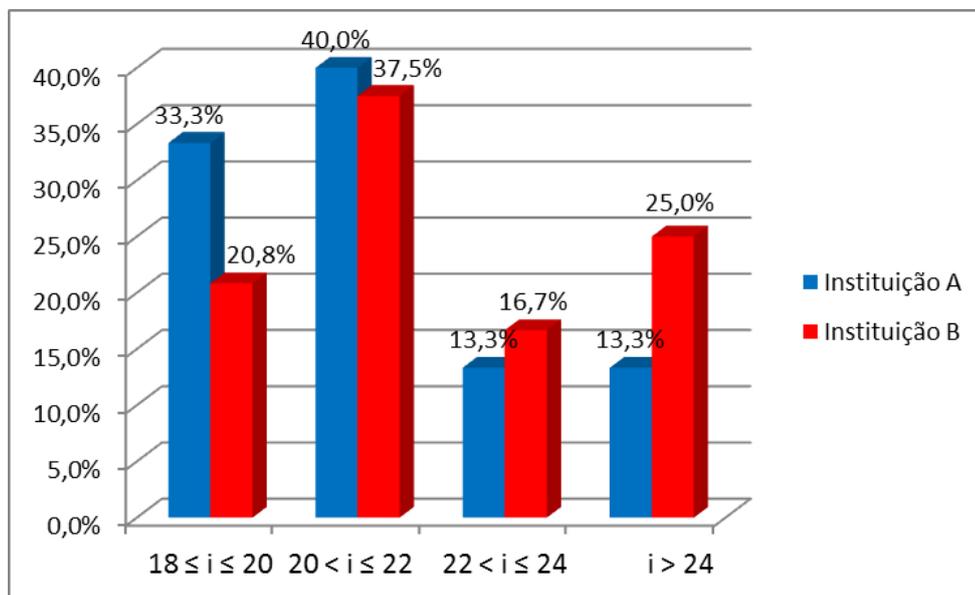


Figura 1: Análise do perfil quanto à idade dos bolsistas do PIBID das duas instituições.

A renda familiar infere cerca de 1 a 2 salários mínimos nas duas instituições. Este dado vem ratificar que programas de apoio financeiro estimulam o acesso, a permanência e a conclusão do curso dos estudantes das instituições de ensino superior, na perspectiva da inclusão social, formação ampliada, produção de conhecimento e melhoria do desempenho

acadêmico. Assim, como Gatti (2009) descreve em seu estudo que a atratividade pela prática docente vem de camadas menos favorecidas socioeconomicamente.

Além disso, verificamos que em ambas as instituições, os bolsistas oriundos da rede pública de ensino são 60,0% na instituição A e 70,8% na instituição B. Esse dado caracteriza o perfil socioeconômico dos alunos ingressantes dos cursos de Licenciatura em Química e reforça a realidade das escolas públicas (Figura 2).

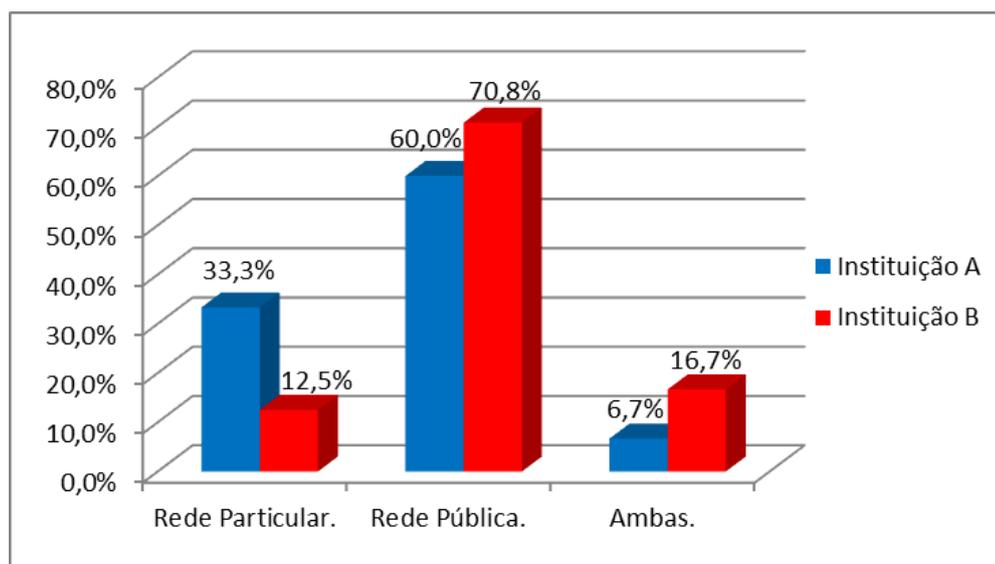


Figura 2: Rede de ensino onde os bolsistas cursaram o Ensino Médio.

Por outro lado, o conhecimento da realidade da escola pública pode influenciar a maneira que os bolsistas se aproximam da escola, interagem com ela e desenvolvem seus trabalhos.

Sobre o questionamento relacionado diretamente ao programa: ***“Que atividades você exerceu antes do ingresso ao PIBID?”***, notamos que 26,7% dos bolsistas da instituição A e 20,8% da B exerciam outra profissão fora do âmbito da docência. Não praticavam nenhum tipo de atividade profissional, foi apontado por 40,0% da instituição A e 29,2% da B. Essas alternativas em destaque demonstram que o programa poderá servir como um impulso para a profissionalização, além de aumentar o interesse desses licenciandos pelo curso e, conseqüentemente, enriquecer a sua formação docente (Figura 3).

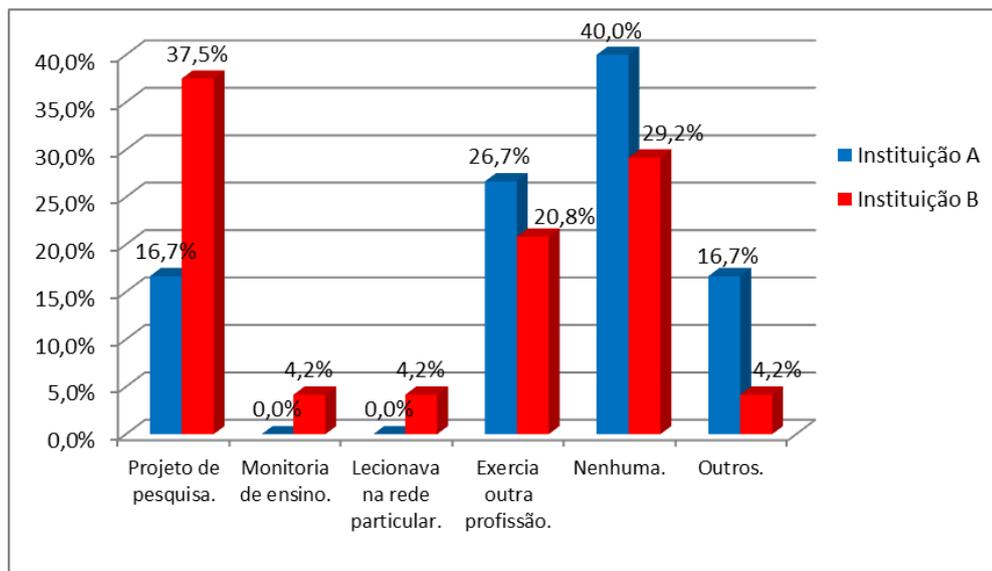


Figura 3: Análise sobre o tipo de atividade profissional antes do ingresso ao PIBID.

A alternativa evidenciada por 16,7% dos bolsistas da instituição A e 37,5% da B, demonstra que houve uma migração dos bolsistas voltado no contexto da pesquisa científica para um programa voltado para a docência. Essa dado confere um futuro profissional não só com experiência em laboratório de pesquisa, mas também com experiência em sala de aula.

Alguns bolsistas da instituição B revelam que já tiveram contato com a prática docente, seja ela por meio das monitorias ou em escolas particulares evidenciadas por ambas em 4,2%.

A questão analisada, de caráter objetivo: ***“O que te impulsionou a ingressar ao PIBID/CAPES/Química?”*** revelou que o motivo apontado com bastante expressividade pelos bolsistas foi o ingresso ao programa por se tratar de uma nova experiência acadêmica, o que foi apresentado por 63,3% dos bolsistas da instituição A e 54,2% da B. Sabe-se que a procura pelo PIBID está relacionada ao fato que faltam estágios e bolsas que contemplam a área da educação, isso aguça o interesse dos alunos da licenciatura (Figura 4).

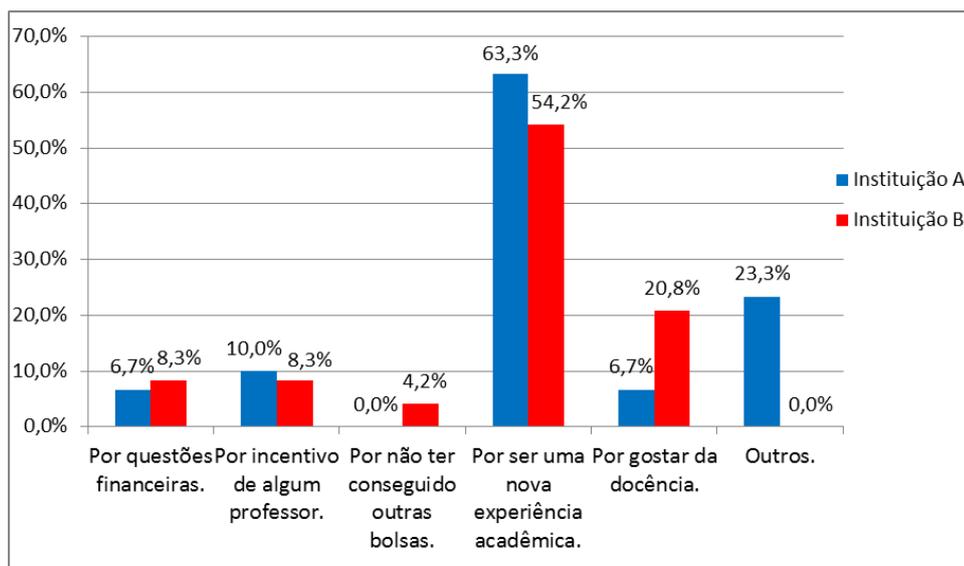


Figura 4: Análise sobre o fator determinante para o ingresso no programa.

Além disso, ressaltamos a importância do envolvimento do licenciando em projeto voltado especificamente para a prática docente, pois, por mais que o aluno apresente um excelente resultado quanto às disciplinas teóricas do curso, isso não é o suficiente para comprovar uma formação profissional bem estruturada.

Outra porcentagem significativa evidenciou que alguns bolsistas da instituição B ingressaram no programa pela afinidade com a docência (20,8%), mesmo com as dificuldades encontradas na sociedade em relação à figura do professor, a exemplo da desvalorização do magistério frente a outras profissões.

Espera-se que a partir da vivência que o programa possibilita com o cotidiano escolar, com suas dinâmicas e, principalmente com seus sujeitos, o possível receio da desvalorização profissional seja amenizado através da construção do compromisso e a da responsabilidade docente. Pois, segundo Maldaner (2006), a valorização do magistério é a base para a mudança da qualidade educativa no Brasil.

A escolha por incentivo de algum professor, expressada em menor escala na instituição A (10%) e na instituição B (8,3%), pode ser encarada por duas vertentes, a primeira, por ocasionar boas referências profissionais para a formação desses bolsistas, tornando-os mais produtivos e dedicados. Além de permitir melhor relação afetiva, troca de experiências, a quebra de barreiras e o distanciamento entre professor/aluno.

Analizamos que a opção subjetiva “Outros” foi bastante descrita pelos bolsistas da instituição A (23,3%), diferentemente da instituição B, sendo apontada pela oportunidade de conhecer e de se familiarizar com a escola e publicar resultados de suas ações no exercício da

docência durante a participação no programa. Podemos destacar a partir de alguns depoimentos:

“A partir do PIBID temos a oportunidade de publicar artigos e resumos” (Bolsista nº 14 da instituição A).

“Me permite desenvolver pesquisa, projetos que enriquece meu currículo” (Bolsista nº 7 da instituição A).

“Contribuir com a elaboração de trabalhos científicos e do apoio financeiro para me manter no curso” (Bolsista nº 21 da instituição A).

Estes depoimentos demonstram o interesse em aprimorar seus currículos, o que também contribui de forma efetiva para a construção dos novos saberes a respeito da melhoria do processo de ensino e aprendizagem. As produções desses trabalhos levam a participações em eventos científicos, onde os licenciandos têm a oportunidade de vivenciar debates e palestras de pesquisadores de várias outras instituições, inclusive de outros países, sobre o processo formativo.

Em seguida, a questão objetiva **“Quais atividades você pretende desenvolver ao longo da execução do seu projeto no PIBID?”**, que permite afirmar que o programa apoia projetos que visam fomentar experiências metodológicas e práticas docentes de caráter inovador, que utilizem recursos de tecnologia da informação e da comunicação, e que se orientem para a superação de problemas identificados no processo ensino-aprendizagem.

A atração por oficinas temáticas destacada por 73,3% da instituição A pode ser vista como uma alternativa a favor da aprendizagem efetiva, pois, relaciona o ensino de Química com o cotidiano. Dessa forma, desperta a atenção e o interesse tanto do bolsista em questão, quanto dos alunos da Educação Básica, como mostra a Figura 5.

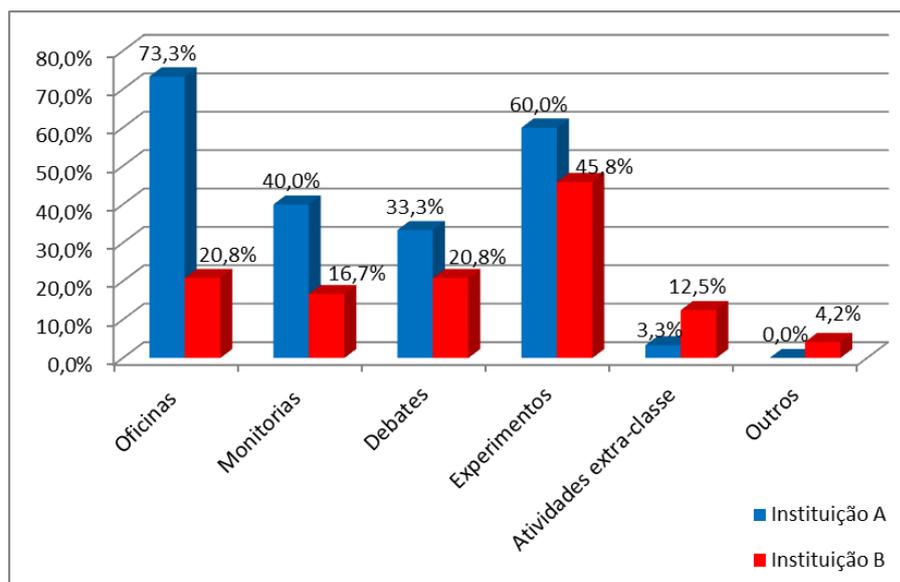


Figura 5: Atividades que os bolsistas pretendem desenvolver ao longo da execução do projeto.

Observamos que 60,0% dos estudantes da instituição A e 45,8% da instituição B demonstram interesse em desenvolver atividades fazendo uso de experimentos. Esse interesse é justificado por entender que a Química é uma ciência experimental, e a experimentação torna-se indispensável na construção da relação do conhecimento sobre os conceitos químicos (microscópico) com a visualização do fenômeno (macroscópico). Dessa forma, os alunos assumem o papel de serem ativos, capazes de investigar, analisar e tirar suas próprias conclusões sobre a prática experimental.

Importante destacar que houve expressividade de 40,0% dos bolsistas da instituição A pelas práticas de monitoria, assim como por oficinas e experimentação, indicando adoção de posturas metodológicas a cerca do próprio plano de trabalho estabelecido, conseqüentemente, obedecendo à linha de pesquisa dos seus respectivos coordenadores de área.

A categoria mais citada pela instituição B está relacionada às atividades experimentais fortalecendo a apropriação da metodologia mais atrativa, de acordo com o perfil individual, independentemente da área de atuação dos seus coordenadores.

Notamos que estas opções metodológicas escolhidas pelos bolsistas estão sendo condizentes com os planos de trabalhos (Anexos A e B). O debate como forma de mediação de conteúdo também citado, mas, com expressividade pelos bolsistas das duas instituições, atrai o interesse de cerca de 33,3% pela instituição A e 20,8% pela instituição B. A promoção do debate no ensino é interessante, pois possibilita melhor capacidade de dialogar, conviver com opiniões diferentes, desinibição para falar em público, bem como o reconhecimento do perfil da turma a ser trabalhada.

Ao analisar as respostas dos bolsistas referentes à indagação: **“Como você vê a escola atualmente após seu ingresso no PIBID?”**, foi possível identificar que 86,7% dos bolsistas da instituição A e 79,2% da B veem a escola atualmente como um ambiente agradável após sua participação no PIBID. Assim, podemos perceber a importância do programa ao permitir aos bolsistas identificarem com o âmbito escolar, fazendo com que os mesmos se aproximem da prática docente (Figura 6).

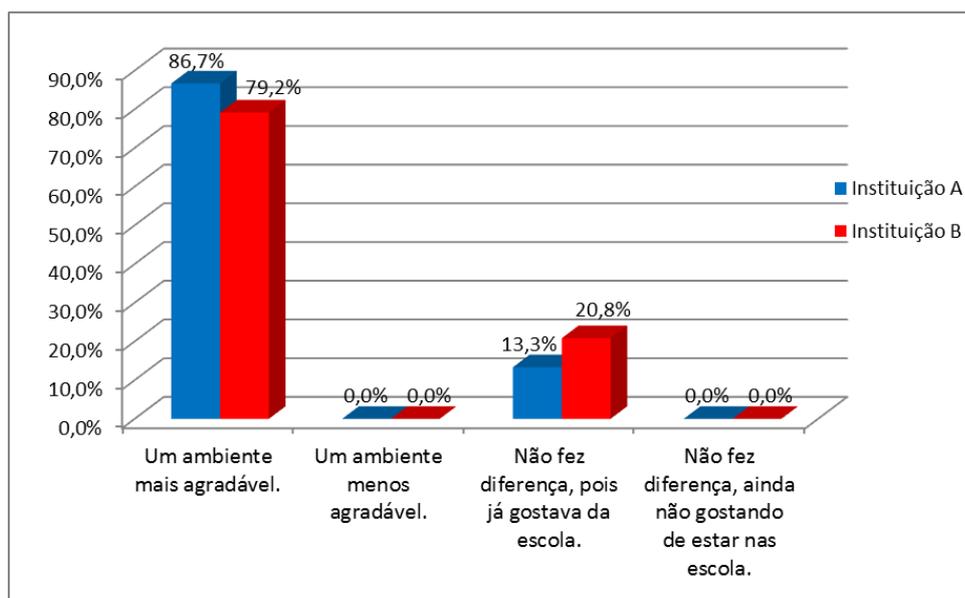


Figura 6: Análise sobre a influência do PIBID no tocante ao âmbito escolar.

Outros 13,3% da instituição A e 20,8% da B afirmaram que o ingresso no PIBID não influenciou no seu apreço pelo ambiente escolar, demonstrando que antes mesmo de suas participações no programa já tinham afinidade com esse tipo de ambiente. Esse fato pode ser entendido por seus motivos intrínsecos, como por exemplo, a tomada de decisão ainda como aluno durante o ensino fundamental e médio em optar por curso da área da licenciatura, desenvolver atividades relacionadas ao ambiente escolar (ações de monitorias) ou ministrar aula particular (reforço escolar).

Ao analisar a questão: **“Em pouco tempo no PIBID, você pensa em desistir?”**, foi possível identificar que apenas 6,7% dos bolsistas da instituição A afirmaram que já pensaram em desistir do programa, seja por não conseguirem se adaptar ou até mesmo por um sentimento de necessidade de mudança na área de atuação, como mostra a Figura 7.

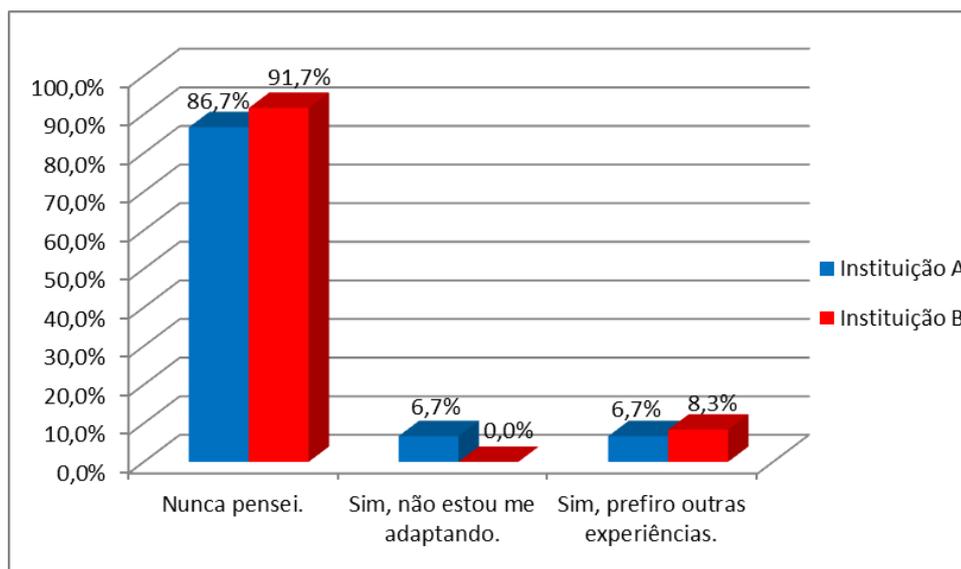


Figura 7: Análise referente à adaptação dos bolsistas ao programa.

Já 86,7% dos pesquisados da instituição A e 91,7% da instituição B demonstraram não desistir do programa, visto que para esses licenciandos o programa oferece oportunidades para encontrar sua área de afinidade para a atuação profissional, antes mesmo dos estágios, bem como, simplesmente adquirir novas experiências aprimorando e refletindo sobre alguns aspectos importantes e relevantes para a formação docente.

Sobre o questionamento: ***“Você tem algum aspecto importante a acrescentar sobre sua participação no PIBID?”***, podemos destacar alguns depoimentos a favor de melhorias no programa:

“Gosto do PIBID, porém acredito que precisava de um acompanhamento mais efetivo dos orientadores do PIBID/IFS” (Bolsista nº 1 da instituição B).

“Deveria ter uma apostila com experimentos químicos de cada conteúdo, e informando quais experimentos que não podem levar para sala de aula” (Bolsista nº 6 da instituição B).

Podemos destacar a partir do discurso do bolsista nº 1 da instituição B, um distanciamento com os coordenadores, o que acusa um certo desconforto, fato que pode ser decisivo na sua por dos coordenadores, podendo afetar a permanência do mesmo no programa. Em outro discurso, percebemos que há uma dependência da intervenção do orientador na elaboração das metodologias para serem desenvolvidas na escola, ou seja, para a segurança do bolsista há necessidade de um roteiro pronto com o intuito de facilitar o desenvolvimento das ações.

3.2 Análise dos discursos coletados nas entrevistas

Para alcançar o objetivo proposto, buscamos analisar, categorizar e discutir o impacto diante das ações implementadas pelo programa através da análise das entrevistas de uma amostra de nove bolsistas dos cursos de licenciatura em Química (6 bolsistas da instituição A e 3 da instituição B).

Ao fazer o recorte das entrevistas, apesar de identificar a preocupação dos bolsistas com o possível fim do programa ou até mesmo da diminuição de bolsas, observamos que as concepções de alguns destes limitam desde as contribuições que o programa proporciona a respeito da melhoria da formação inicial a alguns entraves e dificuldades encontrados ao longo da execução das ações.

Essas concepções mostraram-se essenciais para realização e concretização do nosso trabalho. Realizada essa discussão inicial e tendo em vista o referencial teórico adotado, foram construídas algumas categorias temáticas, que estão representadas por meio de quatro dimensões:

- 1. Contribuições do PIBID para melhoria da formação inicial de professores de Química.**
- 2. Dificuldades encontradas pelos bolsistas ao longo da execução das ações.**
- 3. Relação do PIBID com as disciplinas de ensino.**
- 4. Impacto do possível fim do programa na formação dos bolsistas.**

Dentro da dimensão *Contribuições do PIBID para melhoria da formação inicial de professores de Química*, trazemos categorias temáticas relacionadas ao impacto positivo que o programa oferece na formação inicial dos bolsistas. São apresentadas discussões em torno de alguns pontos, tais como: integração entre bolsista e os alunos da Educação Básica, contato antecipado com a escola e desenvolvimento profissional docente.

Na dimensão *Dificuldades encontradas pelos bolsistas ao longo da execução das ações*, foram identificadas algumas discussões em torno de problemáticas como: falta de recurso financeiro destinado ao programa e pouca orientação dos coordenadores de área.

Na dimensão *Relação do PIBID com disciplinas de ensino* foram realizadas discussões sobre a articulação entre as atividades desenvolvidas no programa com as disciplinas de Estágios supervisionados e as disciplinas de ensino.

Por fim, na dimensão *Impacto do possível fim do programa na formação dos bolsistas* foram apontados discursos pontuais que comprometem a formação inicial dos licenciandos,

no que se refere à forma de trabalhar os conteúdos em sala de aula, a própria construção da identidade docente, o desejo de atuar como futuro professor da Educação Básica, além de toda sua história marcada pelo tempo de participação no programa.

3.2.1 Contribuições do PIBID para melhoria da formação inicial de professores de Química

Na dimensão *Contribuições do PIBID para melhoria da formação inicial de professores de Química* apresentamos três categorias temáticas. Levando em consideração que essas categorias mostraram que algumas atividades desenvolvidas no programa são significativas, elas mostram-se importantes diante do aprimoramento da formação inicial de professores. São elas:

Integração entre bolsista e aluno da Educação Básica (9).

Contato antecipado com a escola (7).

Desenvolvimento profissional docente (4).

A categoria *Integração entre bolsista e aluno da Educação Básica* pode ser considerada bastante positiva, na medida em que todos os envolvidos começam a se engajar na discussão em torno de questões relacionadas ao ensino e aprendizagem de Química, privilegiando a construção do conhecimento. Segundo Tardif (2002, p. 130), boa parte do trabalho pedagógico é de “cunho afetivo, emocional”. Alguns discursos exemplificam esta categoria:

[...] a relação com os alunos na escola é ótima. Como assim ótima? Chega a um nível de me chamar de professor então isso é muito gratificante... [...] aquela sensação de ensinar uma pessoa é muito bom [...] (Bolsista nº 2 da instituição A).

[...] acho que melhor impossível, sabe... é gratificante... [...] eu não fico lá plantado falando... não... tem toda uma interação porque eu questiono e espero a pergunta mesmo que seja errada e aceito aquilo e... descontraindo... não deixo que a pergunta do aluno faça ele se calar... [...] (Bolsista nº 4 da instituição A).

[...] situações muito agradáveis... muito boas entendeu... a gente conseguiu dialogar bastante que a gente sai achando que o objetivo da oficina foi obtido... [...] (Bolsista nº 6 da instituição A).

[...] minha relação é muito afetiva... [...] eles são bem participativos... eu peço para eles pesquisarem alguma coisa aí eles mandam para eu ver se tá coerente... então a gente tem aquele vínculo sadio... ao mesmo tempo que sou afetiva que a gente conversa que tem o diálogo amigo mas também eu imponho limite e respeito... [...] (Bolsista nº 1 da instituição B).

Todos esses discursos integrados favorecem o rompimento de práticas pedagógicas calcadas na ausência do diálogo e da reflexão sobre a própria forma de trabalho. Assim, com o PIBID foram fornecidas atividades em conjunto durante a formação inicial desses licenciandos, o que poderá contribuir para que, durante a atuação deles na escola, ocorram momentos para que a interação espontaneamente.

Acompanhando esta linha de pensamento, Lima (2010) destaca que a formação de professores necessita incorporar formas que não permitam o silenciamento do educando e, conseqüentemente de uma parcela significativa da sociedade, a partir do diálogo com o campo de ação o professor possa pensar sobre os modos singulares e plurais de produzir e reproduzir a vida, dando-lhe um novo significado.

Barreiro (2003), também discute o bom relacionamento entre alunos e professores, visto como um aspecto importante na dinâmica da sala de aula. Um dos pontos mais positivos desse tipo de interação é o estabelecimento de uma relação de confiança, na qual os alunos se sentem mais à vontade para perguntar, ouvir/responder questões, fazer intervenções etc.

Outra boa contribuição, como já apresentado em nosso referencial, é a oportunidade do bolsista desenvolver a relação teórico-prática com a escola antes mesmo dos estágios supervisionados. Assim, identificamos na categoria *Contato antecipado com a escola* a concretização de ações que foram conduzidas, de maneira que o ambiente escolar não foi considerado um espaço apenas de apontamentos sobre erros didáticos e metodológicos, mas como um ambiente para se conhecer e adaptar as propostas didáticas à realidade social e escolar, o que contribuirá para a melhoria da formação dos participantes desse Programa.

Freitas (2002, p.156) define a socialização profissional como o contato do licenciando com o contexto escolar, a aprendizagem dos valores, crenças e formas de concepção de mundo próprios de uma determinada cultura ocupacional. Como podemos exemplificar:

[...] a participação do PIBID foi de muita importância na minha formação [...] foi meu primeiro contato com a área de ensino antes mesmo do curso me proporcionar isso o... o PIBID já tinha me proporcionado foi um contato que eu acho que até hoje trás frutos muito bons [...] uma das vantagens o contato antecipado com a escola coisas que a gente esperaria chegar muito depois no estágio pra ter e no PIBID a gente vai ter esse contato antecipado que com certeza é muito produtivo [...] (Bolsista nº 6 da instituição A).

[...] quando eu entrei no programa foi que eu realmente me senti na licenciatura...[...] proximidade com a escola, contato com a escola do ensino médio, trabalhos, a gente desenvolver novas metodologias... [...]realmente apesar de já ter “pegado” disciplinas de ensino mas o que me aproxima da licenciatura e que me

faz cair a ficha que “tô” no curso de licenciatura é o PIBID (Bolsista nº 1 da instituição A).

[...] eu já fazia parte de pesquisa na área de ensino de Química... ensino de ciências... mas não tinha a vivência que tenho no PIBID...era mais teórica...eu pesquisava, mas não tinha a prática de ir para sala de aula...ter convívio com os alunos...de tá praticando a questão do ensino mesmo em sala de aula... diferentemente do Pibid... [...] (Bolsista nº 3 da instituição A).

[...] o Pibid antes dos estágios logo no início da graduação foi um divisor de águas... porque eu consegui ter postura... me colocar como profissional... me comportar desse jeito... eu tenho que dar limites aos alunos... eu tenho que falar em público para muitos alunos... então assim... isso foi destruindo muitas barreiras que eu tinha em mim mesma... a timidez, o medo de errar, a insegurança... então o Pibid contribui muito para a minha vida... [...] (Bolsista nº 1 da instituição B).

[...] com certeza quem faz Pibid sai na frente né... porque nós já estamos acostumados com a sala... já tem domínio né com a sala de aula... do conteúdo... então assim... aprendi bastante... e sem sombra de dúvida que o Pibid contribuiu bastante na minha vida acadêmica e profissional... [...] (Bolsista nº 2 da instituição B).

A partir desses depoimentos, podemos concordar com Flores (2010), que afirma que a antecipação profissional durante a graduação ameniza o choque causado pela socialização profissional ocorrida na escola no momento da inserção do novo docente. É sabido, que a grande maioria das disciplinas básicas da licenciatura são no início do curso, antes dos estágios obrigatórios, e muitas vezes os graduandos não enxergam aplicabilidade nas suas teorias e por conseguinte, esquecem a maioria delas.

Ao se depararem com o estágio, já no final do curso, os licenciandos sentem falta do embasamento teórico e já não conseguem resgatar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas. De acordo com o portal do MEC, ao que diz respeito ao PIBID:

A intenção do programa é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional, de 4,4. Entre as propostas do Pibid está o incentivo à carreira do magistério. (BRASIL, 2011)

Francischett *et al* (2012) acrescentam que quanto mais voltamos às questões reais que permeiam o ambiente escolar, mais nossa prática e teoria podem ser melhoradas, qualificando as atividades realizadas pelos bolsistas nas escolas. Espera-se que a proposta de articular ensino, pesquisa e extensão, já compreendida pelos próprios bolsistas possibilite uma pluralidade de abordagens de pesquisa, buscando novos focos e melhoria na qualidade de seu trabalho como docente.

O fato do contato antecipado com a escola através do PIBID permitiu que os alunos reavaliassem a escolha do curso, podendo continuar ou não, retratando também a possibilidade do aprimoramento da carreira docente deles. Esse é um dos motivos identificados pelos bolsistas na categoria *Desenvolvimento profissional docente* como ponto positivo durante as atividades desenvolvidas na formação desses futuros professores de Química.

O desenvolvimento profissional é um processo contínuo de melhoria das práticas docentes que ocorrem na interação com o contexto e tem por objetivo a melhoria da realidade escolar (FORMOSINHO, 2009, p. 226). Notamos que os bolsistas responderam que o ingresso no programa trouxe experiência em lidar com a sala de aula, ajudando no desenvolvimento assim, da sua prática docente.

Partindo desse pressuposto, os alunos buscam adquirir “alternativas” de como ser professor ao longo da execução dos seus respectivos projetos nas escolas participantes. A questão da convivência nos espaços escolares de seus integrantes é ponto crucial do PIBID. Esse fato é evidenciado pelos depoimentos dos bolsistas:

[...] muito gratificante esse tempo que passei junto ao Pibid tanto, em conhecimento quanto em vivência... eu pude perceber que houve uma evolução muito significativa desde o período que entrei até o atual momento...[...] (Bolsista nº 3 da instituição A).

[...] toda minha visão de ensino tem sido ampliada... o leque de oportunidade começou a surgir através da participação... e ele tem acrescentado e muito na formação... seja na elaboração dessas aulas... na elaboração de material didático... na pesquisa em si... e também na elaboração e produção de material acadêmico na forma de artigo... tudo isso tem juntado e somado na minha formação enquanto docente.(Bolsista nº 6 da instituição A).

[...] quando a gente estuda química e a gente sabe que nem todas as áreas da química a gente tem afinidade....aí quando você ingressa no Pibid começa a ter aquela preocupação... eu preciso aprender porque eu vou ensinar... isso é muito forte em mim... aprender para ensinar... [...] quando entrei no Pibid isso foi um estalo... mesmo as disciplinas que eu não gostava comecei a olhar diferente pra elas e tentar entendê-las para poder ter um bom conhecimento e conseguir transpor... [...](Bolsista nº 1 da instituição B).

[...] eu tinha muita dificuldade assim em relacionamento... em falar em público... essas coisas entendeu... e hoje não... e antes eu não queria essa área e tal... e hoje depois que eu entrei no Pibid...eu vi que eu me soltei mais... eu parei de ter esse medo de falar em público... eu já consigo interagir mais com os alunos... e eu agradeço mesmo ao Pibid entendeu... se não tivesse participado desse programa eu acho que até hoje eu “taria” com o bloqueio até hoje...[...] (Bolsista nº 3 da instituição B).

Como se percebe nas falas dos bolsistas, os licenciandos ao se inserirem no PIBID passam a enxergar a educação com outro olhar, além de sentirem motivados para planejar, superar obstáculos pessoais e de rerepresentar um aprimoramento na carreira docente.

Assim, desenvolver ações que antecipem a inserção dos bolsistas no cotidiano escolar, proporcionando oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, além de compor a agenda fundamental do projeto que pretende investir em práticas formativas em busca da melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Pois, não é possível dar “receitas”, isto é, modos de fazer que funcionem de imediato. A prática deverá ser reinventada no contexto em que atua (CHARLOT, 2006).

3.2.2 Dificuldades encontradas pelos bolsistas ao longo da execução das ações

Na dimensão *Dificuldades encontradas pelos bolsistas ao longo da execução das ações*, apresentamos duas categorias temáticas, as quais representam implicações e entraves para o bom desenvolvimento das ações didático-pedagógicas nas escolas parceiras ao programa:

Falta de recurso financeiro destinado ao PIBID (5).

Pouca orientação dos coordenadores de área (2).

Assim como muitas são as contribuições deste programa para a formação inicial e no processo de ensino e aprendizagem, muitos e complexos são também os desafios. A categoria ***Falta de recurso financeiro destinado ao PIBID*** implica o bom desenvolvimento das ações nas escolas. Nesse sentido, surge a necessidade de sistematizar a compreensão das dificuldades enfrentadas pelos bolsistas no planejamento e desenvolvimento de suas aulas. Destacamos alguns relatos:

[...] dificuldade no momento é recurso, né... pra gente continuar desenvolvendo as atividades, mas meio a isso a gente tem que continuar porque nós temos o nosso planejamento e assim... [...] então... a gente tem que superar essas dificuldades... [...] (Bolsista nº 1 da instituição A).

[...] a gente enfrenta alguns problemas de falta de recursos, às vezes, recursos que chegam atrasados, então a gente nota um certo descaso, entendeu? A gente recebe nossas bolsas, mas alguns recursos que a gente poderia ter com mais facilidade, às vezes tem alguns impasses, alguns empecilhos, então a gente sente um pouco de descaso enquanto a isso... [...] (Bolsista nº 6 da instituição A).

[...] essa parte da verba... [...] dinheiro que a gente vai trabalhar com os alunos né... mas muitas vezes por exemplo... a gente faz uma feira de ciência e não tem dinheiro... a gente não pode contar com o dinheiro do Pibid... então muitas vezes a gente coloca nosso bolso e os próprios alunos também porque já não tem mais dinheiro em caixa... então algumas dificuldades são essas... que o bolsista junto com o aluno ele tem que investir do próprio bolso... [...] (Bolsista nº 2 da instituição B).

Mesmo compreendendo as limitações da falta de recurso, as opiniões levantadas pelos bolsistas mostram a necessidade de reflexão e maior incentivo por parte dos órgãos responsáveis pela superação desta situação, já que o programa se mostra como política pública capaz de lançar bons futuros professores por meio do desenvolvimento de unidades didáticas que priorizam a inserção de diferentes materiais e abordagens didáticas inovadoras no processo de ensino. Com frequência, essa dificuldade acaba desmotivando esse profissional (CANESTRARO; ZULAI; KOKUT, 2008).

Observamos que essa preocupação dos bolsistas reflete diretamente a sua formação. Isso resulta em uma grande problemática. Acreditamos que uma formação voltada à boas condições de trabalho, além de possibilitar soluções para resolução de problemas presentes na escola, poderá garantir melhores condições para que os bolsistas desejem realmente seguir a carreira docente, além do próprio aprimoramento da prática dos mesmos.

A categoria ***Pouca orientação dos coordenadores de área*** implica em analisar o modo como os coordenadores de área atuam no exercício de suas funções no programa. Os discursos dos bolsistas, unicamente da Instituição B, reconhecem que existe uma lacuna quanto ao acompanhamento efetivo durante o planejamento e execução das ações tanto na escola quanto na universidade. Podemos destacar a partir de alguns depoimentos:

[...] você chega... elabora seu projeto... você vai seguir seu projeto... o professor deixa lá você livre... [...] mas não diz leia esse artigo para você fazer uma fundamentação teórica de um resumo que você vai mandar para um evento... não... eu que tenho que ir atrás dos artigos que eu acho que vai ser interessante... e eles simplesmente confiam até nas citações que faço... porque eles nem leram o artigo...[...] eu acho que no IFS é a questão dos professores em saber a parte química... química pela química... não tem muito aquela parte da educação que a gente ver muito na UFS...[...] (Bolsista nº 1 da instituição B).

[...] os professores do IFS... assim... eles ficam muito no nosso pé... só que as vezes eles deixam a gente de lado... [...] eu acho que eles deveriam dar mais atenção a gente entendeu...[...] (Bolsista nº 3 da instituição B).

É possível compreender o motivo dessa inquietação por parte de alguns bolsistas da instituição B devido ao menor envolvimento por parte coordenadores de área, pois a maioria

deles não passaram por processos de formação continuada voltada à pesquisa em Ensino de Química. Não é de se estranhar, portanto, as suas dificuldades em colocar em prática um projeto de pesquisa de iniciação à docência, o que não os deixam isentos da necessidade de buscar compreender como esta situação poderá ser revista, tendo em vista que os professores estão em um curso de licenciatura, que tem como objetivo principal formar professores. Esse fato é evidenciado pelos depoimentos dos bolsistas:

[...] na UFS os professores são realmente professores... pelo menos do Pibid... os que eu tive contato... professores em educação química... que tem toda aquela fundamentação dos teóricos em educação química... e no IFS não tem nenhum professor... são todos assim...engenheiros químicos... ou então na parte de orgânica... naquele conhecimento específico da química e não educação...[...] outra dificuldade que eu vejo lá no IFS é a falta de reuniões com os bolsistas...dos orientadores com os bolsistas... se a gente se disser... ah tem um evento previsto que quer mandar artigo... eles pensam muitas das vezes...eu acho que a compreensão que eles tem é a quantidade e não de qualidade com aquilo que você está escrevendo... ao contrário da UFS...[...] (Bolsista nº 1 da instituição B).

[...] que os meus coordenadores tivessem mais tipo... paciência assim... e não cobrasse tanto resultados... eles se preocupassem com a realidade da escola... [...] eles deveriam para de cobrar tanto resultado e se preocupar com a escola... com a comunidade sim... com os alunos. (Bolsista nº 3 da instituição B).

Nesse movimento, segundo os discursos, os coordenadores acabam se restringindo a garantir a execução das atividades, sem refletir sobre o contexto em que os bolsistas estão inseridos. A devida orientação por parte dos coordenadores é fundamental para a discussão de situações reais da escola e para uma melhor compreensão sobre questões que vão ocorrendo durante todo o processo de formação inicial do professor, além do envolvimento com essas atividades possibilitar ao bolsista a produção de conhecimento e divulgação, através dos vários eventos em que eles participam (congressos, seminários e outros).

De acordo com as orientações básicas destinada pela CAPES, os coordenadores de área devem manter contato regularmente ao menos semanal com licenciandos, supervisores e o coordenador institucional, de modo a manter o fluxo de informação sobre os avanços e as dificuldades dos subprojetos. Além de dialogar com a rede pública de ensino, integrar comissões de seleção de supervisores e bolsistas de iniciação à docência, informar as alterações na relação de participantes para o pagamento da bolsa, apresentar relatórios periódicos sobre o subprojeto (BRASIL, 2010).

Em suma, o trabalho de coordenação de área implica em atuar em diferentes contextos, com sujeitos em diferentes momentos da vida profissional e com diferentes demandas.

3.2.3 Relação do PIBID com disciplinas de ensino

A dimensão *Relação do PIBID e as disciplinas de ensino* estão diretamente ligadas a duas categorias temáticas, as quais implicam na articulação entre as atividades desenvolvidas no programa com as disciplinas do curso e as interfaces e distinções das atividades:

Possibilidades diante da conexão do PIBID e as disciplinas pedagógicas (5).

Fragilidades dos Estágios Supervisionados em relação ao PIBID (8).

A categoria *Possibilidades diante da conexão do PIBID e as disciplinas pedagógicas* apresentam diferentes tentativas de conexões entre os saberes emergentes das práticas pedagógicas no cotidiano da escola de educação básica com os saberes construídos na universidade, especificamente, as disciplinas de Instrumentações para o Ensino de Química e aos Estágios Curriculares Supervisionados. Como podemos exemplificar:

[...] nós enxergamos melhor a aplicabilidade daquilo que desenvolvemos nas oficinas temáticas e no Pibid... algumas disciplinas nos são solicitadas a elaboração de oficinas temáticas, elaboração de material didático, apresentação de experimentos... são essas coisas que estão mais dentro da nossa vivência enquanto bolsista do Pibid. (Bolsista nº 5 da instituição A).

[...] estágio está relacionado com o Pibid no meu ver na questão de dar o meu melhor e de tentar atrair o aluno para a química... para que ela possa ver a química como uma ciência que está acessível a todos né e que ele possa agora a gostar da química a partir do momento da realização dos experimentos e dinâmicas...[...] (Bolsista nº 2 da instituição B).

[...] com as disciplinas assim na área de educação... e principalmente com as disciplinas de Instrumentação... que são as disciplinas que a gente ver um pouquinho como é ensinar... ficar mais de perto né com a realidade aluno e com os estágios... eu vejo que o Pibid tá relacionando a essa área assim. (Bolsista nº 3 da instituição B).

Ao viver, relacionar e discutir uma prática docente, no PIBID ou nas disciplinas de ensino, esses bolsistas acabam vivenciando situações pedagógicas através da criação de materiais pedagógicos, buscas e leituras das ações realizadas. Há, em geral, um reconhecimento dessa conexão entre elementos em comum das disciplinas pedagógicas e do

PIBID, impactando positivamente nas trajetórias dos licenciandos oportunizando aprendizagem no Ensino de Química, além das reflexões sobre as mesmas.

A criação da categoria *Fragilidades dos Estágios Supervisionados em relação ao PIBID* permitiu analisar, diante das experiências dos bolsistas nas escolas, as contribuições do PIBID em função do Estágio Curricular Supervisionado, apontando fragilidades dessa atividade no tocante ao curto período que esta dispõe para vivência da aprendizagem da profissão em atuação. Frente a isso, a análise das entrevistas nos permitiu os seguintes discursos:

[...] o estágio é mais algo voltado pra... você precisa ter uma carga horária do fazer... você precisa ir lá na escola e precisa ver como o professor dá uma aula... você precisa aprender como planejar uma aula... você precisa dá uma aula... é o fazer... o Pibid a gente tem o fazer... [...] eu não vou com algum parametrizado... que eu tenho que chegar lá e ficar sentado e assistir aquela aula daquele professor porque depois eu tenho que propor um relatório e mostrar ao meu professor porque aquilo vale nota... não... a gente vai com algo que a gente pode mudar...[...] o Pibid é isso... é você fazer coisas diferentes... melhorar digamos assim...a vida do aluno...[...] (Bolsista nº 4 da instituição A).

[...] Pibid é pra inserir mesmo a gente nesse contexto escolar... [...] eu acho que o estágio não consegue fazer essa inserção do aluno...tão intensa como o Pibid consegue...porque o estágio aqui no nosso curso são 4 estágios...[...] aí vai desenvolvendo aquele projeto para você aplicar lá no último estágio...então é um processo muito lento...e Pibid não...o Pibid consegue inserir o aluno de forma mais intensa...mais rápida e mais eficaz...eu acho...esse contato proporcionado pelo Pibid é mais eficaz...[...] (Bolsista nº 1 da instituição A).

[...]Jeu chego no estágio, observo e aplico a prática docente, mas eu não vejo se aquele aluno teve uma evolução conceitual... se aquele aluno realmente... como consegui sentir um interesse maior pela química... [...] já no Pibid... eu observo, no Pibid eu aplico minha atividade, no Pibid eu fico muito tempo com aqueles mesmos alunos em encontros semanais... então você tem aquele contato, você ver se aluno realmente tá aprendendo...você tem uma resposta mais certa... se aluno tá tendo evolução conceitual...[...] (Bolsista nº 1 da instituição B).

Além de uma maior compreensão sobre a prática, devido ao aumento do contato dos bolsistas com o campo de trabalho, a participação no PIBID vem possibilitando o acesso a reflexões teóricas sobre a postura de diferentes bolsistas com as disciplinas.

[...] eu vejo nas disciplinas de ensino que eu fiz que a gente ver um diferencial entre o aluno que tá no Pibid pra um aluno que não tem esse contato...[...] Na forma de discutir os temas sobre o processo de ensino e aprendizagem...porque quando um aluno que não tá no Pibid vai discutir sobre o processo de ensino aprendizagem...sobre as dificuldades nesse processo... [...] tomando base no artigo que ele leu... e a gente tem o embasamento do artigo e da vivência...que isso fortalece bastante nosso discurso na sala de aula. (Bolsista nº 1 da Instituição A).

[...] já percebi pelas minhas notas ...[...] minhas notas começaram a melhorar bastante eu estou realmente agradecido ao programa e eu vejo que vai melhorar muito mais... [...] (Bolsista nº 2 da instituição A).

Tais registros, sobretudo quando oriundos de alunos de licenciaturas inseridos no PIBID e que também realizam o estágio curricular, são marcados por percepções e sentimentos que colocam em evidência as possibilidades e fragilidades presentes nessas ações. O PIBID não se configura como o Estágio Curricular Supervisionado e nem com este compete.

Nesse sentido, entendemos que as interfaces e distinções existentes entre essas duas ações são destinadas à promoção da aprendizagem, longe de colocá-las em posição de confronto, e realçam a importância da prática na formação docente.

Dessa forma, a formação inicial docente se direciona e se completa a partir do momento em que estagiários e pibidianos tomam posse do espaço escolar, dando significação à prática docente. Sob esse enfoque, o conhecimento da realidade constitui pressuposto essencial à inserção no contexto sócio educacional e ao exercício da docência.

Com isso, buscamos evidenciar discussões e reflexões fundamentais acerca destes dois espaços de vivência acadêmica e profissional, porque acreditamos que são espaços de constituição de saberes e aprendizagem do professor, bem como momentos importantes para qualificar a formação docente.

3.2.4 Impactos do possível fim do programa na formação dos bolsistas

Por fim, a dimensão *Impactos do possível fim do programa na formação dos bolsistas* resultou em 2 categorias, tendo em vista a discussão em prol da permanência e ampliação do programa:

Ausência do PIBID nas escolas (9).

Resultados positivos do programa (9).

Tendo em vista o recente surgimento do programa, a categoria *Ausência do PIBID nas escolas* retrata as opiniões levantadas pelos bolsistas mostrando a necessidade de reflexão na busca pela permanência do mesmo nas escolas:

[...] a ausência do Pibid nas escolas traria um grande retrocesso para o ensino assim como a criação do programa foi um grande avanço para as escolas e para o ensino. (Bolsista nº 3 da instituição A).

[...] se o Pibid acabar agora é como se interrompesse algo que a gente tá construindo pro final... e que a gente quer continuar sempre fazendo né isso... e se acabar agora imagine para que não teve essa oportunidade...[...] (Bolsista nº 4 da instituição A).

[...] para escolas participantes é aquela questão que o aluno vai ficar... impossibilitado de uma certa forma...em sua maioria... não generalizando... de ter aulas de químicas mais dinâmica com utilização de ferramentas didáticas com experimentos e isso possibilita eles se interessar mais em química... ter vontade de fazer um curso superior na área de química licenciatura, bacharelado ou entre outros...[...] (Bolsista nº 1 da instituição B).

[...] Vai ser horrível... vai ser muito ruim... e se o Pibid acabar vai ser muito ruim... principalmente para essas escolas... tem escolas que tem o programa há muito tempo... como vai ser para esses alunos? O que esses alunos vão fazer da vida?...[...] (Bolsista nº 3 da instituição B).

Além de o PIBID estar oferecendo apoio e contribuindo no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da educação básica, ele está possibilitando espaços para o desenvolvimento e construção de novas habilidades, que o novo cenário da educação básica está exigindo para a formação inicial de professores. Isso se configura na troca de parcerias que são construídas durante o desenvolvimento das atividades do projeto, uma vez que, os bolsistas entram em contato com seu futuro espaço de atuação, adquirindo novas habilidades profissionais por meio do contato com os professores formados e atuantes na educação básica.

O PIBID é, verdadeiramente, um significativo avanço para a formação inicial das licenciaturas, também se configura como uma possibilidade das universidades repensarem seus cursos devido à proximidade que desencadeia com a realidade da escola. Além disso, a experiência favorece o desenvolvimento de projetos ligados à extensão, ao ensino e à pesquisa, ampliando a relação com a comunidade.

Podemos nos referir à categoria **Resultados positivos do programa** como essencial na formação crítica e reflexiva dos bolsistas como futuros professores, porque estes, através das oportunidades ofertadas no programa, irão perceber a responsabilidade social, profissional e pessoal que passarão a exercer dentro da sociedade. Além disso, estabelece a função de transmitir saberes e conhecimentos construídos e acumulados cultural e historicamente no meio social, essenciais para as relações humanas, inclusive as relações de poder que são frequentemente veiculadas no ambiente escolar. O fim deste programa seria uma perda significativa à formação dos licenciandos. Observa-se diante de alguns discursos:

[...] o Pibid foi tipo uma luz no fim do túnel, consegui vim morar aqui...[...] bem próximo da UFS então o Pibid me deixou dentro da Universidade não é atoa que minhas notas estão melhorando estou dormindo na hora que quero agora, porque não preciso urgente chegar cedo vou para casa quando quero agora, estudo,

realmente é muito bom, foi um ponto decisivo na minha vida...[...] (Bolsista nº 2 da instituição A).

[...] o Pibid tem sido... em outras palavras uma “mão na roda” na educação porque tem ajudado os professores... ajudado os alunos... tem mostrado as escolas uma nova abordagem de ensino... tem melhorado a formação daqueles que participam do projeto... e não só os bolsistas ganham com isso... com experiência... mas os professores começam a olhar o ensino de uma forma não tão tradicional... e começam a querer essas novas metodologias de ensino e as escola também ganham com isso porque os alunos se sentem mais motivados a participar tanto de projeto de pesquisa quanto a área do ensino especificamente Química...[...] (Bolsista nº 3 da instituição A).

[...]quando nós vamos na escola, a gente percebe que os alunos gostam, os alunos aprendem mais e a gente fica sabendo de casos que os alunos aplicaram o conhecimento que a gente passou para eles, então, não só em situações de aula, às vezes situações fora da aula, então a gente percebe que o PIBID tem uma contribuição tanto na formação cidadã dos alunos como na nossa formação profissional, então eu acho que o impacto seria muito grande. (Bolsista nº 5 da instituição A).

[...] é uma excedente oportunidade para gente crescer como profissional... se desenvolver na sala de aula... é uma experiência muito boa... marcante e que nos ajuda bastante... e com os alunos também...porque imagine... eu já estou no Pibid há 3 anos... aí então a gente tem uma história... tem uma relação muito próxima com eles... e eles amam esse projeto... eles amam ir os sábados... então... imagine agora a possibilidade de ser descartado...[...] (Bolsista nº 2 da instituição B).

[...]o Pibid a gente vai ver mesmo se é aquilo que a gente quer ... se é essa área quer gente quer atuar... e se o Pibid acabar vai ser muito ruim... a bolsa me ajuda muito porque como eu não trabalho é dela tipo... tiro xérox, almoço, lanche... compro alguma coisa que preciso... então pra gente ficar sem bolsa vai ser muito ruim... ela me ajuda muito...[...] (Bolsista nº 3 da instituição B).

Diante de tudo o que foi explanado neste trabalho, concluímos que as oportunidades que o PIBID traz tanto às escolas públicas, mas precisamente as que têm parcerias com o projeto, quanto à formação dos bolsistas, têm sido favoráveis para os resultados do processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, novos níveis de compreensão a respeito dos saberes necessários à atividade docente poderão ser desenvolvidos. Sugerimos, então, que mais oportunidades sejam oferecidas aos licenciandos para que possam problematizar as questões educacionais, gerais e específicas relacionadas ao ensino.

CONSIDERAÇÕES

Neste pesquisa, buscamos apresentar os impactos do PIBID como uma das políticas públicas de valorização do magistério implantada pela CAPES e pelo Ministério da Educação. O programa como política pública é uma possibilidade de aperfeiçoamento e descoberta para a melhoria da carreira docente, possibilitando uma aproximação dos licenciandos com o âmbito escolar antes mesmo dos estágios curriculares supervisionados. Ele permite um amadurecimento desses licenciandos, fazendo com que os mesmos descubram a importância de entender que a docência precisa ser aprendida, aperfeiçoada e reinventada.

Quanto ao Ensino de Química, o PIBID tem se demonstrado ser importante na formação inicial dos estudantes de licenciatura na medida em que vem reduzindo as dificuldades existente entre a formação teórica e prática na área de ensino de química. A aproximação entre formação e realidade, não só da escola, mas também do bolsista, tende a propiciar a compreensão da formação como um processo contínuo, na busca de alternativas para resolver as questões acerca dos saberes e das práticas do cotidiano escolar.

Ao longo da dissertação, apresentamos o planejamento desenvolvido pelos 2 subprojetos, relacionando algumas necessidades formativas para a formação inicial dos bolsistas envolvidos no programa. Nessa perspectiva, percebemos que o PIBID proporciona maturidade e autonomia no que diz respeito à tomada de decisões frente a relação do conhecimento científico, associado ao pedagógico, que permeia a sala de aula antes mesmo de ingressarem efetivamente na carreira docente. Algumas necessidades formativas foram relacionadas, tais como: “conhecer a matéria a ser ensinada”, “adquirir conhecimento sobre aprendizagem e, mais especificamente, sobre aprendizagem de Ciências”, “saber analisar criticamente o ensino tradicional”, “saber preparar atividades capazes de gerar uma aprendizagem efetiva” e “saber dirigir o trabalho dos alunos”.

As dimensões criadas a partir dos resultados das entrevistas foram fundamentais para compreender e analisar de qual forma o programa está impactando na formação inicial diante das falas dos bolsistas. A partir da construção das categorias e da geração dos dados que foram submetidos à análise, verificamos que apesar do programa contemplar oportunidades a favor do aperfeiçoamento da prática em sala de aula, bem como, da possibilidade de melhoria na qualidade do ensino de química, percebemos que existem algumas dificuldades que precisam ser revistas e modificadas, especificamente, no subprojeto da instituição B.

Segundo os dados obtidos, a falta de integração dos coordenadores de área sobre o programa é a maior dificuldade encontrada pelos bolsistas da instituição B e tem dificultado o

desenvolvimento do projeto. Certos de que todo este processo contribui para uma experiência extremamente valiosa para superação dessa dificuldade, são de extrema importância todas as reuniões do PIBID, para que exista o compartilhamento dos limites encontrados e das possibilidades conquistadas pelos bolsistas em cada escola.

Foi destacado pelos bolsistas das duas instituições que o PIBID é importante para a formação inicial docente, pois o mesmo corrobora para um bom desenvolvimento na vida escolar do futuro docente, tornando-o crítico e reflexivo, atraindo não só aqueles que já possuíam uma identidade convicta pela docência, mas também aqueles que ingressaram ao programa justamente para afirmar a sua escolha profissional.

É indubitável o quanto o PIBID vem se consolidando como uma iniciativa de aperfeiçoamento e valorização da formação docente no país. Essa discussão apresenta grande relevância na busca por novas orientações para o processo formativo dos licenciandos, uma vez que apontam para a necessidade e urgência de se repensar esse Programa, que contempla os futuros professores uma formação profissional sólida, mais adequada à realidade escolar.

Por fim, o Programa de formação em questão contribui e impacta de forma positiva a qualificação, tanto dos professores universitários quanto os da Educação Básica, dos bolsistas, assim como provoca um impacto importante nos cursos de licenciatura, que nem sempre se mantêm presentes nos problemas cotidianos da escola de Educação Básica.

Gostaríamos de elucidar que, diante dos resultados mensurados que aqui discutimos, esperamos que os mesmos ofereçam subsídios para fortalecer a permanência e ampliação do programa, atestando a efetividade de políticas públicas como a do PIBID. Portanto, não temos a pretensão de colocar um ponto final nesta discussão, e sim instigar o desenvolvimento de outros estudos que possam trazer reflexões para a temática. Consideramos, que esse assunto merece um olhar especial por parte dos sujeitos envolvidos, uma vez que cortes ou até mesmo o fim do programa estão sendo pautas constantemente de discussões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, M. **O trabalho docente: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- ALVES-MAZZOTTI, A.J. Usos e Abusos dos Estudos de Caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.
- ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: Buscando Rigor e Qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.
- ANDRÉ, M.E.D.A. Estudo de Caso: Seu Potencial na Educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 49, p. 51-54, maio. 1984.
- AMARAL, E. M. R. Avaliando contribuições para a formação docente. **Química nova na escola**. Vol. 34, Nº 4, p. 229-239, novembro 2012.
- BAPTISTA, J. A.; SILVA, R. R.; GAUCHE, R.; CAMILLO, E.; ROCHA, D. A.; LIMA, W. L.; GUIMARÃES, S. A. C. P.; OLIVEIRA, M. A. D.; SILVA, L. C. M.; PEREIRA, C. L. N. PIBID/Licenciatura em Química da Universidade de Brasília. **Química nova na escola**. Vol. 36, Nº 1, p. 18-27, fevereiro 2013.
- BAUSKA. M. O.; J.; LADELFO. J.; ZUCOLOTTO. A. M.; LISBOA. C. P. Vivências Pibidianas: relatos e reflexões sobre ações do PIBID/IFRS/POA no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. **Scientia Plena**, v. 11, n. 06, p. 1-8, 2015.
- BEDIN, E.; **Formação de professores de química: um olhar sobre o Pibid da Universidade Federal de Uberlândia**. Dissertação (mestrado em Química) Universidade Federal de Uberlândia, 2012.
- BRAIBANTE, M. E. F.; WOLLMANN, E. M. A influência do PIBID na formação dos acadêmicos de Química. **Química nova na escola**. Vol. 34, Nº 4, p. 167-172, novembro 2012.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** – Texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Senado Federal. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações; Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010.
- BRASIL. MEC/SEB/DEP/COPFOR. **Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica: orientações gerais**. 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PIBID. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Brasília, DF: CAPES, jan, 2008.
- _____. *Portaria normativa nº 260*, de 30 de dezembro de 2010: **Normas gerais do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**.
- BRASIL. Portaria n. 260. **Normas Gerais do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. Brasília, DF: CAPES, 30 de dezembro de 2010.

BRASIL. **Portaria Normativa nº 38, de 12 de dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.** Diário Oficial da União, n. 239, seção 1, p. 39, 2007.

CANESTRARO, J. F.; ZULAI, L. C.; KOGUT, M. C. **Principais dificuldades que o professor de educação física enfrenta no processo ensino-aprendizagem do ensino fundamental e sua influência no trabalho escolar.** 2008. Educere 2008.

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação.** v.11, n.31. São Paulo, 2006.

COSTA, V. A. S. F.; GUEDES, M. G. M.; OLIVEIRA, A. M. A.; SOUSA, K. M. O.; BRITO, A. M. S. S. O Processo de democratização do acesso ao ensino superior e a importância do PIBID no contexto dos alunos do curso de licenciatura em Química da UFRPE em Serra Talhada – Pernambuco. **Revista virtual de química.** Volume 5, Nº 2, p.137-148 novembro de 2012.

DINIZ, A. V.; et al. **Monitoria em sala de aula: primeiros passos na construção da docência.** In: **Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química**, 32.; Goiás, 2006.

DORNELES, A. M.; GALIAZZI, M. C. Histórias de sala de aula de professoras de Química: Partilha de saberes e de experiências nas rodas de formação do PIBID/FURG. **Química nova na escola.** Vol. 34, Nº 4, p. 256-265, novembro 2012.

FERNANDES, M. J. S.; MENDONÇA, S. G. L.; PIBID: Uma contribuição à política de formação docente. **Revista Entrever.** Vol.. 3, nº 4 ,2013.

FLORES, M. A. Algumas Reflexões em torno da formação inicial de professores. **Educação.** Porto Alegre, v.33, n.3, p. 182 - 188, set./dez. 2010.

FORMOSINHO, J. O (org.). **Formação de professores: Aprendizagem profissional e ação docente.** Portugal, Porto Editora, 2009.

FRANCISCO JR., W. E.; FERREIRA, L. H; HARTWIG, D. R. Experimentação Problematicadora: Fundamentos Teóricos e Práticos para a Aplicação em Salas de Aula de Ciências. **Química Nova na Escola**, n. 30, p. 34-41, 2008.

FREIRE, L. I. F.; MILARÉ, T. **Vivência e Experiência no PIBID em Química.** Editora UEPG, 2013.

FREITAS, M. N. V. Organização Escolar e Socialização Profissional de Professores Iniciantes. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, março/ 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GAIA, A. M. et al. **Aprendizagem de conceitos químicos e desenvolvimento de atitudes cidadãs: O uso de oficinas temáticas para alunos do ensino médio.** XIV Encontro Nacional de Ensino de Química (XIV ENEQ) UFPR, 21 a 24 de julho de 2008. Curitiba/PR.

GARCIA, L. V.; **A formação docente nos subprojetos química do programa institucional de bolsa de iniciação à docência.** Uberlândia, Dissertação (mestrado química)- Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

GALIAZZI, M. C.; GONÇALVES, F. P. A natureza pedagógica da experimentação: uma pesquisa na Licenciatura em Química. **Química Nova**, v.27, n.2, 2004.

GATTI, B.A; BARRETO, E.S.S. **Professores do Brasil: Impasses e Desafios.** Brasília, DF: Unesco, 2009.

GATTI, B. A.; BARRETO, E.; ANDRÉ, M. E. D. A.; **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte.** Brasília: UNESCO, 2011.

GATTI, B. A. Formação de professores: Condições e problemas atuais - Fundação Carlos Chagas. **Revista Brasileira de Formação de Professores** - Vol. 1, nº 1, p. 90 - 102, Maio/2009.

GAUCHE, R.; SILVA, R.R.; BAPTISTA, J.A.; SANTOS, W.L. P.; MÓL, G.S. e MACHADO, P.F.L. Formação de professores de química: concepções e proposições. **Química Nova na Escola.** São Paulo, v. 27, p. 26-29, 2008.

GIBIN, G. B.; LIMA.S. A. M.; Concepções de licenciandos do PIBID de Química sobre o papel pedagógico da experimentação. **Scientia Plena**, v. 11, n. 6, 2015.

HADDAD, S. **Juventude e escolarização: uma análise da produção de conhecimentos.** Brasília, DF: MEC/INEP/Comped, 2002.

JUNIOR, W. E. F.; OLIVEIRA, A. C. G.; **PIBID Química: Ações e Pesquisas na Universidade Federal de Rondônia/UNIR.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

LIMA, J.P.M.; **Formação do professor reflexivo/pesquisador em um curso de licenciatura em Química do Nordeste Brasileiro: limites e possibilidades.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) Universidade Federal de Sergipe, 2011.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: E.P.U., 1986.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A.; **Pesquisas em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: E.P.U, 2003.

MALDANER, O. A. **A Formação Inicial e Continuada de Professores de Química.** 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação:** Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

OLIVEIRA, C.L. Um Apanhado Teórico-Conceitual Sobre a Pesquisa Qualitativa: Tipos, Técnicas e Características. **Travessias**, Paraná, 4. ed. 2009.

PAREDES, G. G. O.; GUIMARÃES, O. M. Compreensões e significados sobre o PIBID para a melhoria da formação de professores de Biologia, Física e Química. **Química nova na escola**. Vol. 34, N° 4, p. 266-277, novembro 2012.

PEREIRA, E. A. **Abordagem experimental no ensino de Química- Manual de práticas de laboratório PIBID/UTFPR**. ed. Bookess, dezembro, 2014.

PÉREZ, D. G.; CARVALHO, A. M. P. **Formação de Professores de Ciências: Tendências e inovações**. Revisão técnica da autora: [tradução Sandra Valenzuela], Editora Cortez, 9. ed., v. 26, São Paulo, 2009.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência**. São Paulo, Cortez, 2006.

PIMENTA, S.G. (Org.) Formação dos professores: identidade e saberes na docência. In: **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Saberes da docência).

PINHEIRO, P. C.; Aumentando o interesse do alunado pela Química escolar e implantação da nova proposta curricular mineira: Desenvolvimento e resultados de projeto seminal realizado no PIBID-UFSJ. **Química nova na escola**. Vol. 34, N° 4, p. 173-183, novembro 2012.

ROSSI, A.V.; O PIBID e a Licenciatura em Química num Contexto Institucional de Pesquisa Química Destacada: Cenário, Dificuldades e Perspectivas. **Química Nova na Escola**- São Paulo-SP, Vol. 35, n° 4, p. 255-263, novembro, 2013.

SANTOS, L. M. C. S. et al. A influência do PIBID no processo de formação inicial dos licenciandos em química da UFS/São Cristóvão. **Scientia Plena**, Vol. 11, n° 6, p. 1-8, 2015.

SANTOS, L. M.C. S. et al. Perspectivas dos bolsistas do PIBID/Química/UFS/São Cristóvão no processo de formação inicial de professores. **Scientia Plena**, Vol. 11, n° 6, p. 1-8, 2015.

SANTOS, L. M. C. S.; SUSUCHI, E. M. **Política pública em educação: um estudo sobre o PIBID na formação inicial de professores de química**. São Paulo: ed. Livraria da Física, 2015.

SANTOS, W.L.P. et al. Formação de professores: uma proposta de pesquisa a partir da reflexão sobre a prática docente. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**. Belo Horizonte, v. 08, p. 1-14, 2006.

SCHEIBE, L. Valorização e formação dos professores para a educação básica: Questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação. **Educação & Sociedade**, 31 (112), p. 981-1000, 2010.

SCHNETZLER, R. P. Apontamentos Sobre a História do Ensino de Química no Brasil. In: SANTOS, W.L.P; MALDANER, O.A. (orgs.). **Ensino de Química em Foco**. Ijuí: Unijuí, 2010.

SCHNETZLER, R.P.; ARAGÃO, R.M.R. Importância, sentido e contribuições de pesquisas para o ensino de Química. **Química Nova na Escola**. São Paulo, p. 27-31, 1995.

SILVA, M. G. L.; MARTINS, A. F. P. Reflexões do PIBID-Química da UFRN: Para além da iniciação à docência. **Química nova na escola**– São Paulo-SP, BR. Vol. 36, Nº 2, p. 101-107, julho 2013.

SILVA, R.M.G; SCHNETZLER,R.P. Concepções e ações de formadores de professores de Química sobre estágio supervisionado: propostas brasileiras e portuguesas. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v.31, n.8, p.2174-2183, 2008.

SILVA, R.M.G. e SCHNETZLER, R.P. Estágios curriculares supervisionados de ensino: partilhando experiências formativas. **EntreVer**, Florianópolis, v. 01, p. 116-136, 2011.

SOCZEK, D.; PIBID como formação de professores: reflexões e considerações preliminares. **Formação docente**. Volume 03 / n. 05 ago-dez. 2011.

SOUZA. S. S.; SIQUEIRA.V. O.; LIMA, J.P.M.; Contribuições e dificuldades na produção de material didático no PIBID Química da UFS/Campus de São Cristóvão. **Scientia Plena**, v. 11, n. 06, p. 1-8, 2015.

STANZANI, E. L.; BROIETTI, F. C. D.; PASSOS, M. M. As contribuições do PIBID ao processo de formação inicial. **Química Nova na Escola**. Vol. 34, nº 4, p. 210-219, novembro 2012.

STANZANI, E. L. **O papel do PIBID na formação inicial de professores de química na Universidade Estadual de Londrina**. (Dissertação de mestrado em Química), Universidade Estadual de Londrina, 2012.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**. Petrópolis: Vozes, 2005.

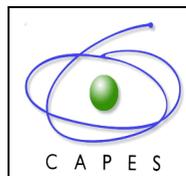
TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VOGRINC, J; JURISEVIC, M; DEVETAK, I. Ethical Aspects In Science Education Research. **XIV IOSTE Symposium**. Bled, Slovenia, jun. de 2010.

WEBER, K. C; FONSECA, M. G.; SILVA, A. F.; SILVA, J. P.; SALDANHA, T. C.B. A percepção dos licenciandos em Química sobre o impacto do PIBID em sua formação para a docência. **Química nova na escola**. Vol. 35, Nº 1, p 189-198, fevereiro 2013.

ZANON, D. A. V.; OLIVEIRA, J. R. S.; QUEIROZ, S. L. O “saber” e o “saber fazer” necessários à atividade docente no ensino superior: visões de alunos de pós-graduação em química; **Ensaio**, Vol. 11, nº 1, junho, 2009, p. 1-20

ANEXO A: PLANO DE TRABALHO DO PIBID/UFS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PRESENCIAL – DEB

EDITAL Nº 061/2013/CAPES

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID

DETALHAMENTO DO PLANO DE TRABALHO DO SUBPROJETO (Licenciatura em Química-Campus de São Cristóvão)

COORDENADOR DE ÁREA DO SUBPROJETO: JOÃO PAULO MENDONÇA LIMA e ELIANA MIDORI SUSSUCHI

PLANO DE TRABALHO

Etapa	Atividade	Quantidade	Período	Elemento de despesa	Item de despesa	Valor	Justificativa/Finalidade (quando couber)
Organização e preparação	Seleção dos bolsistas	1	1º semestre	Outros serviços de terceiros – pessoa jurídica	Confecção de camisas	1.200,00	Confecção de camisas para identificação dos bolsistas nas escolas
	Apresentação dos bolsistas e do projeto a comunidade escolar	4 (corresponde ao número de escolas que participarão do projeto)					
Formação da Equipe e Planejamento	Oficinas do Saber Nesta etapa iremos problematizar e teorizar questões sobre: educação, ensino e aprendizagem. A formação irá ocorrer através de Reuniões de	4	1º semestre	Materiais de consumo	Material de experiente	2.000,00	Estes materiais serão necessários para organização das atividades que envolvem a formação dos bolsistas.
				Outros serviços de terceiros – pessoa jurídica	Serviços de cópias e reprodução de documentos, serviços gráficos	500,00	

	Planejamento; Realização de cursos, oficinas, minicursos e visitas a espaços e eventos culturais.			Passagens e despesas com locomoção	Locação de veículo	3.000,00	O objetivo desta atividade é realizar uma visita ao Espaço Ciência. Que se destaca como maior museu a céu aberto da América Latina. Será também uma oportunidade para troca de ideias e experiências sobre as oficinas de Química, visando a motivação e o interesse pelo aprender e estudar Química.
Formação da Equipe e Planejamento	Planejamento das Oficinas Temáticas Escolha do tema químico e social a ser trabalhado; Análise do livro didático adotado nas escolas; Definição das estratégias de ensino; Elaboração contextualizada do material a ser aplicado na escola.	1	1º semestre	Material de consumo	Material químico, material elétrico e eletrônico, material de expediente	2.000,00	Os materiais serão usados na confecção das oficinas e atividades experimentais.
	Planejamento das ações de monitoria Observação do campo de	1	1º semestre	Material de consumo	Material de expediente	500,00	Estes materiais são necessários a motivar e despertar o interesse dos alunos em aprender Química. Como

	<p>atuação; Reunião com o professor sobre os conteúdos a serem trabalhados; Elaboração do plano de ação a ser aplicado em cada escola.</p>			Outros serviços de terceiros – pessoa jurídica	Serviços de cópias e reprodução de documentos	300,00	por exemplo, realização de experimentos simples, aplicação de jogos didáticos e outros.
Formação da Equipe e Planejamento	<p>Planejamento da feira científica Elaboração das atividades a serem executadas na feira científica, visando diminuir as dificuldades de aprendizagem através da experimentação. Nesta etapa, os experimentos serão testados pelos bolsistas PIBID e colaboradores.</p>	1	1º semestre	Material de consumo	Material químico, material de expediente	1.000,00	Os materiais serão utilizados para realização dos experimentos e roteiros das atividades da feira científica.
Execução de atividades formativas e didático-pedagógicas nas escolas	<p>Aplicação das Oficinas Temáticas As oficinas serão apresentadas nas escolas com foco no trabalho coletivo e uso da diversidade de procedimentos de ensino, com destaque para experimentação, mas também utilizando trabalho com textos, vídeo didático, jogos didáticos e softwares.</p>	1	2º semestre	Material de consumo	Material químico, material laboratorial, material de expediente	2.000,00	Materiais necessários para execução das oficinas temáticas. Vivência do material pelos bolsistas antes de irem às escolas. Aplicação das oficinas nas escolas. Reprodução das atividades para entrega aos alunos e professores da Educação Básica.
				Outros serviços de terceiros – pessoa jurídica	Serviços de cópias e reprodução de documentos, serviços gráficos	1.000,00	

Execução de atividades formativas e didático-pedagógicas nas escolas	Ações de monitoria Aplicação do plano de ação visando minimizar e ou eliminar as dificuldades de aprendizagem, motivando-os a aprender e gostar da Ciência (Química).	1	2º semestre	Outros serviços de terceiros – pessoa jurídica	Serviços de cópias e reprodução de documentos	500,00	Reprodução do material a ser utilizado nas ações da monitoria, como: textos, jogos, exercícios e outros.
Execução de atividades formativas e didático-pedagógicas nas escolas	Realização de feira científica Execução das etapas que culminaram com a feira científica em escolas da Educação básica, possibilitando uma maior aproximação entre alunos, professores da Educação Básica, pesquisadores e alunos de graduação.	1	2º semestre	Material de consumo	Material de expediente, material químico, material laboratorial	2.000,00	Materiais necessários para a realização da feira científica e divulgação de conhecimentos com enfoque em Ciências (Química).
				Outros serviços de terceiros – pessoa jurídica	Serviços gráficos, despesas com instalações de exposições e outros.	1.000,00	
Socialização dos Resultados	Oficinas de Pesquisa A pesquisa buscará identificar e analisar os impactos das ações na motivação e melhoria das concepções dos estudantes, sobre os conceitos químicos e sociais abordados nas oficinas temáticas e nas ações de monitoria e feira científica. Os trabalhos científicos elaborados deverão ser apresentados em eventos como: Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ), Escola de Verão em Educação		2º semestre	Diárias	Pagamento de diária a colaborador externo (palestrante, oficineiro etc), coordenadores, supervisores e bolsistas de iniciação à docência.	1.000,00	A participação e apresentação de trabalhos em eventos, deverá favorecer a implantação, na prática educativa, dos resultados da pesquisa educacional em ensino de Química, visando solucionar problemas relacionados ao ensino/aprendizagem.
				Outros serviços de terceiros – pessoa jurídica	Hospedagem	2.000,00	

	Química (EVEQUIM), Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química (SBQ), Seminário Institucional de Iniciação à Docência e outros. Além da construção de artigos para publicação em revistas. E publicação de um livro apresentando as ações do PIBID/Química na Educação Básica.			Outros serviços de terceiros – pessoa jurídica	Serviço de editoração, serviço gráfico	3.000,00	
				Passagens e despesas com locomoção	Bilhete de passagem, locação de veículos	6.000,00	

ANEXO B: PLANO DE TRABALHO DO PIBID/IFS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA.

À Coordenadora de Valorização da Formação Docente

Aracaju, 02 de setembro de 2014

Assunto: **PIBID - Alteração de plano de trabalho da IES Instituto Federal de Sergipe em CARÁTER EXCEPCIONAL**

1. Eu, **Rosanne Pinto de Albuquerque Melo**, coordenadora do programa PIBID da IES Instituto Federal de Sergipe, solicito a alteração do plano de trabalho em caráter excepcional, uma vez que foi feita uma confusão entre o elemento de despesa e item de despesa solicitado. Informo que já houve a utilização dos valores aprovados (abaixo discriminados) para o elemento de despesa, porém não seguindo "rigorosamente" os itens de despesa solicitado.

Segue abaixo os seguintes itens para as devidas modificações:

I:

DE:

Etapa: **Formação da Equipe/ Planejamento**

Atividade: **Desenvolvimento e testagem de material didático**

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor Aprovado
Ferramentas	Aquisição de ferramentas para auxiliar na confecção de kits didáticos.	R\$ 1.000,00

PARA:

Etapa: **Formação da Equipe/ Planejamento**

Atividade: **Desenvolvimento e testagem de material didático**

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor
Material de expediente	Materiais a serem utilizados durante os encontros para investigação, criação, confecção e testagem do material produzido.	R\$ 1.000,00

Deferido

Indeferido

Motivo Os itens solicitados estão de acordo com o Manual de Funcionamento do Programa

Claudia E. Costa Cardoso
Coordenadora de Valorização da Formação Docente
Pat. nº 114.414-2/11 - 2013/000011



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA.**

À Coordenadora de Valorização da Formação Docente

Aracaju, 02 de setembro de 2014

Assunto: **PIBID - Alteração de plano de trabalho da IES Instituto Federal de Sergipe em CARÁTER EXCEPCIONAL**

1. Eu, **Rosanne Pinto de Albuquerque Melo**, coordenadora do programa PIBID da IES Instituto Federal de Sergipe, solicito a alteração do plano de trabalho em caráter excepcional, uma vez que foi feita uma confusão entre o elemento de despesa e item de despesa solicitado. Informo que já houve a utilização dos valores aprovados (abaixo discriminados) para o elemento de despesa, porém não seguindo "rigorosamente" os itens de despesa solicitado.

Segue abaixo os seguintes itens para as devidas modificações:

1:

DE:

Etapa: **Formação da Equipe/ Planejamento**
Atividade: **Desenvolvimento e testagem de material didático**

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor Aprovado
Ferramentas	Aquisição de ferramentas para auxiliar na confecção de kits didáticos.	R\$ 1.000,00

PARA:

Etapa: **Formação da Equipe/ Planejamento**
Atividade: **Desenvolvimento e testagem de material didático**

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor
Material de expediente	Materiais a serem utilizados durante os encontros para investigação, criação, confecção e testagem do material produzido.	R\$ 1.000,00

Deferido

Indeferido

Motivo Os itens solicitados estão de acordo com o Manual de Execução de Despesas do programa

Claudio Batista Cardoso
Claudio Batista Cardoso
Coordenador de Valorização da
Formação Docente
Port. nº 213 de 18/02/2012 - DOU 19/02/2012

2:

DE:

Etapa: Execução de Atividades Formativas e Didático-Pedagógicas nas Escolas
Atividade: Material de consumo

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor Aprovado
Material químico	Compra de reagentes para realização de experimentos	R\$ 700,00

PARA:

Etapa: Execução de Atividades Formativas e Didático-Pedagógicas nas Escolas
Atividade: Material de consumo

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor
Material de expediente	Material a serem utilizados durante a execução das atividades (confeção de jogos, evento científico e culturais)	R\$ 700,00

Deferido
 Indeferido

Motivo Os itens solicitados estão de acordo com o Manual de compras da Prefeitura

[Assinatura]
Cláudia *[Assinatura]* Cardoso
Coordenadora de Validação da
Formação Docente
Pol. de Ed. de 14/11/2011 - 002 13542210

3:

DE:

Etapa: Execução de Atividades Formativas e Didático-Pedagógicas nas Escolas
Atividade: Visitas a espaços e eventos culturais

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor Aprovado
Locação de veículo	Visitas de toda equipe envolvida (coordenadores, supervisores e bolsistas ID) ao Centro de Ciências e Tecnologia de Sergipe, com o objetivo dos bolsistas terem o contato com diversos experimentos científicos.	R\$ 400,00

Etapa: Acompanhamento do projeto
Atividade: Passagens e despesas com locomoção

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor Aprovado
Locação de veículo	Deslocamento de bolsistas e coordenadores para as escolas parceiras localizadas em outros campi.	R\$ 400,00

PARA:

Etapa: Socialização dos resultados
Atividade: Apresentação de trabalho em evento no país

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor
Passagens e despesas com locomoção	Participação de bolsistas de iniciação à docência do projeto, em evento no país, para apresentação de resultados obtidos no projeto	R\$ 551,74

Etapa: Formação da Equipe/ Planejamento
Atividade: Desenvolvimento e testagem de material didático

Item de despesa solicitado	Justificativa/Finalidade da despesa	Valor
Material de expediente	Materiais a serem utilizados durante os encontros para investigação, criação, confecção e testagem do material produzido.	R\$ 248,26

Deferido
Indeferido

Motivo: Os itens solicitados estão de acordo com o Manual de execução de despesas.

Coordenadora de Administração
Formação Continuada
CNPq - 301209/2018-0
CNPq - 301209/2018-0

Claudia
Coordenadora
Terc
Tel: 411

2. Por gentileza, solicito apreciação em caráter excepcional das alterações acima descritas, haja vista uma tremenda confusão entre o Resumo das Etapas Cadastradas no plano de trabalho da minha IES com o Plano de Aplicação dos Recursos de Custeio.

Atenciosamente,

Rosanne PAMelo

Profª Dra Rosanne Pinto de Albuquerque Melo
Coordenadora Institucional PIBID/ IFS

Deterido
 Indeferido
Motivo Os itens remanejados
estão de acordo com
o plano de recursos de
custeio.

[Handwritten Signature]
Claudete Brito Cardoso
Coordenadora de Avaliação da
Formação Docente
Pós. nº. 413 de 19/07/2011 - DSU 19/07/2011
PROFESSORES

ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. A pesquisa consistirá na realização de entrevistas, questionários e gravações junto aos participantes do estudo e posterior análise dos dados. Trata-se de uma Dissertação de mestrado desenvolvida por Laís Menezes Cardoso dos Santos e orientada pela Prof.^a Dr.^a Eliana Midori Sussuchi, do núcleo de pós graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A qualquer momento da realização desse estudo qualquer participante/pesquisado envolvido poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Qualquer participante poderá recusar-se a participar ou retirar-se da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo aos mesmos. O sigilo das informações será preservado através de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Especificamente, nenhum nome, identificação de pessoas ou de locais interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização à instituição dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

Eu, _____, assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da pesquisa, permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados sem a menção dos nomes dos pesquisados.

Aracaju, ____ de _____ de 2014.

Assinatura do Pesquisado/da

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos, entrar em contato: menezeslais4@gmail.com
Telefone: (79) 9825-4176.

ANEXO D: AVALIAÇÃO DE SONDAAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPOS

NÚCLEO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
(NPGEICIMA)

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

Identificação

1-Nome (Opcional): _____

2-Idade: () $18 \leq i \leq 20$ () $20 < i \leq 22$ () $22 < i \leq 24$ () $i > 24$

3-Sexo: () Feminino () Masculino

4-Estado civil: () Solteiro () Casado () Outros

5-Você tem filhos? () SIM () NÃO

6-Renda familiar: () De 1 a 2 salários mínimos () De 2 a 5 salários mínimos
() De 5 a 8 salários mínimos () Mais de 9 salários mínimos

7-Onde cursou o ensino médio: () Escola Particular () Escola Pública () Ambas

QUESTIONÁRIO PARA BOLSISTAS INICIANTE-PIBID

1- Assinale as opções que fez você optar pelo curso de Licenciatura em Química?

- () Vocação para ser professor.
- () Afinidade com a área.
- () Facilidade de emprego.
- () Influência da família.
- (Não me sinto apto para outro curso.
- () Outros.

2- Qual a sua forma de ingresso no curso?

- () SISU
- () Vestibular tradicional
- () ENEM
- () Transferência externa

Transferência interna

3- Você faz outro curso em paralelo ao curso de Licenciatura em Química?

Não

Sim. Especifique: _____

4- Assinale as dificuldades encontradas por você no curso.

Ter que trabalhar.

Excesso de carga horária.

Falta de base em Química e/ou Matemática.

Disponibilidade extra-classe dos professores.

Falta de compromisso de alguns professores.

Relação Professor-Aluno.

Ter pouco tempo para estudar

Outro. _____

5- Quando você ingressou no PIBID?

6- O que te impulsionou a ingressar ao PIBID/CAPES/Química?

Por questões financeiras.

Por incentivo de algum professor.

Por não ter conseguido outras bolsas.

Por ser uma nova experiência acadêmica.

Por gostar da docência.

Outro: Especifique: _____

7- Qual é a sua expectativa em relação a sua participação no programa?

8- Que atividades você exerceu antes do seu ingresso ao PIBID?

Participação em projeto de pesquisa (PIBIC, PIBIT...).

Participação em monitoria de ensino na própria instituição.

Lecionava na rede particular de ensino.

Exercia outra profissão fora do âmbito da docência.

Nenhuma.

Outros. Especifique: _____

9- Quais as atividades pedagógicas você pretende desenvolver ao longo da execução do seu projeto no PIBID?

Oficinas

Experimentos

Monitoria

Atividades extra-classe

() Debates () Outros. Especifique: _____

10- De qual forma você desenvolve suas atividades no programa?

- () Individualmente, e prefiro assim.
- () Individualmente, mas prefiro em grupo.
- () Em grupo, e prefiro assim.
- () Em grupo, mas prefiro individualmente.
- () Algumas atividades em grupo e outras individuais, e gosto dessa distribuição.
- () Algumas atividades em grupo e outras individuais, mas não gosto dessa distribuição.

11- Como foi seu primeiro contato na escola que você atualmente desenvolve suas atividades do PIBID em relação a:

a) Receptividade dos alunos

b) Professores e supervisores

c) Direção da escola

d) Estrutura física

12- Como você vê a escola atualmente após o ingresso no PIBID?

- () Um ambiente mais agradável.
- () Um ambiente menos agradável.
- () Não fez diferença, pois já gostava de ambientes escolares.
- () Não fez diferença, ainda não gostando de estar nas escolas.

13- De qual forma o PIBID contribuirá para a sua formação acadêmica?

14- Em pouco tempo no PIBID, você já pensa em desistir?

- () Nunca pensei, estou me adaptando bem ao programa.
- () Sim, não estou me adaptando muito ao programa.
- () Sim, prefiro outras experiências em meu currículo.

15-Você tem algum aspecto importante a acrescentar sobre sua participação no PIBID?

ANEXO E: ENTREVISTA - PIBID/IFS

(Laís): - Bom, vamos dar início a nossa entrevista que consiste em analisar os impactos do Pibid na formação dos licenciandos tanto da UFS como do IFS... qual o período que você está cursando?

(Bolsista 1): -Bom, Laís... o período que estou cursando é meio complicado dizer porque como eu vim de transferência da UFS... eu “to” com muitas disciplinas... eu vim de transferência e já cheguei no terceiro período no IFS “né”... então “to” com muitas disciplinas do primeiro e segundo período pendentes que é filosofia da educação, história da Química... mas como eu falto 8 disciplinas para eu me formar... e assim só falta estágio 2 e 3 nessa nova grade “né”...eu me considero no sexto período.

(Laís): - Entendi... Há quanto tempo você está no PIBID?

(Bolsista 1): - Assim, eu participei do Pibid da UFS durante um ano e do Pibid do IFS eu estou desde 2014, se eu não me engano de março de 2014... então eu já estou há dois anos no Pibid.

(Laís): - Você consegue ver alguma diferença entre Pibid IFS e Pibid UFS já que você teve esses dois contatos?

(Bolsista 1): - E como consigo viu Laís...porque no Pibid UFS você escreve sabendo aquilo que você está escrevendo... porque tem aquela discussão de artigos...você apresenta as suas oficinas para todo mundo... existe aquela discussão de todo mundo querendo ou não... assim... eu vejo uma nivelção na verdade das pessoas que fazem parte do Pibid... como se todo mundo tivesse no mesmo nível... uns estudam mais... mas é como se todos falassem a mesma língua... já no Pibid do IFS eu vejo que existe uma “desnivelção” enorme tem pessoas assim... sei lá... não sei o que realmente ensina pro aluno... porque se chega na frente... quando vai apresentar alguma coisa pra gente apresenta assim... mesmo os professores corrigindo tem aquela dificuldade... não se é porque foi o único curso que entrou... que não era pra fazer Química... não sei... infinitos fatores... mas esse eu acho um dos fatores mais gritante... não tem essa reunião semanal que no Pibid da UFS pra discussão tem para você realmente se formar “né” um melhor profissional... melhor professor... mais capacitada... aquela questão do professor reflexivo... mas é... não tem... você chega... elabora seu projeto... você vai seguir seu projeto... o professor deixa lá você livre... se você quiser... se o professor ver que você realmente vai dar frutos ele investe em você... eu me sinto muito beneficiada no Pibid do IFS porque os professores sempre estão ali disponíveis para qualquer dúvida... mas não diz leia esse artigo para você fazer uma fundamentação teórica de um resumo que você vai mandar para um evento... não... eu que tenho que ir atrás dos artigos que eu acho que vai interessante... e eles simplesmente confiam até nas citações que faço... porque eles nem leram o artigo... a verdade é essa... mas na parte de Química... o que acho assim que é todo um diferencial é que eles discutem mesmo os dados resultados e discussões com a química pela química mesmo porque eles tem aquela vivência com os alunos do ensino médio... sabem realmente as dificuldades... coisas que aí na UFS eu achei que não era tão eficaz porque eles focam mais na parte da contextualização... educação... e muitos professores não tem experiência da educação básica que já tem no IFS... então assim... todas as duas experiências são únicas... cada uma com suas limitações... mas todos 2 assim.. maravilhosas... eu gosto muito do trabalho do Pibid.

(Laís): - Entendi... Então você foca também algumas diferenças que você colocou... veja se estou correta... quanto aos bolsistas existe uma preparação melhor na UFS... no IFS os bolsistas ainda requer maior preparo... uma bagagem química que você fala... e quanto aos coordenadores... você percebe que prevalece mais... sobressai a palavra certa é essa... sobressai mais os professores da UFS na questão da formação dos licenciandos com a questão do ensino... da prática... e do IFS é aquele professor prático em saber Química... é isso?

(Bolsista 1): - É isso na verdade... mas assim... eu acho que no IFS é a questão dos professores em saber a parte química... química pela química... não tem muito aquela parte da educação que a gente ver muito na UFS... na UFS os professores são realmente professores... pelo menos dos Pibid... os que eu tive contato... professores em educação química... que tem toda aquela fundamentação dos teóricos em educação química... e no IFS não tem nenhum professor... são todos assim...engenheiros químicos... ou então na parte de orgânica... naquele conhecimento específico da química e não educação... aí eu acho que como eu fiz um trabalho... parece que lá no IFS tem mais concepção do que o aluno da educação básica sente dificuldade... porque eles tiveram esse contato... eles ensinam na verdade... lá é uma instituição de ensino superior, técnico e médio... então todos tem essa ponte literalmente entre a educação básica e ensino superior... eles ajudam muito a gente pensar... gente vamos trabalhar as concepções alternativas referente a tal conteúdo porque eu vejo que os alunos confundem isso com isso... então assim... é outro pensamento... mas a UFS é UFS... eu “to” no IFS... gosto muito do IFS porque é um ambiente pequeno... os professores são também super competentes... são poucos alunos na sala... então eu tenho oportunidade em aprender mais... eu “to” me soltando mais porque eu sou muito tímida... com poucos alunos eu consigo me desenvolver melhor... acredito que hoje eu sou... tenho mais maturidade ao curso e ao que eu espero “né”... como futura profissional... mas assim... a UFS assim...me deu muito suporte teórico... (nome da coordenadora de área) com aquela fundamentação teórica que eu achava chata entendeu... mas eu uso muito do que eu aprendi na UFS na parte dos teóricos em educação em química... resumindo...a UFS é bom na educação química e na química pela química... a UFS é completa... o IFS eu acho bom na parte de Química ‘né’... as instrumentações, química orgânica, analítica... inorgânica, físico-química... mas a parte da educação voltada pra química é que eu não acho tão boa porque não tem profissionais capacitados pra isso... são profissionais de área específica que ensina essa parte da educação...é isso aí.

(Laís): -Entendi completamente... agora vamos falar sobre sua participação no programa... quais as atividades você desenvolve na escola?

(Bolsista 1): - Bom, foram por etapas “né”... porque a gente começou... antes eu estava no colégio lá no João Alves... no Juscelino... agora eu “to” no costa e silva... e cada escola tem sua característica até porque... por causa do supervisor... do funcionamento da escola... no Juscelino o ensino médio é só pelo turno da tarde... a gente poderia realizar o Pibid alguns dias na semana pela manhã... porém... o pessoal que faz parte do Pibid ou então a maioria do pessoal do ensino médio agora está fazendo cursos profissionalizantes pelo SENAI...SESI...essas coisas... então.. era inviável a gente fazer... realizar algum projeto pelo turno da manhã... a gente começou fazendo... dia de sábado... cada um tinha o seu projeto individual... o meu era sobre polímeros... porque quando eu comecei... eu comecei em 2014 no ano da copa... aí o meu foi sobre polímeros na copa do mundo... então... começou com esse projeto... o meu era esse... mas o professor supervisor queria que a gente fizesse um trabalho coletivo sobre sustentabilidade de lixo porque a escola tava sendo... os entornos da escola tava sendo como fosse terreno baldio... tinha pessoas que tava jogando lixo realmente dentro da

escola... aí o professor queria fazer um trabalho de conscientização...a gente fez esse trabalho...foi desgastante... a gente tentou fazer um trabalho de arborização... compostagem...foi desgastante mas... não teve frutos... assim... a gente lançou as sementes mas não deu frutos porque é muito pouco... teria que ter tido uma parceria com o município, a EMSURB para poder fazer limpeza...essas coisas ... mas foi a primeira parte... aí meu projeto polímeros na copa do mundo foi engavetado... porque não teve como eu trabalhar ... porque o professor queria que a gente ficasse focado nesse projeto coletivo... aí depois... como é uma escola... lá o Juscelino... aí no fundo... na verdade a escola é como se fosse uma favela... que passa ali naquela ponte do João Alves... ali tem muito lugares de drogas... o professor disse que já apareceu drogas dentro do banheiro... *crak*... essas coisas... aí vamos fazer um trabalho de drogas... aí meu trabalho foi sobre... o estudo de substâncias e misturas a partir das drogas... aí eu passei questionários de conhecimentos prévios... eu percebi que as drogas que ele tinham mais contato era o álcool... a cerveja...o cigarro e a maconha... aí como a maconha tava em alta porque poderia ser usada como medicamento...aí eu comecei com ela, o álcool e depois eu percebi que eles desconheciam a cafeína...que está presente no café e na coca cola que eles tomam muito... aí o que é que eu fazia... a maconha realmente é uma mistura de substância... mas o THC... o principio ativo.. psicótico... é uma substância... o *canabidiol* é uma substância pura... a maconha é uma mistura... e eu percebi que eles tinham essa dificuldade... até meu resumo foi sobre isso na escola de verão que apresentei ano passado... que tudo que vem da natureza eles acham que é puro... maconha é uma substância pura porque é uma planta... aí a gente começou a trabalhar em cima disso... aí eu escrevi... a gente tá escrevendo um artigo sobre isso porque já foi apresentado um banner... pronto... terminou esse projeto eu me mudei... ficava inviável ficar indo pro João Alves morando no Suíça... eu morava antes no Siqueira... aí fui para o Costa e Silva... pedi transferência... no Costa e Silva estou a tarde... dia de quarta-feira... são todas as quartas...a professora é super ativa... ela fica com a gente no ambiente... cobra dos alunos... ela é bem exigente... então... “tô” com outra dupla e tô com um projeto... esse menino tá com outro porque ele entrou depois de mim e ele já tinha outro projeto... mas tá executando o meu e depois vamos executar o dele...ele é uma pessoa que sofre de problemas de rins... insuficiência renal... o projeto dele é sobre Hemodiálise e o meu é sobre medicamentos... é o estudo de soluções a partir dos medicamentos que a gente tá executando jogos... “quimicamentos” que a gente trabalha título, concentração comum o que a gente pode extrair de concentração de solução e diferença dos tipos de dispersão a partir dos medicamentos a gente tá fazendo... é basicamente isso... ah, e quando eu tava no Juscelino... era meio que assim... cada final de semana... enquanto a gente tava fazendo o projeto coletivo todas as duplas iam e a gente se organizava... uma dupla vai trazer experimento... próxima semana vai trazer outra coisa... vai trazer outra dinâmica...e a gente fazia a nossa atividade... depois... como era de 9h as 11h apenas no sábado e tinha poucos alunos porque o professor não dava ponto para os alunos participar do Pibid iam só os alunos por livre espontânea vontade... então assim... o público era muito pouco... 8 alunos... aí não tinha como... se tinha 4 duplas naquela escola não tinha como dividir esses 8 alunos em 4... ninguém ia ficar com 2 alunos porque nem ia ter como coletar os dados... aí ficava um final de semana uma dupla e no outro outra dupla e assim por diante... mas assim... demorava... assim... não dava para você fazer tudo... era por parte... o meu eu trabalhei esse 4 tipos de drogas...mas durou um tempinho porque fala isso mas tem muitos alunos que não tem base de outras coisas e vai puxando outros assuntos para que tenha um bom entendimento daquilo que você está explicando...também tem esse detalhe... e esse professor... esse supervisor ele é maravilhoso Laís... mas ele é muito idealista... queria que a escola se tornasse uma escola modelo por o Pibid também está lá... mas assim... o público não ajuda... a coordenação não ajuda... então assim...a gente tava querendo... o professor também querendo... mas precisa também de toda mobilização... não é só a gente que faz a escola....

também tem esse detalhe... já no Costa e Silva a professora dá ponto... mas também ela... uma pessoas que não quer nada... que não estuda... que quer só participa pelo ponto ela não deixa participar... é tanto que nesse projeto só tem comigo 5 que estavam desde o início e agora semana passada apareceram mais 2 então só são 7 pessoas... mas são aqueles alunos fiéis... com lista de presença...então eu acho bem organizado... eu acho ela mais pé no chão... sei lá... não sei também se é porque a escola é mais estruturada...tudo ajuda... o diretor é muito presente...mais ativo.

(Laís): - Qual é a sua relação os alunos da escola parceira ao programa?

(Bolsista 1): - Laís... assim... minha relação é muito afetiva... porque isso é bem característico da minha personalidade... então eu tenho uma relação muito amigável... eles são bem participativos...a gente tem grupo no *whatsapp*... que se comunica...eu peço para eles pesquisarem alguma coisa aí eles mandam para eu ver se tá coerente... então a gente tem aquele vínculo sadio... ao mesmo tempo que sou afetiva que a gente conversa que tem o diálogo amigo mas também eu imponho limite e respeito... porque tem uns que vêm com umas gracinhas que tem que ser ignorados... tem que corrigir...mas é bem tranquilo... até porque são poucos alunos então a relação é boa.

(Laís): - E a sua relação com os coordenadores e supervisores do programa?

(Bolsista 1): - Assim... com a supervisora... ela é muito imparcial.. ela muito na dela... não é de interagir muito com os bolsistas... ela é muito profissional na verdade... tava acostumada no ambiente mais familiar... aí vou pro Costa e Silva e a professora já é muito introspectiva... mas não que ela não seja acessível... eu estranhei um pouco... mas assim... me relaciono muito bem com a professora... com os coordenadores da escola e com os coordenadores... as vezes dá um choque de ideias porque muito do que aprendi na UFS eu levo pro IFS... e assim... eu tenho como verdade muito dos conhecimentos que aprendi na UFS não tem como eu separar isso e... lá eles tem outro pensamento... outro jeito de trabalhar... e entra o choque de pensamentos e ideia... mas que a gente se resolve... eu considerado que eu tenho um bom relacionamento.

(Laís): - Você observa alguma possibilidade de integração...ou seja alguma articulação entre as atividades desenvolvidas no Pibid com as atividades do curso?

(Bolsista 1): - Sim... o Pibid fornece subsídios para que eu possa realizar uma boa prática me acrescentando com uma boa futura docente fazendo jus ao que o curso propõe. Oferece articulação no sentido da evolução conceitual com a prática em sala... é isso.

(Laís): - O programa tem como objetivo melhorar a formação docente oferecendo bolsas aos estudantes...você acredita que esse objetivo está sendo alcançado em sua formação?

(Bolsista 1): - Laís... eu vou listar algumas das contribuições do Pibid na minha formação... a primeira contribuição...é que você começa a participar sendo pibidiano... o primeiro contato é com artigo científico... então você tem o contato com aquela linguagem científica... química... antes do que vai acontecendo durante a grade curricular... uma coisa que só ia ver na minha instrumentação I...estágio... eu consigo ter acesso antes... isso é enriquecedor... outra coisa é o contato que a gente tem com os professores... porque quando você não participa de nenhum projeto isso pode ser o Pibid ou qualquer outra bolsa de iniciação você vai pra uma sala de aula, assisti sua aula, faz a prova, conversa com o professor ali... quando você passa a ser de um projeto você tem aquele contato mais próximo com o intelectual... porque eu vejo o professor que é orientador como intelectual...uma pessoa que só tem a me acrescentar com

conhecimentos... e quando você tá perto de pessoas assim... rapaz, você aprende muito... outra coisa é referente assim... quando a gente estuda química e a gente sabe que nem todas as áreas da química a gente tem afinidade....aí quando você ingressa no Pibid começa a ter a aquela preocupação... eu preciso aprender porque eu vou ensinar... isso é muito forte em mim... aprender para ensinar... você pode até ter um deslize...ensinar uma coisa equivocada... mas você ali é referencial para seu aluno... então você tem que dar verdadeiramente o seu melhor ...aí quando entrei no Pibid isso foi um estalo... mesmo as disciplinas que eu não gostava comecei a olhar diferentes pra elas e tentar entende-las para poder ter um bom conhecimento e conseguir transpor... e um outro ponto também é a questão do professor... porque a gente ingressa antes do estágio...a gente ingressando antes a gente tem aquele contato com de ser professor...a gente tá alí como bolsista... mas o aluno fica... professor... professor... tem você ali como referência...a gente começa a se colocar no lugar dos meus professores da graduação e me policiar quando eu comecei a ir pra frente em uma sala de aula... vi os 2 lados da moeda... aluno e professor... e umas das melhores pra mim é porque eu queria fazer... fiz o curso técnico...e sempre tive vontade de fazer Química industrial ou química licenciatura... aí como gosto de gente, gosto de trabalhar com gente... e me relacionar não necessariamente de me expor... e o Pibid antes dos estágios logo no início da graduação foi um divisor de águas... porque eu consegui ter postura, me colocar como profissional, me comportar desse jeito... eu tenho que dar limites aos alunos... eu tenho que falar em público para muitos alunos... então assim... isso foi destruindo muitas barreiras que eu tinha em mim mesma... a timidez, o medo de errar, a insegurança... então o Pibid contribui muito para a minha vida pessoal e ainda tá contribuindo porque não sai do Pibid e sei que tenho muito a aprender na minha vida profissional...

(Laís): - Em sua opinião quais as características o professor precisa para ser considerado um bom professor?

(Bolsista 1): - A primeira coisa e talvez a essencial é ele ter domínio do conteúdo e ele saber passar o conteúdo... e também a questão da humildade... se ele errar ai vai trazer na próxima aula... a questão dos erros... impor limites... entender e explicar na verdade de forma que o aluno consiga entender o mundo que ele tá inserido... porque também que conhecimento é esse que vai explicar e o aluno não vai poder fazer pontes com o cotidiano deles... uma série de coisas... mas assim...isso tudo engloba ser um bom professor.

(Laís): - Para você Pibid e estágio têm os mesmos objetivos?

(Bolsista 1): - Não sei dizer ao certo, sei alguns do Pibid e estágio... mas assim... já fiz estágio I e estou no Pibid....eu vejo como principal diferença de um para o outro é com relação a continuidade dessas atividades... porque eu chego no estágio, observo e aplico a prática docente, mas eu não vejo se aquele aluno teve uma evolução conceitual... se aquele aluno realmente... como conseguiu sentir um interesse maior pela química... então eu não tenho algo mais... dados mais eficazes... já no Pibid... eu observo, no Pibid eu aplico minha atividade, no Pibid eu fico muito tempo com aqueles mesmos alunos em encontros semanais... então você tem aquele contato, você ver se aluno realmente tá aprendendo...você tem uma resposta mais certa... se aluno tá tendo evolução conceitual... eu vejo muito isso... a continuidade das atividades e da questão de você realmente não só intervir...porque no estágio a gente consegue intervir...a gente leva vários meios... várias ferramentas didáticas... mas a gente não sabe se mesmo levando várias ferramentas aquilo fez com que eles tivessem uma aprendizagem significativa e no Pibid a gente consegue ver isso com o encontro semanal.

(Laís): -Existe algum ponto importante que poderia ser revisto no programa... alguma dificuldade?

(Bolsista 1): - Assim, uma dificuldade que “tô” sentindo agora Laís com relação na execução do meu projeto... é que meu projeto é pro segundo ano científico... porém... os alunos participantes do projeto são do primeiro ano... por mais que eu dê todo subsídio pra que ele compreenda antes de iniciar o projeto existe uma dificuldade enorme... aí eu sinto que o projeto não anda... toda quarta-feira eu tenho que fazer uma revisão, levar atividade, levar texto, jogo de palavra cruzada, jogo de caça palavras para revisar o que já foi dito... sempre... sempre...porque eles não pegam... por mais que eu leve experimentos... tudo... outra dificuldade na instituição é que a gente que é da educação sofre *bulling* “né”... um licenciando ele pode fazer... pelo menos no IFS... como é pequeno fica extremamente nítido...uma instituição pequena que entra muitos alunos no início dos períodos... então... os licenciandos que fazem pesquisa sem ser na área de educação...meu Deus... são paparicados pelos professores... participam... até parece que os professores se unem mais para contribuir na pesquisa deles... eles tem uma união maior...já no Pibid...ah é o Pibid... não existe parceria “né”... do Pibid só fica os orientadores do Pibid...não tem aquela parceria com os outros professores da coordenação de Química... isso também é uma dificuldades... outra dificuldade que eu vejo lá no IFS é a falta de reuniões com os bolsistas...dos orientadores com os bolsistas... a gente se disser... ah tem um evento previsto que quer mandar artigo... eles pensam muitas das vezes...eu acho que a compreensão que eles tem é a quantidade e não de qualidade com aquilo que você está escrevendo... ao contrário da UFS... a UFS quer realmente publicar mas eles pesam muito na qualidade e no IFS eles pensam também na qualidade mas o que interessa é a quantidade... quando chega um evento aí ficam sugando... menina... você consegue escrever um resumo em dois dias... em um dia você consegue escrever um resumo... eles corrigem e mande de novo... eles corrigem e manda de novo...aí tem o interesse... se for... ah professor que quero fazer um resumo para deixar pronto...com antecedência... se tiver algum evento eu já posso submeter...aí não tem aquela orientação... só tem quando o evento é hoje e você começa a trabalhar ontem... muito rápido e isso assim... você não dar o seu melhor porque você não tempo para ler as coisas direito... então isso é uma dificuldade que eu acho entendeu... outra dificuldade é... eu não sei qual o sistema que a Capes faz na verdade... não sei... talvez não seja uma dificuldade...uma curiosidade minha mesmo... como é que são essas escolas parceiras se o próprio instituto... a própria universidade que escolhe... se elas se cadastram... porque acho que poderiam ter uma abrangência maior do Pibid em outras escolas... o IFS só trabalha com 3 escolas... Glorita, Costa e Silva e outra... a Pio Décimo na parte de Química pela menos não tem Pibid... por não ser uma instituição Federal... a UFS não sei quantas escolas são parceiras... então assim... você tem muitas escolas e poucas escolas terminam com o Pibid pelo menos de química... aí sei lá... uma sugestão também que isso... que essa quantidade de escola parceira aumentasse... como isso poderia ser feito.

(Laís): -Qual o impacto do possível fim do programa para escolas participantes e para a sua própria formação?

(Bolsista 1): - Bom, para escolas participantes é aquela questão que o aluno vai ficar... impossibilitado de uma certa forma...em sua maioria... não generalizando... de ter aulas de químicas mais dinâmica com utilização de ferramentas didáticas com experimentos e isso possibilita eles se interessar mais em química... ter vontade de fazer um curso superior na área de química licenciatura, bacharelado ou entre outros... e na escola ainda... a questão do professor “né”... porque um professor que trabalha na educação básica tem a carga horária apertadíssima... são muitas aulas por semana não ensina em uma escola apenas... então

assim... é complicado... a gente tem essa idealização... o professor pode levar isso ou aquilo outro... puder pode mas existe o cansaço da carga horária pesada e tão assim... isso também é uma perda para o professor sem o Pibid porque querendo ou não... existe aquela parceira entre bolsistas com o professor... do que o professor não pode talvez levar para sala de aula o bolsista consegue trabalhar melhor né através das ferramentas didáticas... e se acabasse o Pibid... realmente e o Pibid contribui de forma singular para a formação de todo estudante de um curso de licenciatura... então se o Pibid ele deixa de existir... vão continuar se formando... o Pibid é um programa recente... todos os professores que já tivemos eles não participaram do Pibid e nem por isso eles deixaram de ser bons profissionais... porém... talvez... são bons profissionais mas muitas vezes eles não conseguem sabem passar o conteúdo... transmitir o conteúdo científico em um conteúdo escolar e o Pibid já auxilia nisso... ou seja...você consegue transmitir melhor o conhecimento... adequa o conhecimento a faixa etária... a mentalidade do aluno naquela idade...então assim... não prejudica mas vai deixar de acrescentar “né”... deixar de contribuir pra formação continuada no caso do futuro docente sem o Pibid.

(Laís): - Você gostaria de acrescentar algo em nossa entrevista?

(Bolsista 1): - No mais está ótimo, quero está na sua defesa da sua dissertação de mestrado. Muito sucesso e fique com Deus!

(Laís): Bom, vamos dar início a nossa entrevista que consiste em analisar os impactos do Pibid na formação dos licenciando do IFS e da UFS... qual o período que você está cursando?

(Bolsista 2): - Estou cursando o sétimo período.

- Há quanto tempo você tá no programa?

(Bolsista 2): - Estou no programa há 3 anos.

- Bom, agora vamos falar sobre sua participação no PIBID... quais atividades você realiza na escola?

(Bolsista 2): - Bom... primeiro o nosso foco no projeto Pibid é trabalhar com jogos... o lúdico né... o tema que eu entrei foi tabela periódica mas com o passar do tempo nós fomos escrevendo...estudando e aí formando nossas ideias né... agora como estamos trabalhando em parceria... aí nós montamos um jogo chamado “vinebol”... esse jogo já foi apresentado inclusive em Itabaiana e é um jogo bastante interativo.... que eles gostam bastante inclusive nas feiras de ciência que sempre são realizadas no colégio Glorita Portugal ...além disso nós realizamos experimentos... dinâmicas... na verdade nós fazemos de tudo para que o aluno ele possa ser o centro da aprendizagem e isso tá dando certo porque todos os sábados está tendo um bom número de alunos nas aulas.

- E qual é a sua relação com esses alunos da escola?

(Bolsista 2): - Ah, uma relação muito boa... eles respeitam bastante a gente como profissional e é recíproco... eu gosto demais de trabalhar com os alunos do Glorita.

- E sua relação com os coordenadores do programa e o supervisor?

(Bolsista 2): - Também eu não tenho o que reclamar... a supervisora é uma mãezona... sempre tá disposta a nos escutar... absorver ideia... ela é super tranquila... e os nossos supervisores também não tenho o que reclamar... eles expõe o que pesam e a gente também tenta melhorar o máximo... então não tenho o reclamar.

-Você observa alguma possibilidade de articulação entre as atividades que você desenvolve no programa com as disciplinas do curso?

(Bolsista 2): - Bom... eu vejo isso claramente nas disciplinas de instrumentação... nas instrumentações... porque muita coisa do que eu faço no Pibid tem a ver com o que nós aprendemos no decorrer dessas instrumentações... a parte do lúdico... ministrar uma aula...sabendo da necessidade do aluno... então muita coisa do que a gente aplica hoje no Pibid tem a ver com a preparação que e gente recebeu nessas instrumentações.

- O programa tem como principal objetivo melhorar a formação docente oferecendo as bolsas a vocês estudantes da licenciatura... você acredita que esse objetivo de melhorar a formação docente está sendo alcançado principalmente em sua formação?

(Bolsista 2): - Sim...Laís... isso eu não tenho dúvida... porque por exemplo “né”... eu fiz agora minha última disciplina de estágio... estágio supervisionado III... então assim... muita coisa que eu apliquei em sala de aula eu aproveitei do que faço no Pibid... e com certeza quem faz Pibid sai na frente “né”... porque nós já estamos acostumados com a sala... já tem domínio “né” com a sala de aula... do conteúdo...então assim... aprendi bastante... e sem sombra de dúvida que o Pibid contribuiu bastante na minha vida acadêmica e profissional.

- Para você Pibid e estágio tem o mesmo objetivo?

(Bolsista 2): - Sim...sim... ao meu ver sim...porque eu acho que na verdade é o mesmo foco “né”... porque quando eu vou pra sala de aula no estágio eu tenho que eu dar o meu melhor e usar de ferramentas para que o aluno possa se tornar o centro da aprendizagem... no caso por meio de experimentos... dinâmicas... então eu tento dar uma contextualizada... dinâmica “né”... esse é o foco...e no Pibid não é diferente... porque não basta a gente ir aos sábados e simplesmente pegar o livro “né”... esse não é o objetivo do Pibid... o objetivo do Pibid é fazer com que o alunos se interesse pela química de forma dinâmica por meio de jogos e experimentos... que o aluno possa entender que é possível sim aprender de forma divertida... que a química não é chata como eles acreditavam... então pra mim o estágio está relacionado com o Pibid no meu ver na questão de dar o meu melhor e de tentar atrair o aluno para a química... para que ela possa ver a química como uma ciência que está acessível a todos “né” e que ele possa agora a gostar da química a partir do momento da realização dos experimentos e dinâmicas... e assim por diante.

- Existem pontos onde Pibid e estágio se diferenciam?

(Bolsista 2): - Sim... existem pontos em que eles se diferenciam... por exemplo... no estágio nós começamos “né” com o assunto que a professora nos dar... ela escolhe os assuntos e a gente dá continuidade... então nós trabalhamos em cima disso... dando continuidade ao assunto que a professora já deu... já no Pibid nós temos um tema selecionado... e nós trabalhamos em cima disso...agora assim... tendo liberdade de montar as aulas da nossa forma do nosso jeitinho “né”... já nos estágios isso não acontece...porque muitas vezes por exemplo a gente monta a uma aula de acordo com que a nossa orientadora quer... por exemplo... se quer a aula contextualizada...tantas aulas com experimentos... tantas aulas com dinâmicas e

assim por diante.. já no Pibid não... a gente faz do nosso jeitinho... da nossa forma... e nesses pontos sim tem direções diferentes.

- Em sua opinião quais características o professor precisa para ser considerado um bom professor?

(Bolsista 2): - Bom... então... ao meu ver dois pontos são essenciais... primeiro... domínio do conteúdo... um bom professor ele tem que dominar o conteúdo químico... ele tem saber exatamente o que vai falar e o que vai passar... segundo... ele tem que é amar a sua profissão... então esses dois pontos para mim são essenciais... porque se eu amo o que eu faço e tenho domínio do conteúdo então... não tenho dúvida que seremos um excelente profissional.

- É porque muitas vezes você pode ter o domínio do conteúdo... amar o que você tá fazendo só que você pode não ter didática... como é que você ver essa visão?

(Bolsista 2): - Sim... concordo... pra mim ter didática também é primordial... porque se eu amo o que eu faço então eu vou me esforçar... por exemplo... tem pessoas que já nascem com o dom... com a facilidade de passar e de transmitir o conteúdo... então... se no meu caso eu não tenho essa facilidade então eu vou procurar de todas as formas “né”... maneiras de facilitar essa transmissão do conteúdo... porque se eu não tenho didática... então jamais eu vou ser uma boa professora... então pra mim ter didática é primordial também.

- Existe algum ponto importante que poderia ser revisto no programa... alguma dificuldade?

(Bolsista 2): - Olha... algumas dificuldades que a gente encontra “né”...é que não sei bem como funciona bem “né” essa parte da verba... determinado dinheiro que a gente vai trabalhar com os alunos ‘né’... mas muitas vezes por exemplo... a gente faz uma feira de ciência e não tem dinheiro... a gente não pode contar com o dinheiro do Pibid... então muitas vezes a gente coloca nosso bolso e os próprios alunos também porque já não tem mais dinheiro em caixa... então algumas dificuldades são essas... que o bolsista junto com o aluno ele tem que investir do próprio bolso... então essa parte eu não sei como funciona muito bem.

- Qual o impacto do possível fim do programa para as escolas participantes e para a formação de vocês licenciandos?

(Bolsista 2): - Então... com certeza o impacto é muito grande “né”... porque quando foi anunciado a possibilidade de se reduzir “né”...o programa... então... com certeza isso assusta muito os bolsistas... porque... além da bolsa que nós ganhamos... é uma excedente oportunidade para gente crescer como profissional...se desenvolver na sala de aula... é uma experiência muito boa... marcante e que nos ajuda bastante... e com os alunos também...porque imagine... eu já estou no Pibid há 3 anos... aí então a gente tem uma história... tem uma relação muito próxima com eles... e eles amam esse projeto... eles amam ir os sábados... então... imagine agora a possibilidade de ser descartado... e o interessante é que muitos desses alunos dizem... ah professora eu já sei disso porque eu vi no Pibid... eu venho e assisto o projeto... então é uma perda muito grande tanto para os bolsistas quanto para os próprios alunos.

- Você gostaria de acrescentar algo em nossa entrevista que não ficou claro... comentar alguma coisa?

(Bolsista 2): - Não Laís... acho que eu já falei demais... é não (risos)... mas eu acho que ficou claro realmente o que eu penso... eu amo participar do Pibid... me ajuda bastante e eu só tenho a agradecer pela oportunidade de está nesse projeto há 3 anos.

- Então tá (risos)... Muito obrigada por ter participado da minha pesquisa e espero que futuramente algumas coisas possam ser revistas tanto no IFS como na UFS na própria formação de vocês... essa é a contribuição que espero. Obrigada!

(Bolsista 2): - De nada! Espero ter contribuído na sua pesquisa. Obrigada!

(Laís): - Qual período você está cursando?

(Bolsista 3): - 8º período.

(Laís): - Há quanto tempo no Pibid?

(Bolsista 3): - 1 ano e meio.

(Laís): - Quais atividades você desenvolve na escola?

(Bolsista 3): - Bom eu sou participante do Pibid há um ano e meio... meu projeto é realizado aos sábados em um colégio determinado em Socorro...tipo... minha dupla tem muita dificuldade em relação ao convívio com os alunos porque nosso projeto é realizados aos sábados e os alunos como não moram ao redor da escola... moram longe...eles mesmo dizem que tem preguiça de acordar aos sábados... que é o único dia que tem para dormir até tarde....então a gente tem essa dificuldade de alunos... então... todos os sábados a gente tentar levar atividades... não dentro meu tema... dentro do meu projeto que é sobre compostagem... mas que acompanha a química...que faça parte da química... para ver se a gente consegue atrair esses alunos... ultimamente estamos fazendo jogos... quando tem faz experimentos... já tentamos levar filmes... tudo para entreter esses alunos... ver se a gente consegue chamar a atenção deles e que eles aos sábados vá pra escola para fazer parte do Pibid.

(Laís): - Com essas atividades... com esses jogos... com tudo isso eles estão indo para escola ou tem dia que não tem nenhum aluno?

(Bolsista 3): - A gente começava às 9h e terminava meio deia... só que como eles reclamam que é muito cedo...aí o que a gente fez... mudou para 10h... só que mesmo assim é difícil aparecer um aluno... tem dias que vai 1,2,3... tem sábados que não vai ninguém... não vai ninguém mesmo... a gente faz de tudo pra eles ir... dá brinde... o professor dá pontuação... mas eles não vão... a gente tá enfrentando uma dificuldade muita grande em relação a isso sabe... tá difícil pra gente... a gente quer estimular esses alunos mas a gente tá sem saber o que fazer.

(Laís): - Os coordenadores do programa já tem conhecimento desse fato?

(Bolsista 3): - Tem sim... já marcamos reunião com eles... já conversamos... aí uma das coordenadoras falou pra gente que vai entrar em contato com a psicóloga... com o professor ... com o nosso orientador lá da escola... e estamos esperando uma posição... essa reunião se eu não tiver enganada ocorreu em novembro... ou foi final de outubro... estamos esperando se o Pibid continua nessa determinada escola ou se nós vamos pra outra escola... porque a gente tá de mãos atadas.... que e não sabemos o que fazer mais.... é muito desestimulador para esses alunos.

(Laís): - Então você tá me dizendo que você com sua dupla... só vocês duas que vão pelo sábado... e só vocês duas que estão tendo problema para atrair os alunos?

(Bolsista 3): - Não... essa escola são 5 bolsistas... eu faço parte de um trio e tem a dupla... só que todos estamos enfrentando essa dificuldade não é a toa que a gente parou... tipo assim... entre aspas... de aplicar o nosso projeto em si com nosso tema e tentou fazer outras atividades para ver se assim a gente conseguia atrair esses alunos...só que mesmo assim não conseguimos atrair esses alunos aí a gente tipo dividiu cada sábado seria um grupos... nada...aí depois fizemos o que... depois fez os 5 faziam atividades para ver se assim chamava atenção... resumindo... a gente fez de tudo... de tudo mesmo e nada dos alunos aparecerem.

(Laís): - Quando vocês vão pra escola há uma avaliação dos coordenadores e o supervisor no caso dessa escola quanto à avaliação do conteúdo? Exemplo... o primeiro momento que você ia foi pra escola era compostagem o tema central que você ia trabalhar né... a temática... pra você trabalhar com compostagem na escola houve uma revisão dos conteúdos com os coordenadores do programa ou vocês mesmos preparam, planejaram e foram pra escola sem eles olharem... sem eles avaliarem?

(Bolsista 3): - Antes mesmo de ir pra escola a gente senta com os nossos supervisores... eles olham o que vai passado e se não tiver legal ele fala a gente muda mas sempre assim...tendo a troca... a gente... todo final de semana que a gente for apresentar o projeto... quer que seja a gente mostra aos supervisores para ele dá o parecer deles.

(Laís): - Supervisor que você fala é o da escola... quando falo coordenador é o do IFS... alguém do IFS avalia seu trabalho para você ir pro colégio em Socorro?

(Bolsista 3): - É assim... porque a gente tem uma complicação em relação o professor da escola porque a gente nunca consegue falar com ele... ele mora em um lugar que não pega celular... aí é ruim... então a gente assim a ele... a gente chega lá e já vai aplicando o projeto... eu sento é com os professores do IFS... eu sento com eles lá... mas com o professor mesmo da escola não.

(Laís): - E os poucos alunos que vão... seja lá 1,2 ou 3...não importa a quantidade... qual a sua relação com eles na escola?

(Bolsista 3): - É assim... porque cada sábado vai aluno diferente... aí minha relação é super boa... eles conversam muito... se mostram muito entusiasmados... eles gostam... acham interessante... eles falam que queria o professor deles fossem assim igual a gente... que não ficasse só no conteúdo... levasse eles pro laboratório... eles reclamam muito entendeu... e mesmo a agente fazendo coisas diferentes aos sábados eles vão no sábado...ficam tão felizes... aí no outro sábado eles não aparecem pra a gente continuar as atividades... já são outros alunos...ou até mesmo como eu falei... não aparece ninguém, ninguém.

(Laís): - Conte um pouco sobre a sua relação com os coordenadores do programa e o supervisor você já falou que tem pouco contato com ele... que ele mora em um lugar que não pega telefone... mas quando vocês se encontram seja os coordenadores que estão no IFS ou o supervisor da escola...como é essa relação com eles?

(Bolsista 3): - Bom, o professor da escola mesmo a gente não tendo muito contato com ele durante a semana... aos sábados ele se mostra muito entusiasmado... ele quer fazer coisas... um monte de coisa... ele tem o prazer de arrumar o laboratório... do que a gente precisar ele está sempre ali pra ajudar a gente entendeu... já os professores do IFS... assim... eles ficam

muito no nosso pé... só que as vezes eles deixam a gente de lado... só que quando é pra dar alguma coisa eles cobram muito... como eles cobram muito... mas eles deixam a gente muito de lado... eu acho que eles deveriam dar mais atenção a gente entendeu... porque nossa escola...essa escola que a gente tá com esse problema entendeu... eles estão visando mais as outras escolas que estão produzindo muito... aí eu achava que eles deveriam voltar mais pra gente que tá com essa deficiência entendeu... de alunos... de conseguir o objetivo...de alcançar esses alunos... que esses alunos vejam mesmo como é a química...o Pibid...essas coisas.

(Laís): - Você observa alguma possibilidade de integração... articulação entre as atividades desenvolvidas no programa com as disciplinas do curso... você já consegue ver esse paralelo?

(Bolsista 3): - Sim... com as disciplinas assim na área de educação... e principalmente com as disciplinas de Instrumentação... que são as disciplinas que a gente ver um pouquinho como é ensinar... ficar mais de perto “né” com a realidade aluno e com os estágios... eu vejo que o Pibid tá relacionando a essa área assim.

(Laís): - O programa tem como principal objetivo melhorar a formação docente... oferecendo bolsas a vocês que são estudantes da licenciatura... você acredita que esse objetivo está sendo alcançando em sua formação... realmente o programa tá melhorando a sua formação?

(Bolsista 3): - Eu acho que sim... porque no meu caso eu tinha muita dificuldade assim em relacionamento... em falar em público... essas coisas entendeu... e hoje não... e antes eu não queria essa área e tal... e hoje depois que eu entrei no Pibid...eu vi que eu me soltei mais... eu parei de ter esse medo de falar em público... eu já consigo interagir mais com os alunos... e eu agradeço mesmo ao Pibid entendeu... se não tivesse participado desse programa eu acho que até hoje eu taria com o bloqueio até hoje entendeu... e hoje não... eu posso dizer que gosto de participar do Pibid e gosto muito também desse área que eu escolhi... a licenciatura.

(Laís): - Entendi... em sua opinião o que um professor precisa para ser considerado um bom professor?

(Bolsista 3): - Na minha concepção que eles interagem com o aluno... que ele não só der o conteúdo por dar... que ele principalmente ele goste do que ele tá fazendo... ele não só vá ensinar por obrigação... que ele se dedique a profissão... ele se preocupe com o aluno... ver se esse aluno tá aprendendo ou não... e se esse aluno não tiver aprendendo o porque que ele não tá aprendendo... o que tá acontecendo... será que eu que tenho que mudar como professor ou é meu aluno que não quer nada... eu ajudar o meu aluno... na minha opinião é isso... é se preocupar com meu aluno... é doar mesmo... gostar... amar de verdade o que faz.

(Laís): - Para você o Pibid e os estágios tem os mesmos objetivos... por quê?

(Bolsista 3): - Eu acho que não... apesar que deveria ter... o Pibid... os supervisores... eles focam muito... não todos...alguns... focam muito em resultado, resultados, resultados e resultados entendeu... e as muitas vezes foge do foco principal do Pibid entendeu?

(Laís): - E para você qual é esse foco principal do Pibid que se diferencia do foco principal do estágio?

(Bolsista 3): - Assim... porque o estágio quem vai tá ali somos nós “né”... aí a gente tem que o que... a gente tem que ensinar a eles e eles tem que aprender porque depois o professor não vai voltar o conteúdo... já o Pibid não... não é o conteúdo que você tá dando na hora é outro

conteúdo... é outra visão entendeu... as vezes que acho que o Pibid assim... bom... pelo menos lá onde eu participei eles não focam muito em relação a isso. Assim... eu acho que o foco principal deveria ser o aluno e não tanto ficar cobrando da gente resultados, e mais resultados... porque é muita cobrança em resultado... e as vezes deixa de lado o aluno... eles nem procuram saber se os alunos estão gostando... os alunos estão entendendo.

(Laís): - Existe algum ponto importante que poderia ser revisto no programa... alguma dificuldade?

(Bolsista 3): - Que os meus coordenadores tivessem mais tipo... paciência assim... e não corresse tanto resultados... eles se preocupassem com a realidade da escola... ele diz que a realidade da escola é uma coisa e ele tá cobrando resultado é outra... porque muitas vezes não tem resultado e mesmo assim ele quer que a gente der resultados e resultados... eles deveriam para de cobrar tanto resultado e se preocupar com a escola... com a comunidade sim... com os alunos.

(Laís): - Qual o impacto se o programa... no caso o Pibid acabar... falo nesse impacto para as escolas e para própria formação de vocês... como é que você imagina se acabar o Pibid tanto na sua formação dos licenciando quanto para as escolas?

(Bolsista 3): - Vai ser horrível... vai ser muito ruim... pra mim não vou sofrer tanto impacto porque sou formanda... mas para outras pessoas que estão entrando agora não vai ter essa oportunidade de conviver com o aluno... porque o Pibid a gente vai ver mesmo se é aquilo que a gente quer ... se é essa área quer gente quer atuar... e se o Pibid acabar vai ser muito ruim... principalmente para essas escolas... tem escolas que tem o programa há muito tempo... como vai ser para esses alunos? O que esses alunos vão fazer da vida? Eu ficarei sem grana (risos).

(Laís): - Você falou que ia ficar sem grana... até que ponto a bolsa influencia na sua formação no Pibid?

(Bolsista 3): - Bom... A bolsa me ajuda muito porque como eu não trabalho é dela tipo... tiro xérox, almoço, lanche... compro alguma coisa que preciso... então pra gente ficar sem bolsa vai ser muito ruim... ela me ajuda muito... apesar de ser pouca e tal (risos)... ela ajuda a gente e muito.

(Laís): - Você gostaria de acrescentar algo em nossa entrevista... alguma coisa que não ficou claro ou então fica em aberto para você falar alguma coisa?

(Bolsista 3): - Só que o Pibid é muito importante... muito importante para minha formação... que através dele é que vou ter maior contato com os alunos e ama coisa que eu fico preocupada... se o Pibid acabar como já falei como é que vai ficar esses alunos? ... porque... quer queira quer não... a gente vai ajudar na formação desses alunos... vamos ter alunos com outras visões... e se ele acabar como vamos ficar? E minha preocupação é em relação a escola que eu trabalho... eu como bolsista vou fazer para atrair esses alunos?

(Laís): - Bom... e assim a gente encerra nossa entrevista... obrigada mais uma vez pela atenção e espero que essas reflexões da minha pesquisa possam contribuir em algumas reflexões também dos próprios coordenadores do programa do Instituto Federal de Sergipe.

(Bolsista 3): - Eu que agradeço e muito sucesso em sua pesquisa e no seu mestrado.

ANEXO F: ENTREVISTAS- PIBID/UFS

(Laís): -Bom, boa tarde!

(Bolsista 1): -Boa tarde!

(Laís): -Vamos dar início à entrevista que consiste em analisar os impactos do pibid na formação dos licenciandos do IFS e da UFS. Inicialmente qual o período que você está cursando?

(Bolsista 1): -Estou no quinto... no quinto período.

(Laís): -Na metade do curso?

(Bolsista 1): -Isso!

(Laís): -Há quanto tempo você está no programa?

(Bolsista 1): -Ahh! Vai fazer dois anos.

(Laís): -Dois anos de programa e cinco de curso?

(Bolsista 1): -Isso.

(Laís): -Você poderia falar um pouco sobre sua participação no programa?

(Bolsista 1): -Bom, eu...é...o Pibid é muito importante pra mim porque é onde realmente me encontro na licenciatura...porque eu venho de transferência interna (pausa) então foi uma diferença muito grande do curso que eu tava pro curso de licenciatura mas mesmo assim eu passei um semestre na licenciatura sem tá no programa. Quando eu entrei no programa foi que eu realmente me senti na licenciatura ...essa proximidade com os professores de ensino que são os nossos coordenadores, proximidade com a escola, contato com a escola do ensino médio, trabalhos, a gente desenvolver novas metodologias. Isso que me aproximou realmente apesar de já ter pegado disciplinas de ensino mas o que me aproxima da licenciatura e que me faz cair a ficha que “tô” no curso de licenciatura é o PIBID.

(Laís): -Quais atividades você desenvolve na escola?

(Bolsista 1): -Bom, as atividades são... a gente coordena uma feira de ciência e também a gente realiza monitorias que tudo concilia a experimentação pra conciliar o conhecimento químico com a realidade... com o cotidiano do aluno...é uma forma de despertar o interesse dela pela química a partir da experimentação que é o nosso com a professora Midori... é a experimentação.

(Laís): -E como de fato elas são desenvolvidas essas atividades... as monitorias com a feira de ciências?

(Bolsista 1): -Bom, a gente semanalmente...nós temos tem encontro com os alunos no laboratório da escola...então lá a gente fica disponível para tirar dúvidas, eles vão a procura da

gente no laboratório e agente sempre tá com experimentos pra tirar essas dúvidas...e coma feira de ciências a gente também marca outros encontros no laboratório da escola... e onde esses alunos...eles são orientados a escolher um experimento para ser desenvolvido por eles na feira de ciências...aí a gente dá o suporte de materiais que vão precisar sendo esses materiais mais específico a partir principalmente do conteúdo químico envolvido... aí a gente foca que...sempre tá pedindo que o experimento é importante só que tem saber o que tá acontecendo quimicamente naquele fenômeno.. não é o só visual, mas você procurar saber também as reações que estão envolvidas no experimento que você está fazendo.

(Laís): -E você tenta conciliar estes experimentos com os assuntos que eles estão abordando em sala de aula com outro professor?

(Bolsista 1): -Não! Porque a gente deixa a escolha dos experimentos aberta... aí as vezes o aluno que tá gostando mais do conteúdo que tá vendo pode escolher um experimento relacionado...mas a gente deixa essa questão aberta... deixa eles procurarem o experimento e quando eles vem a nossa procura a gente dá o suporte com o conteúdo químico envolvido...mas não necessariamente tem essa relação com o que eles “tão” vendo não.

(Laís): - Entendi! Qual a relação com os alunos da escola parceira ao programa?

(Bolsista 1): -Bom, uma relação muito saudável...assim...além dos encontros que a gente tem na semana a gente tem também contato com alunos no facebook a partir de uma página que a gente criou para o evento...para a feira de ciência e também encontro no *whatsapp* e principalmente no *whatsapp* os alunos me procuram no privado pra tá tirando dúvida e eu sempre falo a eles que não se preocupem... podem me procurar a qualquer hora e eles realmente procuram... e é muito bom isso...e essa proximidade que eles tem...uma relação de confiança de saber que a gente vai atender...de saber que a gente vai tirar a dúvida dele...e realmente eles procuram.

(Laís): - E a sua relação com os coordenadores do programa?

(Bolsista 1): -Também é muito boa...com relação a orientação...a recepção da gente no programa...entendeu?...Foi muito boa. Não tenho nada a reclamar não.

(Laís): -Você observa alguma possibilidade de integração...articulação entre as atividades desenvolvidas no Pibid com as disciplinas do curso? Você já consegue ver que elas se articulam entre si?

(Bolsista 1): -Aos poucos...Porque também nas disciplinas de ensino eu ainda tenho um caminho maior pela frente mas já consigo fazer relação porque os artigos que a gente discute...os textos que a gente discute nas disciplinas de ensino muitas das vezes tá relacionado diretamente a esse processo da educação...da educação básica. Então esse contato que “to” tendo com a educação básica pelo Pibid já me dá um suporte muito grande pra...de embasamento mesmo pra eu poder discutir...realmente eu me sinto diferenciado por tá no Pibid com relação aqueles alunos do curso que não tem esse contato na hora de fazer essas disciplinas de ensino.

(Laís): - Entendi... o programa tem como objetivo melhorar a formação docente oferecendo bolsas aos estudantes das licenciaturas. Você acredita que esse objetivo está sendo alcançado em sua formação inicial?

(Bolsista 1): -Sim. Acredito. Porque é...como eu já disse esse contato que a gente tem com o ambiente escolar...não só pelo fato de tá lá, mas de conhecer mesmo...aproximar...da gente conhecer a realidade...porque falar só da escola quando você se formar...quando você entrar em sala de aula isso é muito ainda muito distante mas essas proximidade que a gente tem...com certeza... como no meu caso, me ajuda a me encontrar na licenciatura, reafirmar essa condição de...desse gosto pela docência...então só tem a contribuir na minha formação.

(Laís): -Em sua opinião quais características o professor precisa para ser considerado um bom professor?

(Bolsista 1): -Bom, ele precisa saber facilitar os conteúdos para o aluno... facilitar em qual sentido...é...aproximar o aluno do conteúdo científico... aproximar considerando a realidade do aluno, e não somente o seu planejamento, “né”?... dá o conteúdo, mas considerar o aluno...se preocupar mesmo... ter toda atenção. O professor que se preocupa com o aluno... se preocupa realmente com o aluno...se o aluno tá entendendo...parar para reexplicar e tenta aproximar a linguagem da realidade do aluno...realmente...não são todos os professores não (risos).

(Laís): -Então você fala no caso dele realmente se preocupar com o aluno...a bagagem que o aluno trás para sala de aula e pela própria realidade vivenciada por ele mesmo.

(Bolsista 1): -Sim,sim,sim.

(Laís): -Nesse sentido... para você o Pibid e os estágios supervisionados...você já teve estágio?

(Bolsista 1): -Não, ainda não,

(Laís): -Mas pelo o que você ouve dos seus colegas durante o curso... porque você pega misturado a grade...você pega um do estágio, você pode tá pegando um do início do curso...você consegue ver alguma semelhança entre os objetivos do estágio e o Pibid?

(Bolsista 1): -Isso... Alguma semelhança... não...porque o Pibid é pra inserir mesmo a gente nesse contexto escolar e o estágio é ainda muito...esse processo de...eu acho que o estágio não consegue fazer essa inserção do aluno...tão intensa como o Pibid consegue...porque o estágio aqui no nosso curso são 4 estágios...se eu não me engano...aí vai desenvolvendo aquele projeto para você aplicar lá no último estágio...então é um processo muito lento...e Pibid não...o Pibid consegue inserir o aluno de forma mais intensa...mais rápida e mais eficaz...eu acho...esse contato proporcionado pelo Pibid é mais eficaz... é muito diferente entre estágio e Pibid.

(Laís): - Existe algum ponto importante que poderia ser revisto no programa?

(Bolsista 1): - Silêncio total... um ponto a ser revisto...(dúvida)...silêncio novamente durante alguns segundos...não (risos).

(Laís): - **Alguma dificuldade?**

(Bolsista 1): - Ah, dificuldade no momento é recurso, né... pra gente continuar desenvolvendo as atividades, mas meio a isso a gente tem que continuar porque nós temos o nosso planejamento e assim... e a gente além do mais tem que mostrar que o programa tá dando certo...que a gente tá tendo resultado...então... a gente tem que superar essas dificuldades e continuar com o planejamento...

(Laís): - **Qual o impacto do possível fim do programa para as escolas participantes e para a formação dos licenciandos?**

(Bolsista 1): - O fim do programa vai ser um impacto muito grande porque...porque...a escola tem muito a ganhar com esses bolsistas lá na escola...porque aproximar os alunos da educação básica...não é o foco do programa, mas aproximar os alunos da educação básica dos licenciandos, “né”... é muito importante...porque eles sempre nos perguntam com relação ao curso superior...tem essas dúvidas também... não é o nosso objetivo mas também tem essa questão e também pra gente, “né”... a gente também é... tem muito a ganhar com esse contato com a escola...com o fim do Pibid eu mesmo...assim... fazendo uma análise com o ensino médio que eu tive...se eu tivesse tido esse contato com alunos da universidade...porque ficava uma coisa tão distante...a universidade lá e ensino médio aqui... e agora essa relação que tá tendo, né...os alunos, é...os alunos da educação básica tendo o contato de desenvolver junto com os licenciandos esses trabalhos...essas metodologias de ensino.

(Laís): - **Você gostaria de acrescentar algo na entrevista?**

(Bolsista 1): - Não... só dizer o que já falei...Pibid pra mim é muito importante...é nele que realmente me faz lembrar que “to” no curso de licenciatura apesar de ter as disciplinas de ensino mas pra mim é muito importante que tivesse muito mais oportunidades de mais licenciandos estarem convivendo com esse programa...de ser mais divulgado inclusive...de buscar mais alunos pra participar... convidar mesmo pra se voluntariar ao Pibid... porque realmente eu vejo nas disciplinas de ensino que eu fiz que a gente ver um diferencial entre o aluno que tá no Pibid pra um aluno que não tem esse contato...

- Como é que você percebe essa diferença?

(Bolsista 1): - Na forma de discutir os temas sobre o processo de ensino e aprendizagem...porque quando um aluno que não tá no Pibid vai discutir sobre o processo de ensino aprendizagem...sobre as dificuldades nesse processo...ele tá tomando base o artigo que ele leu... e a gente tem o embasamento do artigo e da vivência...que isso fortalece bastante nosso discurso na sala de aula. Entendeu?

(Laís): - **Sim... e assim encerro nossa entrevista... agradeço e diante não já digo que quando a pesquisa for exposta ao público todos os licenciandos terão acesso para realmente analisar esse impacto... ver em qual ponto ele tá impactando...positivamente, negativamente. Desde já agradeço.**

(Bolsista 1): - Tá! (Risos)

(Laís): - Bom dia!

(Bolsista 2): -Bom dia!

(Laís): - Vamos dá início a uma parte da minha pesquisa que consiste em analisar os impactos do PIBID... Vamos começar perguntando... Qual o período que você está cursando agora no curso de licenciatura em Química?

(Bolsista 2): -Bom, o período que estou cursando agora é o quinto período.

Laís Menezes: -Então você está na metade do curso?

(Bolsista 2): -Isso.

(Laís): -Quanto tempo você tá no programa?

(Bolsista 2): -Eu tô no programa há aproximadamente uns 2 anos...

(Laís): -Você poderia falar um pouco sobre a sua participação no PIBID?... Como por exemplo: quais as atividades você desenvolve na escola?

(Bolsista 2): -Bom, a atividades que a gente desenvolve na escola consiste em monitorias que essas monitorias nós tiramos dúvidas dos alunos, então somos preparados antes para poder tirar as monitorias e trabalhamos também com a feria de ciências que essas monitorias são voltadas também para a feira de ciências tiramos dúvidas dos alunos dos conteúdos e também da feria de ciência que essa feira de ciência acontece com o pessoal daqui da química e às vezes acontece uma com mistura biologia, geografia, mas nós trabalhamos com a Química.

(Laís): - E qual a sua relação com os alunos na escola parceira ao programa?

(Bolsista 2): - Bom, a relação com os alunos na escola é ótima, como assim ótima? Chega a um nível de me chamar de professor então isso é muito gratificante. Essa questão de chegar assim: “professor faça um favor, tire essa dúvida aqui”. Isso é muito bom e tipo já é um incentivo a querer ser professor, é muito bom isso.

(Laís): - Você já teve contato com seu estágio?

(Bolsista 2): - Não ainda não. No momento meu estágio é pela minha grade meu estágio vai ser quase no final do meu curso, então tá um pouco longe do estágio.

(Laís): - Então o Pibid foi seu primeiro contanto com a escola?

(Bolsista 2): - Foi meu primeiro contato com a escola. E logo quando entrei no Pibid eu vi realmente que eu queria mesmo ser professor. Porque Foi muito bom, aquela sensação de ensinar uma pessoa é muito bom.

(Laís): - Qual é a sua relação com os coordenadores do programa?

(Bolsista 2): - A minha relação com os coordenadores é assim, uma relação boa. Quando é pra dá bronca dá bronca, eu aceito, sempre aceito procuro melhorar mais ainda e eles no caso ela sempre diz as partes que estou melhorando e sempre diz quando estou ainda em dificuldades e por incrível que pareça sabe. Por mais que não “teja” não com você quase todos dos dias sabe quais são seus defeitos demonstra suas qualidades. E é muito bom.

(Laís): - E o professor supervisor que te acompanha na escola?

(Bolsista 2): - O professor supervisor ele é uma pessoa muito boa, aplicada tá presente também, é muito bom com os alunos procura sempre está com a gente ajudando a gente no possível a gente também ajuda ele quando tá faltando o material disponibiliza do Pibid para ajudar os alunos na questão da feira de ciências e a relação é ótima.

(Laís): -Você observa alguma possibilidade de integração, ou seja, uma articulação entre as atividades desenvolvidas no programa com as disciplinas do curso.

(Bolsista 2): - Sim, tem! Um exemplo, como a gente estuda a parte do conteúdo primeiro ano, segundo e terceiro ano antes mesmo de ir pra monitorias então a gente vai refrescar aquela questão do ensino médio que nós as vezes pela questão de ser público teve certa dificuldade eu mesmo tive dificuldade no ensino médio então isso é muito bom deixa, como é que se diz, a pessoa mais aberta você sabe muito mais, aí quando você vai pegar as matérias do ensino superior ajuda e muito. Não causa nenhuma dificuldade, entendeu? É química e então tudo é química. chega você só ensina aprende o ensino básico e quando chega no superior também...só que é mais profundo “né”, tem essa questão mas não atrapalha, é muito bom.

(Laís): - O programa tem como principal objetivo melhorar a formação docente oferecendo bolsas aos estudantes, você acredita que esse objetivo está alcançado em sua formação inicial?

(Bolsista 2): -Sim. Está sendo alcançado, já percebi pelas minhas notas também minhas notas começaram a melhorar bastante eu estou realmente agradecido ao programa e eu vejo que vai melhorar muito mais porque a questão além do conteúdo que a gente aprende do ensino básico como tem amizade com os meninos da química então nós como (entra alguém na sala nesse momento conversando) é que se diz temos um vínculo muito grande e com isso nós tiramos dúvidas com a gente mesmo entendeu? “Se” reunimos as vezes em grupo, posso tirar dúvidas em dupla e é muito bom.

(Laís): - Em sua opinião quais características um professor precisa ser considerado um bom professor? O que ele precisa?

(Bolsista 2): - Bom, para ele ser considerado bom professor ele tem que ter ordem.

(Laís): - Em qual sentido?

(Bolsista 2): - Assim, não pode ser uma pessoa tipo desequilibrada, tem que ser uma pessoa atenta, uma pessoa multifuncional que hoje professor é tudo é tem que também saber lidar, se impor. São essas questões.

(Laís): - Então você precisamente falando no comportamento na formativa em sala de aula?

(Bolsista 2): - Isso.

(Laís): - Você tem alguma coisa a acrescentar quanto ao conteúdo o que ele precisa, ele precisa dominar química, ele precisa ter didática em sala de aula, como você ver essa relação dessa necessidade desse professor?

(Bolsista 2): - Bom, eu percebi durante a minha graduação que “tô” fazendo que primeiramente você ter que saber a química pra depois saber a questão do ensino, saber

ensinar. então se um professor sabe ensinar e não sabe química, ele não é um professor de química então melhor você, um exemplo, você aprende conteúdo todo e depois você vai buscar...como é a palavra?... um jeito de se formar, questão de ensinar...

(Laís): - a didática?

(Bolsista 2): -A didática... isso, a didática.

(Laís): - E você acha que essa didática ele vai adquirir como?

(Bolsista 2): - Essa didática ele só adquire realmente com experiência em sala de aula. Por isso que o Pibid é muito bom.

(Laís): - Falando nessa relação em sala de aula e o Pibid para você o Pibid e os estágios, mas você falou que ainda não tá no estágio, mas o que você ouviu falar no curso essa relação dos objetivos, você acredita que o objetivo do Pibid é o mesmo que o estágio?...não pela sua experiência do estágio que você ainda não tem, pelo fato dos comentários dos seus amigos que estão no final do curso como é que você vê essa relação?

(Bolsista 2): - Eu não acho assim que seja um estágio eu acho que seja mais uma questão pra você se decidir se realmente você vai querer lecionar porque muitas pessoas quando chega no estágio que não tem Pibid, não participa do programa quando chega no estágio acaba se assustando e acaba desistindo do curso, eu soube de pessoas que já mudaram pro bacharel por questões de não quererem realmente ensinar que ensinar é complicado quebra muito a cabeça e se assemelha com o estágio essa questão do Pibid, mas acho que é uma questão de ver como é sentir realmente como é ser professor como é que vai ser se você realmente quer ser professor.

(Laís): - No Pibid ou no estágio?

(Bolsista 2): -No pibid. Eu acho que o estágio já vai ser uma decisão realmente quando você vai tá no estágio é decisivo. Você realmente vai querer ser professor.

(Laís): - Mas você acha que o Pibid também não te dá essa oportunidade de você decidir?

(Bolsista 2): -Dá! Então, o Pibid vem para mostrar pra você se você quer ou não dá escolha do sim ou não por isso que muitas pessoas depois do Pibid acabam escolhendo sim, ver realmente como é tem a questão do aluno que aluno professor, aluno e o bolsista e ver realmente que quer ser professor.

(Laís): - Existe algum ponto importante que poderia ser revisto no programa?

(Bolsista 2): -Um ponto importante? Que tipo assim?

(Laís): - Uma dificuldade.

(Bolsista 2): -Bom, até agora eu não tive nenhuma dificuldade só a dificuldade mesmo que eu vejo é a questão com os alunos mesmo mas isso não chega ser o Pibid é uma questão realmente que as vezes envolve as questões de greve atrapalha muito o nosso trabalho com os alunos mas a gente consegue manter.

(Laís): - Não tá relacionado diretamente ao programa e sim essas dificuldades aleatórias.

(Bolsista 2): - É... não tá.

(Laís): - **Qual o impacto do possível fim do programa para escolas participantes e para a formação dos licenciandos? Como você ver essa questão do fim do programa?**

(Bolsista 2): - Bom, se ocorrer fim realmente do programa com certeza vai faltar muito mais professores como já tá faltando a área de química, física e biologia e matemática tá faltando muito professor, então se ocorrer essa remoção desse programa que realmente é uma lei que deve realmente existir na LDB consisti lá mas se realmente para vai ser muito ruim os alunos vão sair perdendo quem ainda vai fazer o curso de graduação também vai sair perdendo porque não vai ter a oportunidade de ter o Pibid na vida então só esperar o estágio e o grande problema é esse que o estágio é nos últimos períodos então é muito complicado isso era bom realmente se tivesse estágio no começo ou se tivesse um pequeno acesso a escola uma pequena amostra ia ser muito bom. Mas infelizmente...mas se ocorrer a remoção da bolsa, do Pibid, do projeto então que tenha a mudança da grade porque se não houver a mudança da grade realmente vai ter falta de professor.

(Laís): - **E a questão da bolsa, como é que você ver, no caso, o programa não acaba mas diminui ou então restringe a bolsa? Como é que você ver essa questão?**

(Bolsista 2): - Bom, se restringir a bolsa vai ser muito complicado, porque como eu sou do interior eu sou de uma cidade que é muito longe 2 horas de relógio para chegar até aqui então vai ser... eu vou ter que ir embora ou vou ter que vim todos os dias de ônibus como fazia antes do programa que é muito cansativo saia 4 horas de lá e chegava 7, 10h30 saia daqui da universidade e chegava quase uma da manhã então era muito cansativo no começo eu tive muita dificuldade com questão até de alimentação, comigo mesmo, aprender eu vi...quase eu ia saindo quando eu consegui o Pibid foi tipo uma luz no fim do túnel, consegui vim morar aqui, “to” morando aqui durante esse tempo todo, bem próximo da UFS então o Pibid me deixou dentro da Universidade não é a toa que minhas notas estão melhorando estou dormindo na hora que quero agora, porque não preciso urgente chegar cedo vou para casa quando quero agora, estudo, realmente é muito bom, foi um ponto decisivo na minha vida.

(Laís): - **Você gostaria de acrescentar algum na entrevista que não perguntei?**

(Bolsista 2): - Bom, acrescentar não! Houve um vínculo maior porque como todo curso de graduação quando começa “né” qualquer outro começa com muitas pessoas e termina quase na formação com quase ninguém, uns 5 ou 6 e olhe lá. Eu vejo que com o Pibid vai ter muitas pessoas se formando então é uma coisa muito boa esse programa, eu criei um vínculo tão grande, tão grande, que já é a uma família... família Pibid como já dizem família Pibid então é muito bom essa bolsa, espero que continue, espero que as outras pessoas tenham oportunidade não só na área de química mas também todas as outras áreas que é muito importante e que se for cortar que pelo amor de deus pensem e repensem que é muito importante.

(Laís): - Muito obrigada eu te agradeço por você contribuir na minha pesquisa assim que a minha pesquisa for publicada vai ficar exposto ao público espero que você tenha contato e consiga fazer essa análise de que forma realmente o Pibid impacta na formação dos licenciando tanto daqui da UFS quanto do IFS que é o que quero analisar. Obrigada!

(Bolsista 2): - De nada!

(Laís): -Bom... boa tarde! Vamos dar início a nossa entrevista que consiste em analisar os impactos do Pibid na formação dos licenciandos da UFS e do IFS. Qual o período que você está cursando?

(Bolsista 3): - O nono... último período.

(Laís): -Quanto tempo você está no programa?

(Bolsista 3): - Um ano e sete meses.

(Laís): -Você poderia falar um pouco sobre a sua participação no programa?

(Bolsista 3): -Sim! Bom, eu já fazia parte de pesquisa na área de ensino de Química... ensino de ciências... mas não tinha a vivência que tenho no PIBID...era mais teórica...eu pesquisava, mas não tinha a prática de ir para sala de aula...ter convívio com os alunos...de tá praticando a questão do ensino mesmo em sala de aula... diferentemente do Pibid... isso foi um dos pontos que fez eu adentrar nesse programa.

(Laís): -Quais as atividades que você desenvolve na escola?

(Bolsista 3): -Experimentação e monitoria.

(Laís): -Como elas são desenvolvidas?

(Bolsista 3): -Bom... monitoria é a partir de grupos...divide os grupos e a gente vai tirar dúvidas dos alunos quanto aos conteúdos que eles estão estudando...e a experimentação...a gente tá organizando uma feira de ciências...que é a segunda etapa...segunda feira... que consiste em algumas etapas...que a primeira a gente vai escolher os experimentos junto aos alunos... elaborar tudo certinho... ver a viabilidade de cada experimento... se dar certo ou não...aí logo após a gente vai testar esses experimentos... eles vão produzir relatórios a partir dos testes desses experimentos... a gente vai auxiliando eles quanto a elaboração de banners... sobre a apresentação, quais os conteúdos são mais interessantes para eles abordarem em cada apresentação e até a fase final... a gente vai melhorando a cada encontro que a gente faz.

(Laís): - Qual a sua relação com esses alunos na escola?

(Bolsista 3): - Ah, uma relação muito afetiva... eles também buscam se engajar cada dia mais nesse programa...eles são diferentes que em outras escolas que eu já participei...eles tem um interesse maior por essa área da experimentação... assim... em relação as duas etapas... experimentação e monitoria...eles se encaixam mais na experimentação... e eles buscam experimentos...coisas bem inovadoras... se engajam bem.

(Laís): -Qual a sua relação com os coordenadores e supervisores do Pibid?

(Bolsista 3): - Bom... com os coordenadores é uma relação bem afetiva (risos)...assim... relação professor/aluno praticamente... a gente tá sempre aprendendo com eles e... eles sempre nos orientando como se portar na escola... os conteúdos que a gente vai aprendendo e passando pra eles...

(Laís): - E os supervisores?

(Bolsista 3): -Os supervisores... também é uma relação bem legal... a gente tá sempre se encontrando... discutindo e... por aí vai...

(Laís): -Você observa alguma possibilidade de integração... articulação entre as atividades desenvolvidas no programa com as disciplinas do curso?

(Bolsista 3): - Uma articulação?... como assim?

(Laís): - Uma relação entre o que você ver no curso e as atividades que você desenvolve na escola...

(Bolsista 3): - Eu acho que foge um pouco, “né” de certa forma... mas eu acho que...com a questão do coordenador... a gente tem um lado mais humano... que em algumas disciplinas não tem... acho que elas são um pouquinho separadas... não tem uma relação entre o cotidiano e essas questões que a gente trata no programa.

(Laís): - O programa tem como objetivo melhorar a formação docente oferecendo bolsas aos licenciandos... você acredita que esse objetivo está sendo alcançado?

(Bolsista 3): - Silêncio e dúvida do entrevistado.

(Laís): -De melhorar a formação docente...

(Bolsista 3): - Ah, sim... em relação a minha pessoa eu acho que foi um projeto bem significativo e relevante... já que a gente aprende não só os conhecimentos científicos, mas também a vivência em sala de aula que também é uma aproximação já que a gente vai ser professor, “né!”... aí tem que ter essa junção que é muito legal... a gente já tem uma maturidade mais rápido...não fica dependendo somente dos estágios... antes dos estágios a gente já vai pra sala de aula...já tem esse primeiro contato com os alunos...

(Laís): -Em sua opinião quais características o professor precisa para ser considerado um bom professor?

(Bolsista 3): - O bom professor não vai ter uma fórmula, “né!”... mas ele vai ter que conhecer o local... a vivência do aluno... o meio que ele tá inserido... ter uma dinâmica que chame atenção do aluno já que a disciplina de química é um pouco abstrata... ele vai ter que chamar atenção desse aluno...ser um professor pesquisador porque não adianta chegar na sala e jogar conteúdo... traduzir o que o livro tá mostrando... ele tem que também inovar, sempre tá inovando em sala de aula e para você inovar tem que tá sempre pesquisando...e professor reflexivo também... tá sempre observando se aquela didática... se aquele método que ele tá trazendo para os alunos tá dando certo porque também se não tiver dando certo... pode ser inovador mas os alunos não podem tá aceitando... então eu acho que ele tem que ter algumas dessas características.

(Laís): -Você comentou sobre os estágios anteriormente... para você Pibid e estágios tem os mesmos objetivos?

(Bolsista 3): -Eu acho que não... mas tem algumas semelhanças porque o estágio tá ali pra...meio que aplicar o que você aprendeu durante a sua graduação e o Pibid é uma forma mais espontânea que você não vai tá ensinando aos alunos que é a questão dos estágios... mas você tá ali pra junto com eles ter a trocar de conhecimentos... de informações... mas eles se completam porque ambos trás o contato para sala de aula.

(Laís): -Existe algum ponto importante que poderia ser revisto no programa?

(Bolsista 3): -Algum ponto (refletindo)...

(Laís): -Uma dificuldade...

(Bolsista 3): - Deixe eu pensar em alguma dificuldade... (segundos de silêncio total durante a formação do pensamento)... eu acho que a questão da dificuldade seria não pra todos, mas para alguns coordenadores e supervisores não tem uma aproximação quanto ao que está trabalhando em sala de aula... há mais contato entre supervisor e bolsista e coordenador e bolsista... deveria ter uma junção entre os três... para ver cada ponto...a visão de cada um... o que cada um pode melhorar... tem que ter esse contato maior entre os três... não só bolsista e coordenador...bolsista e supervisor... eu acho que o contato poderia ser entre os três.

(Laís): -Entendi... Qual o impacto do possível fim do programa para as escolas participantes e para a formação dos licenciandos?

(Bolsista 3): - Então... eu acho que o maior impacto é tanto esse contato que os alunos não vão ter... os licenciandos não vão ter antes mesmo dos estágios... essa vivência... essa aprendizagem que é muito rica para a formação e a questão dos alunos na escola... que não vai ter essas inovações porque querendo ou não o Pibid veio com a ideia mais inovadora... trás muitas metodologias que produzem um conhecimento maior para os alunos... e a gente percebe que há um grande ganho desses alunos... a participação deles... a vivência dele com o PIBID... a aprendizagem que ele proporciona é bem gratificante... acho que isso seria uma perda muito grande tanto pra escola quanto para os licenciandos.

(Laís): -Você gostaria de acrescentar algum em nossa entrevista?

(Bolsista 3): - Só gostaria de dizer que eu não me arrependi de ter entrado no Pibid porque se eu já tivesse entrado antes teria sido bem melhor... mas foi muito gratificante esse tempo que passei junto ao Pibid tanto em conhecimento quanto em vivência... eu pude perceber que houve uma evolução muito significativa desde o período que entrei até o atual momento... Não me arrependo.

(Laís): - Tá bom... assim encerra nossa entrevista... muito obrigada!

(Bolsista 3): -Por nada!

(Laís): -Bom, vamos dar início a uma parte da minha pesquisa que consiste em analisar os impactos do Programa na formação dos licenciandos em Química... Qual o período que você está cursando?

(Bolsista 4): - Quinto período.

(Laís): -Então você está na metade do curso... pode-se dizer?

(Bolsista 4): - Sim... teoricamente sim... mas tem disciplinas que eu “tô” pegando do terceiro.. quarto período.

(Laís): - Quanto tempo você tá no programa?

(Bolsista 4): - Eu “to” no programa.... entrei no programa em março de 2014... então tem 8 meses...

(Laís): -Você entrou março de 2014, não?

(Bolsista 4): -Ah, sim... tenho um ano e oito meses...

(Laís): - **Vamos um pouco sobre sua participação no programa... quais atividades você desenvolve na escola?**

(Bolsista 4): - Nosso projeto é voltado para ação de monitoria... experimentação e feira de ciências... essas são as atividades que a gente desenvolve.

(Laís): - **E como elas são desenvolvidas?**

(Bolsista 4): - Olha, as ações de monitorias... elas sempre... antecedem o início do ano... no primeiro semestre porque quando se aproxima sempre da data próxima a feira de ciências... a gente foca mais a experimentação... os alunos propõe alguns experimentos ou a gente... e a gente trabalha nesses experimentos... então assim... essa parte da monitoria que é revisar... ajudar eles nos assuntos... revisar os assuntos... questões se eles tiverem algumas dúvidas, por exemplo trazer pra gente... mas no início do ano que a gente tem mais tempo e a gente pode fazer isso... quando se aproxima a feira a gente foca mais a questão da feira... mas assim... é sempre puxando pro assunto dele... essa é a forma que a gente trabalha lá no colégio.

(Laís): - **Então você tá me falando que a monitoria serve como revisão dos conteúdos que o professor dá em sala de aula?**

(Bolsista 4): - Sim... não que a gente vá dar uma aula “né”... que algumas vezes a gente acaba praticamente dando uma aula...

(Laís): - **Por que isso acontece?**

(Bolsista 4): - Porque muitas vezes é...o colégio... além da estrutura “né”... em questão de estrutura curricular... tem toda a questão de falta de professor... por exemplo... ele não tá pegando todas as turmas... acontece greve... então eles ficam atrasados nos assuntos... então a gente vai explicar um assunto... não sei se é pelo tempo corrido do professor ou pouca absorção do conteúdo... os alunos ficam bem vagos em relação ao conteúdo da disciplina... ao contrário... a gente tem que dar aquela revisão bem detalhada de teoria e aí vai explicando o porquê... aí gente dar quase uma aula... finda aquela coisa do aluno chegar com alguma dúvida... algumas vezes eles trazem a dúvida... mas a gente tem que puxar o carro mesmo... não, olha... hoje vamos dar tal assunto hoje... a gente começa falando e acaba puxando para irem interagindo para aprender... a gente sempre prefere dar um assunto que o professor já tenha dado na aula... mas já aconteceu da gente falar um assunto que eles ainda não tenha visto que foi o que aconteceu no início do ano... eu não sei se foi o período da greve... ou alguma coisa assim...que a gente entrou na sala e eles não tinha visto assunto nenhum... aí então vamos dar o primeiro assunto do livro deles... aí a gente deu... acabou fazendo o papel do professor... mas a gente sempre foca pra eles... nós não estamos aqui para dar aula... a gente tá aqui para tirar dúvidas de vocês... se vocês não entenderem alguma coisa... alguma questão que vocês queiram resolver do livro... mas não é dar aula.

(Laís): - **Você tá me falando que monitoria tem o ano todo ou até a prévia da feira?**

(Bolsista 4): - Sempre alguns meses antes da feira... a monitoria é sempre mais focada... do Hamilton (Colégio onde desenvolve as ações) antes da feira... porque também não tem como a gente na verdade... agora nesse ano a gente tá dando monitoria dia de sábado e o professor tava cedendo uma aula de cada mês pra gente.. a gente dar monitoria... ou seja... a gente tava tirando uma aula de química pra gente dar monitoria... então assim.. nós não temos horário no qual a gente possa frequentar mais à escola... além das nossas disciplinas que muitas vezes

acarreta... que os horários não se encaixam com os dele lá (o professor da escola)... então tem a questão que o horário não disponibiliza por exemplo... como tem colégios que disponibilizam de outros programas na grade dele... como o pessoal que trabalha no Atheneu... eles tem os horários... mais dias para dá aula... para você ter uma noção a gente tá indo de sábado dar monitoria para poder ter um horário maior... então imagine se a gente tivesse só uma vez por semana... alias... uma vez a cada mês “né”... não se faz muita coisa.

(Laís): - E como vocês trabalham essa questão da experimentação no Pibid?

(Bolsista 4): - Esse ano a gente propôs o seguinte... vamos trabalhar experimentos dos assuntos dos alunos... ou seja... teve toda essa questão da greve... então eles perderam muita coisa... então o que eu propus ao professor... vamos pegar o livro dele... primeiro e segundo ano... que são os anos que a gente tá trabalhando agora... e a gente vai pegar os assuntos distribuir os tópicos no quadro dos assuntos... como é formado o grupo... a gente fez o seguinte... você escolhe um tema e a gente vai trabalhar um experimento relacionado com esse tema... por exemplo se for cinética... seu experimento é voltado para cinética... então você via estudar o assunto de cinética que tá no seu livro para não dizer.. ah, professor eu não achei na internet...não... você já tem um livro que já tem isso... mas além disso que propus o seguinte... você precisa usar isso no cotidiano que isso tem a ver no seu dia-a-dia ou pra sociedade... tem uns alunos mesmo que eles “tavam” trabalhando que era do primeiro ano e eles propuseram experimentos do segundo ano... então eu recomendo que você estudarem os assuntos e darem conta... a gente deixa... mas além disso que a quero a produção do gás hidrogênio a partir da eletroquímica do processo de oxidação... mas vocês vão me dizer o contexto... a aplicação do gás hidrogênio... no que hoje a sociedade... por exemplo... é um combustível renovável... o porque da dificuldade em se ter carros que usam hidrogênio... então, contexto históricos... eu preciso que eles vejam a importância da química no seu dia-a-dia ou na sociedade...não mera... eu vou e aplico a teoria...a definição e já foi explicado o experimento... não eu quero uma aplicação do dia-a-dia...

(Laís): - E qual é a sua relação com os alunos com a escola parceira ao programa?

(Bolsista 4): - Acho que melhor impossível, sabe... é gratificante... é uma pena que o tempo é pouco e a gente acaba vendo um a duas vezes no mês... acontece que as vezes o professor chega e fala...ah, vocês podem dar monitoria tal dia...e sempre que posso... sempre que a gente pode a gente vai... mas assim é... aquela de coisa de... eu não fico lá plantado falando...não... tem toda uma interação porque eu questiono e espero a pergunta mesmo que seja errada e aceito aquilo e... descontraio... não deixo que a pergunta do aluno faça ele se calar... porque era uma resposta errada... vocês já passam a semana inteira estudando e chega lá dia de sábado e tem um professor bererê...”bererê”...”bererê”... não... eu busco ter essas descontração... a aproximação deles porque a questão que eles tem é aquele professor de química tipo... química... tem todo esse contexto de bicho de sete cabeças então... o professor já passa a ser bicho de sete cabeças então... eu tento aproximar... ser amigo dele, sabe... aquele amigo só um pouco a mais do nível deles... então eu não deixo ficar essa coisa mais densa... tento deixar mais descontraído possível.

(Laís): - E a sua relação com os coordenadores e os professores supervisores da escola?

(Bolsista 4): - É boa... é muito boa (risos)... o professor claro tem um tempo corrido porque ele só não dá aula lá... dá aula em outras escolas...

(Laís): - Você fala o professor supervisor?

(Bolsista 4): -É... o da escola... mas assim... ele sempre acata nossas ideias... eles sempre propõe também...nos orienta... nos ajuda e sempre que ele precisa dá uma informação ele passa a informação antecipada pra gente... de alguma coisa que esteja acontecendo... então ele procura ser o mais atencioso possível quando ele pode e... nossos coordenadores são excelentes... se você precisa tirar uma dúvida ou orientar... eles falam façam dessa forma ou propõe alguma coisa pra gente.

(Laís): - Você observa alguma possibilidade de integração, no caso uma articulação entre as atividades desenvolvidas no Pibid com as disciplinas do curso?

(Bolsista 4): - Sim... teve a disciplina metodologia e instrumentação para o ensino de Química... eu aprendi muito sabe... em relação de parte das concepções alternativas dos alunos... ter que considerar que não há uma substituição do conhecimento dele do conhecimento científico mas... uma junção de ambos... e uma questão de como se trabalhar esse mundo invisível... porque tem toda essa questão deles verem a química como coisa palpável...coisa visual... você tem que ter todo esse cuidado para que ele transite entre o macro e o micro e essa disciplina ela mostrou muito como você puder fazer isso né... explicar o que são modelos e teorias que sustentam... então é claro que só peguei 2 da área de ensino... eu não peguei o estágio mas... eu sei que ainda vai me ajudar mais ainda... tipo...fazer a relação aquilo que eu “to” fazendo com o Pibid e com as disciplinas voltadas para o ensino de Química.

(Laís): - O programa tem como objetivo melhorar a formação docente oferecendo bolsas aos estudantes... você acredita que este objetivo está sendo alcançado em sua formação inicial? (Repetição da pergunta por um gesto esboçando a falta de compreensão da mesma).

(Bolsista 4): - Olha... é óbvio sabe... não tenha um colega meu que faça Pibid e que não tenha falado bem do programa... porque você aprende com a prática... você aprende com o orientador... com seu coordenador... você aprende com a convivência... a troca de conhecimentos... a troca de ideias e assim... isso começa ser uma bagagem que quando você chegar no final do curso você não ter aquela insegurança “né”... você já vai ter toda a questão da vivência... então a contribuição são pontos positivos...

(Laís): - Em sua opinião quais características o professor precisa para ser considerado um bom professor?

(Bolsista 4): - Ahh... então... o professor precisa claro saber o assunto... ele precisa saber química claro... mas eu acho que o professor tem que tá atento a essa questão a pesquisa voltada para o ensino de Química porque não existe claro um único método... ah, eu sou um professor que chego lá e faço dessa única forma e funciona... não... tem situações que você tem que ter metodologias diferentes... então você precisa ser um professor antenado a essas questões de metodologias diferentes (repetição)... o professor que se atenha cada vez mais inovar... o professor que ele se compromete com... manter uma boa relação entre aluno e ele claro... porque não adianta ele chegar lá na frente com uma postura de detentor do conhecimento e se fechar... isso não vai ajudar na questão na mediação do conhecimento...o professor que “teja” atento as questões da sociedade “né”... que ele traga a química que tá próxima do aluno... olha... eu vou dá isso pra você porque tem alguma consequência... o professor que consiga por exemplo... é...digamos onde o aluno mora tenha grande questão do lixo... então por que não o professor quando trabalhar seja o assunto de polímero não conscientizar esses alunos?... é o professor que esteja atento as questões da sociedade... atento

as questões de novas metodologias... atento as pesquisas no ensino de Química... como tá funcionando a questão de estudo sobre concepções dos alunos... professor que não esteja simplesmente interessado em... eu vou pra minha aula... dou aquela aula seca e vaga apenas com o conteúdo de química pura... que não tenha nenhuma aplicação... e ah... porque eu quero receber só o meu no final do mês... acho que esse é um bom professor.

(Laís): - Em outras palavras você quer dizer que o bom professor na verdade precisa trazer assuntos, fatos para associar a química com a contextualização?

(Bolsista 4): - Sim, sim.

(Laís): - Esse é o caminho?

(Bolsista 4): - Sim... é.

(Laís): - E quem trabalha de forma tradicional... você acredita que ele não é considerado um bom professor?

(Bolsista 4): - (Silêncio por alguns segundos ao responder a pergunta)... olha... digamos assim... depende daquilo do que você já viu... por exemplo... se eu sou um aluno que só “to” acostumado ao ensino tradicional e eu não tenho conhecimento de uma outra forma de ensino e aprendizagem “né”... que foi o meu caso... então assim... meu bom professor foi sempre aquele que ele tenta manter essa relação de levar em consideração aquilo que o aluno sabe... não mínimo isso... é aquele professor que ele lança um simples pergunta e daí ele começa formular uma questão maior... é um professor que ele consegue conversar aos seus alunos mesmo um assunto fora do assunto da Química... levando a questão da ética e da moral.. então isso pra mim eu sempre considerei um bom professor... mas depois que você tem um ensino que ele é tradicionalista e depois aparece um outro professor com a metodologia totalmente diferente você vai dizer... poxa... ele era um bom professor... mas esse é melhor... entendeu... tem essa questão.

(Laís): -Entendi... Você falou que está na metade do curso e conseqüentemente não pegou o estágio... mas pelo o que você ouvi falar durante a sua grade... em eventos científicos... sobre debates entre Pibid e estágios... em sua opinião eles tem os mesmos objetivos?

(Bolsista 4): - Olha... primeiro... o Pibid ele tem em sua... no seu edital “né”... vários objetivos que é aprimorar essa formação inicial... valorizar o magistério... vários outros... incentivar a licenciatura... e estágio é... digamos assim.. a gente trabalha com uma área que você tem que fazer e o estágio é mais algo voltado pra... você precisa ter uma carga horária do fazer... você precisa ir lá na escola e precisa ver como o professor dá uma aula... você precisa aprender como planejar uma aula... você precisa dá uma aula... é o fazer... o Pibid a gente tem o fazer... mas é... digamos assim... você não vai com essas responsabilidade do peso de dizer assim... poxa... eu tenho que tá aqui mas... eu tenho que saber tudo... aquela sensação de meu Deus vou passar por um aperreio “né”... pelo menos o nosso projeto que é voltado a experimentação no ensino não... a gente vai lá... claro que a gente já revisou os assuntos mas você vai com a sensação de... eu vou pra fazer algo diferente né... eu não vou com algum parametrizado... que eu tenho que chegar lá e ficar sentado e assistir aquela aula daquele professor porque depois eu tenho que propor um relatório e mostrar ao meu professor porque aquilo vale nota... não... a gente vai com algo que a gente pode mudar... totalmente diferente... se eu quiser a gente pode entrar no laboratório... subir para sala... ou se não tiver sala a gente

pode descer pro laboratório... o Pibid é isso... é você fazer coisas diferentes... melhorar digamos assim... a vida do aluno... aluno de química.

(Laís): - E o estágio de certa forma não possibilita isso?

(Bolsista 4): - Não... não possibilita.

(Laís): - Por quê?

(Bolsista 4): - Até onde eu conheço o estágio... ele está na nossa grade curricular da licenciatura como algo obrigatório... você tem que cursar as disciplinas para se formar no curso e o estágio ele não deixa ser apenas uma disciplina... você tem que cursar aquilo... você não vai para sala de aula fazer aquilo que você quer fazer ou propor pro aluno... não... você tem que cumprir algo que seja restrito... mais restrito possível... digamos assim... você é mais impossibilitado de fazer o seu querer... Pibid a gente tem algo mais maleável... você precisa seguir claro o seu planejamento... mas você pode fazer coisas diferentes... você pode levar um experimento no dia que você quiser... o estágio não... pelo menos até eu conheço né... o estágio tá mais voltado a uma disciplina que orienta o aluno como planejar uma aula... a questão de você se preocupar com o tempo... você tem que dá uma aula com 45 minutos... é claro que o estágio ele trabalha com artigos... experimentos voltados para o ensino de Química ou para educação... mas no Pibid a gente também faz isso... a gente ler artigos... a gente discute artigos e o Pibid veio para somar.

(Laís): - Existe algum ponto importante que acha que poderia ser revisto no programa... alguma dificuldade?

(Bolsista 4): - Não... não vejo problema ou dificuldade (silêncio total por alguns instantes)... olha... o colégio que a gente trabalha ele claro não tem a melhor estrutura “né”... mas a gente tem um laboratório... a gente tem poucos reagentes... então sempre acaba que a gente fica contribuindo com reagentes... ou seja, reagentes desses de supermercados que você leva para fazer os experimentos ou até mesmo da universidade... talvez existisse um cadastro específico onde esse colégio recebesse um apoio maior por parte da Capes por exemplo... ou MEC... por eles ter alunos do Pibid lá para realizar essas atividades... por exemplo... de se preocupar mais com a questão de estrutura... questão de melhorar a questão do currículo da própria escola... digamos assim... olha... a gente precisa selecionar como a gente tem esses alunos que desenvolve metodologias diferentes... a gente poderia selecionar um horário... uma vez na semana para que esses alunos pudessem desenvolver algum tipo de atividade com esses alunos ou então receber uma maior verba pra uma questão de comprar reagente... pra questão de você ter tudo porque sempre acaba que a gente... esse dia mesmo no laboratório a gente foi fazer um experimento... precisava de um fósforo e não tinha... aí teve que sair correndo para poder comprar porque senão iria perder tudo para não voltar pra casa sem fazer o experimento “né”... é mais uma questão de o Pibid de certa forma digamos... assim ajudar ainda mais essa escola com uma verba.

(Laís): - Qual o impacto já que você falou das possibilidades e dos pontos positivos... qual o impacto do possível fim do programa para escola participantes e para a formação dos licenciandos?

(Bolsista 4): - A primeira questão... as vezes eu digo para os alunos o seguinte... vocês estão tendo uma oportunidade que eu não tive... primeiro quando eu tive química... foi do terceiro ano então... química do primeiro e segundo ano eu não sei o que é isso... um experimento... eu nunca vi um professor meu dissolver um sal na água e você ver que faz tanta diferença... que

... você trabalhar tanta coisa com os alunos... ah, então assim... pra escola isso já vai ser uma grande perda... primeiro... geralmente a falta de professor por exemplo... a tarde eles não tem aula de química... o professor não teve como pegar as disciplinas... mas a gente já convidou os alunos que se eles quiserem participar de monitorias e quiserem participar da feira eles podem participar... então assim... eles mesmo sem professor de química eles podem participar... tipo... continuar tendo assuntos de química... claro que eles não vão ver uma forma como o professor dar em sala de aula e o fato da gente ir apenas para uma questão de dúvida pra uma questão mas... se for um aluno capaz de pegar uma questão e chegar pra gente e perguntar... por que isso... vai ser muito bom pra ele... ele tem com quem perguntar... ou então se ele disser assim... professor, como um experimento... por exemplo... eu tenho essa teoria... essa teoria me diz... prever isso “né”... a teoria tem a função de prever alguns acontecimentos... eu posso fazer um experimento para tirar uma dúvida para saber o que esse livro tá querendo dizer... pro exemplo... a protonação de um ácido e você tem uma reação exotérmica... professor... eu posso ver essa reação exotérmica?... você pode fazer isso... porque a gente tá lá e a gente pode fazer isso... digamos assim... a gente não... mas eu posso pedir para acompanhar ele e ele verificar “né”... e pra gente seria... pelo menos eu já tive uma boa experiência “né”... um ano e cinco meses já é uma vivência muito grande... então digamos assim... mas mesmo que acabe agora isso já vai ser ruim pra gente... primeiro... por mais que você termine a sua graduação... você não é o melhor profissional... por mais que você tenha passado mais de cinco anos em uma universidade... que você tenha visto todas as disciplinas... então assim... você tem que sempre tá atento... você tem que fazer um curso de especialização... você tem que tá frequentando eventos... então... o Pibid é como se fosse isso... se o Pibid acabar agora é como se interrompesse de algo que a gente tá construindo pro final... e que a gente quer continuar sempre fazendo “né” isso... e se acabar agora imagine para que não teve essa oportunidade... eu sempre digo... vai ter sempre uma diferença entre o aluno da licenciatura de Química que faz o Pibid e uma iniciação científica se for o caso pro aluno que não faz nada... é óbvio... o aluno pode ter a maior MGP... 10... mas se ele não faz nada disso ele não sabe a questão da... ele não sabe a convivência com outras pessoas... relacionar com outras pessoas... de como é... digamos assim... ter logo essa aproximação de aluno-professor... que eu sei que quando chegar no final do curso... se eu for dar uma aula... eu não ter o mesmo medo de quando eu entrei no Pibid... eu apavorava... professora o aluno vai me perguntar e eu não vou saber responder não porque eu não sei mas o nervosismo vai tomar conta... e vai dar aquele “branco” e eu não vou saber responder... não... hoje eu chego na escola tão tranquilo e as vezes o aluno vem me perguntar uma coisa que sai naturalmente... eu não fico com aquela coisa “preta” eu tenho que saber a definição ao pé da letra... não... tem coisas que você explica melhor com a definição e depois você dar um exemplo... mas tem certas coisa que é muito mais fácil pra ele entender... se você só dar um exemplo... agora imagine se o Pibid acaba... então você acaba tendo essa vivência de aprimorar o seu currículo a sua formação... desse convívio com outras pessoas... por exemplo... o fato de você tá no Pibid e você chegar dizendo... olha, sou aluno da Universidade Federal... a gente é da Química... a gente desenvolve ações de monitorias... teria como disponibilizar o laboratório pra gente?... não se preocupa que a gente vai tomar todas... então assim... é a questão do próprio diálogo entre pessoas diferentes... você perde se você só aquele aluno de casa e sala de aula... casa e sala de aula... você não vai ter isso... e o Pibid tem esse diferencial de você puder ter esse convívio.

(Laís): - Então você acha que o Pibid impacta de forma positiva na formação desses licenciandos e pra própria escola também?

(Bolsista 4): - Com certeza.

(Laís): - Você gostaria de acrescentar algo em nossa entrevista?

(Bolsista 4): - Olha... eu sempre digo que poderia ficar calado, mas eu também faço parte da iniciação científica e isso é tanto importante quanto o Pibid então... eu digo assim... o aluno de química licenciatura ele não deveria fazer somente a iniciação á docência... isso já é muito ponto... mas o aluno que ele pode fazer uma... nem que seja um semestre... uma vivência de laboratório... ele vai ver que vai fazer muita diferença... porque você tem aquela aplicação teórica de... você tem que seguir um padrão rígido na iniciação científica... então uma coisa é você preparar uma solução para um aluno de hidróxido de sódio... que muitas vezes não interessa a concentração molar porque você precisa produzir um gás “né”... você precisa demonstrar ali pra ele... e outra coisa é você dizer assim... você precisa considerar 3 casas na balança e aquele 89 no final não pode ser 90... tem que ser 89 “né”... é uma questão de dizer assim... é meio que lapidar ainda mais essa questão do conhecimento científico e eu creio que o aluno ainda saia bem mais preparado... não que o aluno que não fez iniciação científica ele não sabe... não... claro que ele sabe muito... mas eu acho que é muito importante para o aluno de química... a química é uma ciência experimental... então assim... vamos ver a aplicação disso realmente que você possa defender aquilo... não... você precisa ser convicto que a química é muito importante e que sem ela a sociedade não vai ao progresso.

(Laís): - Mas você não poderia trabalhar com essa questão da experimentação no próprio programa de iniciação a docência?

(Bolsista 4): - Não... a gente já trabalha com a questão da experimentação... claro.

(Laís): - A experimentação que você tá falando mais aprofundada também de certa forma.

(Bolsista 4): - Por exemplo... tudo bem... eu volto pra questão de rádio terapia... eu trabalho com radioatividade... se eu não tivesse por exemplo nessa pesquisa eu não ia saber tanto quanto eu sei de radioatividade e outros assuntos... porque assim... na hora que você vai para a aplicação é a hora que você sente que aquela disciplina não foi o suficiente pro aluno aprender isso... você precisa estudar um pouco mais... mas eu não tô falando só nesse sentido de você precisar só encontrar a aplicação... mas a própria vivência do laboratório... veja só... a agente tem o laboratório no primeiro período e depois a gente só vai ter um ano depois... que foi na Orgânica II... então veja só... é muito longo... e outra... a quantidade de horas não é tão grande como você deveria... por exemplo... pra um aluno de química realmente ter uma boa formação em química... o Pibid sim... ele ajuda e contribui e muito... mas eu quero dizer assim... uma coisa é você chegar aqui e dizer assim... eu preciso limpar aquela estufa... o que eu devo fazer para limpar aquela estufa?... porque se o professor for pra sala também... e ele precisa também saber... são pequenos detalhes que vão fazer toda a diferença sabe... e você aprende isso na iniciação científica... é toda uma questão de você trabalhar com vidraria... eu só “to” dizendo isso porque o laboratório que a gente tem nas disciplinas não é o suficiente pro aluno aprender a química pura experimental... não é o suficiente... pra quem faz iniciação a docência... claro que tem toda essa questão de você ter uma oportunidade de trabalhar esses experimentos... você trabalhar com vários reagentes que você vai acostumando e isso é muito bom também... ajuda muito... mas imagine por exemplo... um aluno que não tem iniciação a docência e ele tem assim um laboratório... a cada um ano você tem um laboratório... uma disciplina que tem um laboratório... você não vai ver tudo o que você deveria ver de laboratório... a gente quando vai ver uma titulação... gente... acho que se me perguntar coisa da titulação do primeiro semestre eu não sei dizer não se eu sei mais nada como fazer uma titulação... então assim... fica bem vago... o nosso laboratório deixa muito a desejar... eu acho

as disciplinas de laboratório muito poucas para a nossas grade... eu acho que deveria ter mais laboratório... pelo menos um laboratório em cada período... em cada período a gente ter um laboratório e isso sim já fazia toda a diferença... é só uma questão de acrescentar sabe... não que o aluno que não fez iniciação científica coitado ele não saiba de nada... não vai ser um bom professor... não... não é isso... é só uma questão de acrescentar ainda mais o nosso currículo e obter uma aprendizagem maior.

(Laís): -Pibid e iniciação científica?

(Bolsista 4): -Isso.

(Laís): - Você consegue ver se um é melhor que o outro?

(Bolsista 4): - Não...não... um não é melhor que o outro... mas digamos assim... que ambos juntos é fechar com chave de ouro o curso. Acho que se você tiver oportunidade fazer... nem que seja um semestre e que todo dia você “teja” presente no laboratório você veja como é a rotina do laboratório... isso já vai ser muito positivo... mas claro... o Pibid pra gente da licenciatura é maravilhoso claro... é maravilhoso... mas o que eu acho assim... não sei porque sempre foi a minha vontade em fazer iniciação científica... porque eu queria pra química... eu quero sair do meu curso sabendo química... assim como novas metodologias... tudo que a gente ver durante esse programa... mas eu acho super empolgante sabe... pra mim é muito prazeroso ir para o laboratório nem que seja pra vim lavar a vidraria que ficou suja de dois dias atrás... (risos)... mas é prazeroso... não fica só você... só vou pra aula... pra casa... pra biblioteca... pra aula... pra casa... claro que o Pibid a gente tem o laboratório que a gente pode usar e tal... mas eu me refiro... hoje eu quero ver se eu consigo fazer uma coisa diferente... você vai lá e ler alguma coisa na literatura e você vai dar tudo errado... aí você... “poxa”... dar tudo errado... aí você vai ter que ver onde você errou... foi a concentração de ácido que você botou demais... foi um reagente que você botou de menos... é a água que tá contaminada... é coisa que você consegue perceber com a prática de laboratório...

(Laís): -Ok... desde já te agradeço... obrigada pela colaboração em minha pesquisa.

(Bolsista 4): -Eu que agradeço... muito obrigado.

(Laís): -Bom, boa tarde!

(Bolsista 5): -Boa tarde!

(Laís): - Vamos dar início a nossa entrevista que consiste analisar os impactos do Pibid na formação dos licenciandos daqui da UFS e do IFS... Qual o período que você está cursando?

(Bolsista 5): -Quinto período.

(Laís): - Quanto tempo você tá no programa?

(Bolsista 5): - No Pibid aproximadamente um ano e oito meses...

(Laís): - Você poderia falar um pouco sobre sua participação no programa?

(Bolsista 5): - Bom, nós do Pibid trabalhamos com a elaboração de oficinas temáticas e depois elas elaboradas... elaboração do material didático nós aplicamos nas escolas... eu já

elaborei uma oficina temática... que tinha como tema a química do bafômetro e a segunda agora que tinha como tema sabões e detergente... a nossa participação nas escolas é justamente essas aulas em forma de oficina temática.

(Laís): - Como as atividades estão sendo desenvolvidas de fato? Tem reunião... planejamento... como vocês fazem até chegar na escola?

(Bolsista 5): - Para chegar até a escola... primeiro nós preparamos todo material químico... nós desenvolvemos material didático que engloba os conceitos químicos que serão abordados... depois nós discutimos esses conceitos e quais conceitos sociais poderiam então ser abordados dentro dessa oficina... preparamos então o material em forma de Word que passa pela revisão do orientador para que depois esse material se transforme de fato em aula... e junto a isso nós também separamos quais ferramentas vamos utilizar para somar com nossa aula até que nós cheguemos até a apresentação... e essa apresentação passa também pela revisão da orientadora tanto da escola quanto a nossa orientadora do Pibid e é apresentado para os demais bolsistas.

(Laís): -Qual a sua relação com os alunos na escola parceira ao programa?

(Bolsista 5): - É uma relação boa... amigável... eles tem bastante respeito por nós enquanto bolsistas... nós sempre vamos aos colégios devidamente fardados então eles nos respeitam... temos o respaldo da professora também... então nós temos uma boa relação aluno-professor e uma relação também de pessoa no bom convívio.

(Laís): - E a sua relação com os professores e coordenadores do programa?

(Bolsista 5): - Também nós temos uma boa relação... a minha supervisora participa das reuniões que temos aqui no laboratório e também nos dar todo suporte lá quando vamos realizar as atividades na escola.

(Laís): -Você observa alguma possibilidade de articulação entre as atividades desenvolvidas no programa com as disciplinas do curso?

(Bolsista 5): -Em algumas disciplinas nós especificamente da área de ensino... nós enxergamos melhor a aplicabilidade daquilo que desenvolvemos nas oficinas temáticas e no Pibid... algumas disciplinas nos são solicitadas a elaboração de oficinas temáticas, elaboração de material didático, apresentação de experimentos... são essas coisas que estão mais dentro da nossa vivência enquanto bolsista do Pibid.

(Laís): - O programa tem como principal objetivo melhorar a formação docente e oferece as bolsas aos licenciandos... você acredita que esse objetivo está sendo alcançado?

(Bolsista 5): - Eu acredito... desde que eu entrei no programa... toda minha visão de ensino ela tem sido ampliada... o leque de oportunidade começou a surgir através da participação... e ele tem acrescentado e muito na formação... seja na elaboração dessas aulas... na elaboração de material didático... na pesquisa em si... e também na elaboração e produção de material acadêmico na forma de artigo... tudo isso tem juntado e somado na minha formação enquanto docente.

(Laís): Em sua opinião quais características o professor precisa para ser considerado um bom professor?

(Bolsista 5): - Para ser considerado um bom professor... primeiro é sempre conhecer o que ele fala... do que ele ensina... ele tem que dominar o conteúdo... também precisa ter uma boa didática precisando sempre tá... tem que ser um bom observador... porque você tem que ver se as aulas que você está dando... todo material que você tá preparando tem de fato contribuído para a formação daquele aluno e o professor tem que ser bastante reflexivo... mas tendo habilidade no conteúdo... e eu acredito que querendo sempre ser melhor você pode ser um bom professor... enfim...

(Laís): - Para você o Pibid e os estágios tem os mesmo objetivos?

(Bolsista 5): - Se tem os mesmos objetivos... (momento reflexão sobre a pergunta)... eu ainda não cheguei nos estágios supervisionados... aí eu não tenho uma boa base para falar sobre isso... mas eu acredito que eles devem encaminhar com parceria porque o Pibid antecipa o contato com a escola e o estágio só te dar o direito de ir à escola quando você de fato começar a cursar a disciplina... eu não sei se tem o mesmo objetivo mas devem andar juntos...

(Laís): - Existe algum ponto importante que poderia ser revisto no programa... alguma dificuldade?

(Bolsista 5): - Eu acredito que trabalhar com o eixo da oficina temática é importante mas eu não acredito que só oficina temática seja a solução de todos os problemas... então se nós pudessemos abri um pouco mais o leque... não focarmos somente nas oficinas... poderíamos ter um programa melhor que ampliasse mais áreas... mais ações também... e eu acredito que o convívio na escola poderia ser um pouco mais frequente... que nós demoramos um certo tempo para ir à escola... enquanto o material não está sendo elaborado nós continuamos sem a vivência na escola... então nós poderíamos ter... mas assim que o material está pronto nossa vivência na escola começa a aumentar.

(Laís): -Mas explique... inicialmente você entra no programa?

(Bolsista 5): -Sim.

(Laís): - Você tem o tempo de elaboração do projeto?

(Bolsista 5): - Isso.

(Laís): - Depois vão para escola?

(Bolsista 5): - É

(Laís): - Aí outro projeto tem que ser feito... nesse tempo você ficam na universidade?

(Bolsista 5): - Isso... elaborando outro material até que fique pronto e nós começemos a ir para a escola.

(Laís): - E como é que esses alunos entendem essa pausa? Eles entendem? Eles têm dificuldades? Eles mantêm o contato com vocês?

(Bolsista 5): - Eles mantêm um contato porque como as oficinas temáticas elas trazem uma nova abordagem de ensino... então, eles começam a se aproximar mais... mas, nós elaboramos um trabalho específico para cada série do ensino médio... então, nós trabalhamos a primeira série... nós temos uma oficina temática que passa por diversas séries... 1ª A, B, C... enfim... posteriormente, preparamos um material para o segundo ano e agora pra terceiro ano...

(Laís): -Entendi... Qual o impacto do possível fim do programa para as escolas participantes e para a formação dos licenciandos?

(Bolsista 5): - É um impacto muito grande... porque o Pibid tem sido... em outras palavras uma “mão na roda” na educação porque tem ajudado os professores... ajudado os alunos... tem mostrado as escolas uma nova abordagem de ensino... tem melhorado a formação daqueles que participam do projeto... e não só os bolsistas ganham com isso... com experiência... mas os professores começam a olhar o ensino de uma forma não tão tradicional... e começam a querer essas novas metodologias de ensino e as escola também ganham com isso porque os alunos se sentem mais motivados a participar tanto de projeto de pesquisa quanto a área do ensino especificamente Química... então a ausência do Pibid nas escola traria um grande retrocesso para o ensino assim como a criação do programa foi um grande avanço para as escolas e para o ensino.

(Laís): - Você gostaria de acrescentar algum em nossa entrevista?

(Bolsista 5): - Dizer que sou muito feliz em ser bolsista do Pibid... no mais todos os meus pensamentos que tenho em relação ao programa é que tá contribuindo muito pra minha formação e eu acredito que nós deveríamos ceder mais oportunidades a outras pessoas porque o programa é bom e que outras pessoas pudessem ter essa vivência.

(Laís): - E assim a gente encerra a nossa entrevista. Muito obrigada!

(Bolsista 5): -Por nada!

(Laís): -Bom... boa tarde!

(Bolsista 6): -Boa tarde

(Laís): -Vamos dar início a nossa entrevista que consiste em analisar os impactos do PIBID na formação dos licenciando aqui na universidade e do instituto federal de Sergipe... inicialmente qual período você esta cursando?

(Bolsista 6): -O quinto.

(Laís): -Qual tempo que você esta no programa?

(Bolsista 6): -É (pausa) eu entrei no começo do primeiro período basicamente tem... vai fazer dois anos () em torno de dois anos.

(Laís): -Você poderia falar um pouco sobre sua participação no PIBID?

(Bolsista 6): -Sim, é... eu acho que a participação do PIBID foi de muita importância na minha formação uma que... eu acho que foi meu primeiro contato com a área de ensino antes mesmo do curso me proporcionar isso o PIBID já tinha me proporcionado foi um contato que eu acho que até hoje trás frutos muito bons na questão de ensino eu percebo que é... coisas que eu já tenho conhecimento mesmo antes do curso me proporcionar então eu acho () é uma... uma das vantagens o contato antecipado com a escola coisas que a gente esperaria chegar muito chegar no estagio pra ter e no PIBID a gente vai ter esse contato antecipado que com certeza é muito produtivo questões das publicações sem dúvida gente percebe que na graduação é complicado você ter um professor que lhe oriente que possibilite você ta fazendo

uma publicação científica pra por no currículo no PIBID a gente tem essa e possibilidade eu acho que o ramo a gama de possibilidade pra um licenciando aumenta bastante.

(Laís): -Quais atividades você desenvolve na escola?

(Bolsista 6): - É... a metodologia que nosso orientador adota é basicamente com as oficinas temáticas então nos passamos um tempo observando as aulas do professor vendo qual é metodologia que ele aplica o que os alunos estão acostumados porque a gente passa um tempo observando porque é importante pra nós também né quando formos professor ter um olhar externo e... depois nós vamos e fazemos a intervenção aplicando a oficina temática a gente passa um tempo planejando com nosso orientador com colegas e produz o material e aplica depois as observações.

(Laís): -Como realmente você desenvolve essas atividades tem um tempo de preparação na Universidade pra depois ir pra escola?

(Bolsista 6): - Isso.

(Laís): - Só que depois vocês retornam ou seguem com esse projeto a uma pausa nesse meio termo entre preparação e escola, escola preparação...

(Bolsista 6): - Na verdade é feito em duas etapas e... essas etapas se correlacionam um pouco por exemplo antes nós temos () da elaboração das oficinas a gente já começa a observar então ocorre de forma simultânea então enquanto a gente enquanto tá terminando as oficinas a gente já assistindo as apresentações então ocorre de forma paralela mas as apresentações são só final do da avaliação do material.

(Laís): - E quando vocês vão pra realmente validar esse contato qual a sua relação com os alunos?

(Bolsista 6): - Eu acho que depende de alguns casos do público que a gente vai ter né tem situações muito agradáveis muito boas entendeu que a gente conseguiu dialogar bastante que a gente sai achando que o objetivo da oficina foi obtido mas outros a gente percebe que a gente se limito ao que já tava planejado as vezes num é uma coisa que realmente a gente sente que os alunos aproveitaram sabe mas na maioria das vezes um ambiente dinâmico que a gente consegue ter uma noção do aluno aprendeu gosto a gente fica até sabendo que eles usaram esse conhecimento depois nas aulas é interessante.

(Laís): - E qual é a sua relação com os próprios coordenadores com os supervisores do programa?

(Bolsista 6): - “Unhum”, com os coordenadores eu acho muito boa com os orientadores (é os coordenadores são os orientadores) os orientadores, sim eu acho que é muito boa com eles com um deles eu não tenho tanto contato com o professor João Paulo que é meu orientador e a professora Midori muito interessante a gente as vezes eu ajudo nos nas atividades deles nas escolas então eu acho que é muito boa proveitosa eles são atenciosos com as nossas dificuldades e tal e com os supervisores das escolas é basicamente a gente se limitar do momento da escola e da reunião nós temos uma reunião semanal e quase sempre os superiores estão presente então eles dão certas contribuições mas sem que ninguém os oriente.

(Laís): - Você observa alguma possibilidade de articulação entre as atividades desenvolvida no curso com as atividades com as atividades desenvolvidas nas escolas?

(Bolsista 6): - No curso e na escola eu vejo mas eu acho que... é um pouco complicado por certas questões de tempo quantidade de alunos as vezes o professor não tem certo um muito tempo pra gerenciar uma quantidade maior de alunos o PIBID se torna mais fácil causar essa articulação de Universidade escola mas no curso em se eu acho que já é um pouco complicado porque... por essas limitações muitos alunos e as vezes não tem esse acompanhamento então de perto e... por uma serie de fatores isso acaba sendo uma coisa tão efetiva mas acho que pode existir sim essa articulação.

(Laís): - **No sentido do conteúdo (do conteúdo) você já consegue observar essa articulação?**

(Bolsista 6): -No curso assim é... um pouco eu acho que algumas disciplinas independente depende da metodologia que professor adote eu acho que alguns são mais do que outras mas realmente algumas disciplinas que eu já cursei eu acho que o aproveitamento pro pra minha futura profissão vai ser pouca...).

(Laís): - **O programa tem como objetivo melhorar a formação docente oferecendo bolsas aos licenciando você acredita que esse objetivo de melhorar a formação docente ele realmente esta sendo realmente atingido?**

(Bolsista 6): - Sem dúvida, eu acho que... as vezes a gente se preocupa os alunos que estão sendo tão vendo o material que a gente produz sejam beneficiados mas o objetivo principal do projeto é melhorar nossa formação e eu acho que sem dúvidas esse objetivo está sendo cumprido eu analiso por mim também então pela vivencia que sem duvida contribuiu bastante pra minha formação.

(Laís): - **Em sua opinião, quais características o professor precisa para ser considerado um bom professor?**

(Bolsista 6): - Eu acho que, às vezes o aluno tem aquela ideia daquele professor que deixa passar fácil, é o bom professor, mas às vezes aquele professor que mais lhe desafia é o melhor professor, não é? Então eu acho que esse professor é o que tem a habilidade de lhe instigar a estudar, não é aquele que passa o conteúdo da forma mais fácil é aquele que te dá vontade de chegar em casa e estudar, eu acho que às vezes com aulas interessantes, com aulas que questionam, que a gente tem a vontade de estar participando, quando ele abre o diálogo eu acho que são coisas que instigam a gente a estar sempre procurando chegar nessas aulas e poder contribuir. Então eu acho que é esse professor que estimula o diálogo.

(Laís): - **E você já tenta fazer isso em sala de aula com os meninos do PIBID?**

(Bolsista 6): - Sim, na verdade nós somos até instruídos a fazer isso. A gente tenta causar uma aula dialógica que os alunos, seja uma via de mão dupla, que a gente ensine mas eles também falem para a gente o que é que eles estão entendendo e a gente vai aprendendo com isso.

(Laís): - **Você já teve contato com estágio?**

(Bolsista 6): - Não. Eu estou no quinto período, ainda não tive contato, não.

(Laís): - **Pelo que você ouve falar sobre os estágios, você consegue interpretar que PIBID e estágio têm os mesmos objetivos na prática?**

(Bolsista 6): - “Unhum”...

(Laís): - **Você consegue ter alguma relação entre eles dois?**

(Bolsista 6): - Eu acho que sim, ambos têm objetivos, assim, não exatamente iguais, mas semelhantes. A melhora da formação gera um contato do discente, do aluno com a escola, mas às vezes as atividades no estágio demoram bastante tempo e são fragmentadas: Estágio 1 faz uma determinada atividade, Estágio 2, outra. No PIBID a gente já faz uma coisa mais integrada, a gente aplica material, produz artigo, analisa dado num espaço de tempo menor, eu creio. Então eu acho que o PIBID é uma coisa mais efetiva. Mas, existe correlação de atividades, mas eu acho que o PIBID faz uma coisa mais rápida por ter uma disponibilidade de tempo maior.

(Laís): - **Qual o impacto do possível fim do programa para as escolas participantes e para a formação dos licenciandos?**

(Bolsista 6): - Eu acho que muita. É... A educação tem muito a perder se o projeto vier a acabar porque tem a questão do incentivo da bolsa que faz muitos alunos permanecerem , ajudam, mas a formação, o conhecimento que a gente adquire, sem dúvida vai fazer a diferença quando nós formos professores. E quando nós vamos na escola, a gente percebe que os alunos gostam, os alunos aprendem mais e a gente fica sabendo de casos que os alunos aplicaram o conhecimento que a gente passou para eles, então, não só em situações de aula, às vezes situações fora da aula, então a gente percebe que o PIBID tem uma contribuição tanto na formação cidadã dos alunos como na nossa formação profissional, então eu acho que o impacto seria muito grande.

(Laís): - **Existe algum ponto importante que poderia ser revisto no programa?**

(Bolsista 6): - No programa?

(Laís): - **Alguma dificuldade...**

(Bolsista 6): - “Unhum”.. é... A gente enfrenta alguns problemas de falta de recursos, às vezes, recursos que chegam atrasados, então a gente nota um certo descaso, entendeu? A gente recebe nossas bolsas, mas alguns recursos que a gente poderia ter com mais facilidade, às vezes tem alguns impasses, alguns empecilhos, então a gente sente um pouco de descaso enquanto a isso. E eu não sei, às vezes uma articulação maior entre outros profissionais também. Tem os nossos coordenadores, mas às vezes poucos professores se envolvem com o PIBID. Então às vezes a contribuição de um professor de uma determinada área nem que não seja contínua, mas às vezes um horário diferenciado poderia ajudar muito na nossa formação, mas a gente nem sempre vê essa disponibilidade.

(Laís): - **Entendi. Você gostaria de acrescentar algo em nossa entrevista?**

(Bolsista 6): - É... eu acho interessante a questão de você ter citado o fim do projeto, que a gente tem se preocupado bastante com essa questão de bolsas que podem não ser renovadas, então eu acho que um dos principais objetivos de um governo deveria ser educação, que investe, diz que investe muito em educação mas a gente não vê tanto isso. Mas eu acho que quanto mais ser divulgado isso, quanto mais pessoas souberem que o PIBID existe.